



# SINAIS

*Estar em todo o lado é não estar em lado nenhum.*  
— SÉNECA

1.

Reece Gilmore passou a fumar por entre as ruelas estreitas de Angel's Fist num *Chevy Cavalier* em sobreaquecimento. Tinha no bolso duzentos e quarenta e três dólares e mais uns trocos, o que podia ser suficiente para tratar do *Chevy*, alimentá-lo e alimentar-se. Se tivesse sorte e o carro não estivesse seriamente doente, sobraria dinheiro para um quarto onde passar a noite.

Depois, mesmo pelos cálculos mais optimistas, estaria falida.

Assumi que as plumas de vapor que saíam do seu capô eram um sinal para parar de viajar por algum tempo e arranjar um emprego.

Sem preocupações, sem problemas, disse a si mesma. A pequena cidade do Wyoming aglomerada em torno das frias águas azuis de um lago era um sítio tão bom como qualquer outro. Talvez até melhor. Tinha a abertura de que ela precisava — todo aquele céu onde os picos molhados de neve dos Tetons se erguiam como deuses sóbrios e algo distantes.

Ela viera a vaguear na sua direcção, atravessando durante horas uma fotografia de Ansel Adams, com os seus picos e planícies. Não fazia a mínima ideia de onde iria parar, quando saíra nesse dia antes da madrugada, mas passara Cody, atravessara rapidamente Dubois e, embora tivesse ponderado a hipótese de se desviar para Jackson, mergulhara antes para sul.

Por isso, alguma coisa devia ter estado a puxá-la para aquele local.

Durante os últimos oito meses, ela desenvolvera uma forte crença em seguir sinais e impulsos. Curvas Perigosas, Piso Escorregadio. Era simpático que alguém se desse ao esforço e perdesse tempo a assinalar esse tipo de avisos. Outros sinais podiam ser uma peculiar inclinação da luz do sol a apontar para uma estrada secundária, ou um cata-vento a indicar o sul.

Se ela gostasse do aspecto da luz ou do cata-vento, segui-lo-ia até descobrir o que lhe parecia o local certo no momento certo. Podia instalar-se durante umas semanas ou, como fizera no Dakota do Norte, alguns meses. Arranjava um trabalho qualquer, percorria a região, depois partia quando aqueles sinais, aqueles impulsos, apontavam numa nova direcção.

Havia uma espécie de liberdade no sistema que desenvolvera, e muitas vezes — cada vez mais vezes — sentia diminuir o constante zumbido de ansiedade ao fundo da sua mente. Aqueles meses em que vivera consigo mesma, e essencialmente por si mesma, tinham tido mais sucesso em acalmá-la do que um ano inteiro de terapia.

Para ser justa, ela admitia que a terapia lhe conferira a base com que enfrentar cada dia. Cada noite. E todas as horas pelo meio.

E ali estava um novo começo, outro quadro em branco nos dedos cerrados de Angel's Fist.

No mínimo, tiraria uns dias para apreciar o lago, as montanhas, e para arranjar dinheiro suficiente para voltar novamente para a estrada. Um lugar como aquele — o poste de sinalização dizia que a população ascendia a 623 — provavelmente vivia do turismo, explorando a paisagem e a proximidade do parque nacional.

Devia haver pelo menos um hotel, provavelmente um ou dois *B and B's*<sup>1</sup>, talvez um rancho de turismo a uns quilómetros. Podia ser divertido trabalhar num rancho de turismo. Todos esses locais precisavam sempre de pessoas para transportar coisas, ou limpar, especialmente agora que o degelo de Primavera amortecia o mais agreste do Inverno.

Mas, uma vez que o seu carro estava a lançar sinais de fumo cada vez mais densos e desesperados, a sua maior prioridade era arranjar um mecânico.

Percorreu lentamente a estrada que debruava o contorno do longo e vasto lago. Remendos de neve criavam baços charcos brancos na sombra. As árvores tinham ainda o seu castanho invernal, mas havia alguns barcos na água. Ela viu dois homens de corta-ventos e barretes numa canoa branca, a remar directamente para o reflexo das montanhas.

Do outro lado do lago ficava o que ela decidiu ser a zona comercial. Loja de recordações, uma pequena galeria. Banco, posto dos correios, notou. O gabinete do xerife.

Desviou-se do lago para levar o carro em sofrimento para o que lhe pareceu ser o grande armazém de uma loja. Dois homens com camisas de flanela estavam sentados na frente, em cadeiras que lhes davam uma boa visão do lago.

Cumprimentaram-na com um aceno de cabeça quando ela desligou o motor e saiu, depois o da direita levou a mão à aba do seu boné azul que exibia o nome da loja: Mac — Armazém e Merceria.

— Parece que está aí com uns problemas, menina.

— Pois é. Conhece alguém que me possa dar uma ajuda com isto?

Ele pousou as mãos nas coxas e ergueu-se da cadeira. Era corpulento, rosado de rosto, com rugas que irradiavam desde os amigáveis olhos castanhos. Quando falou, a sua voz era arrastada e cantante.

— Porque é que não abre o capô, que eu dou uma vista de olhos?

— Agradeço muito. — Quando ela soltou o fecho, o homem levantou o capô e deu um passo atrás para evitar as nuvens de fumo. Por razões que

---

1 De *Bed and Breakfast*: Estabelecimento, tradicionalmente — mas não exclusivamente — em casas privadas, que oferece alojamento e pequeno-almoço. (N. da T.)

não saberia nomear, as nuvens e o barulho causaram a Reece mais embaraço do que ansiedade. — Dei por isso a uns vinte quilômetros, acho eu. Não estava a prestar muita atenção. Fiquei distraída com a paisagem.

— É fácil de acontecer. Vai para o parque?

— Ia. Mais ou menos. — Não era certo, nunca era certo, pensou ela. Tentava concentrar-se no momento em detrimento do antes e do depois. — Acho que o carro tem outras ideias.

O companheiro aproximou-se também e ambos os homens olharam para debaixo do capô como Reece sabia que os homens costumavam olhar. Com olhos sóbrios e caretas entendidas. Ela olhou também, embora aceitasse que estava a ser um verdadeiro cliché. A mulher para quem o que jazia por baixo do tejadilho do carro era tão estrangeiro como o solo de Plutão.

— Arranjou aqui uma fissura no tubo do radiador — disse ele. — Vai ter de o substituir.

Não parecia assim tão mau, demasiado mau. Nem demasiado caro.

— Há algum sítio na cidade onde o possa arranjar?

— Na garagem do Lynt arranjam-lhe isso. Quer que lhe telefone?

— Salvava-me a vida. — Ela ofereceu-lhe um sorriso e a mão, um gesto que se lhe tornara mais fácil com os estranhos. — O meu nome é Reece, Reece Gilmore.

— Mac Drubber. Este aqui é Carl Sampson.

— Vem do leste, não? — perguntou Carl. Parecia ter mais de cinquenta anos, mas estava em muito boa forma e devia ter algum antigo sangue índio misturado.

— Sim. Bem do leste. Da área de Boston. Muito obrigada pela ajuda.

— É só uma chamada — disse Mac. — Pode entrar e abrigar-se do vento, se quiser, ou ir dar uma volta por aí. O Lynt ainda pode demorar um bocadinho a chegar.

— Não me importo nada de dar uma volta, se não se importar. Talvez me pudesse indicar um bom sítio onde ficar na cidade. Nada de luxuoso.

— Há o Lakeview Hotel, um pouco mais à frente. O Teton House, do outro lado do rio é um bocadinho mais acolhedor. É mais um *B & B*. Também há umas cabanas à volta do lago e outras fora da cidade que alugam à semana ou ao mês.

Ela nunca pensava em termos de mês. Um dia era já desafio suficiente. E «mais acolhedor» soava demasiado íntimo.

— Talvez eu vá dar uma vista de olhos ao hotel.

— Ainda é longe. Posso dar-lhe uma boleia.

— Vim a conduzir todo o dia. Faz-me bem esticar as pernas. Mas obrigada na mesma, senhor Drubber.

— Tudo bem. — O homem deixou-se ficar mais um momento en-

quanto ela se afastava pelo passeio de madeira. — Coisinha bonita — comentou.

— Não tem carnes. — Carl abanou a cabeça. — As mulheres de hoje em dia passam fome para perder todas as curvas.

Ela não tinha passado fome para as perder, e estava, de facto, a fazer um esforço deliberado para recuperar o peso que perdera nos últimos dois anos. O seu corpo, outrora com a boa forma de uma frequentadora de *health-club*, passara a descarnado e era agora aquilo que ela via como desajeitado. Demasiados ângulos e pontos, demasiados ossos. Sempre que se despia, o seu corpo era como o de uma estranha.

Não teria concordado com o «coisinha bonita» de Mac. Não nessa altura. Em tempos pensara em si dessa maneira, como uma mulher bonita — elegante, sensual quando o queria ser. Mas o seu rosto parecia agora muito duro, com as maçãs do rosto demasiado salientes, as faces demasiado cavadas. As noites agitadas eram cada vez menos frequentes, mas, quando chegavam, deixavam os seus olhos escuros pesadamente ensombrados e lançavam uma palidez, pastosa e cinzenta, sobre a sua pele.

Ela queria reconhecer-se novamente.

Deixou-se ficar a deambular um pouco, os seus *Keds* usados quase silenciosos no passeio. Aprendera a não ter pressa — ensinara-se a não forçar, não correr, mas a absorver as coisas à medida que elas chegavam. E a abraçar, de uma forma muito real, cada momento.

A brisa fresca soprava-lhe o rosto, penetrava-lhe o longo cabelo castanho que prendera atrás num rabo-de-cavalo. Gostou do toque dessa brisa, gostou do seu cheiro, limpo e fresco, e da luz dura que se derramava sobre os Tetons e faiscava sobre a água.

Viu algumas das cabanas de que Mac falara por entre os troncos nus dos salgueiros e choupos. Agachavam-se atrás das árvores, todas feitas de tronco e vidro, com grandes alpendres — e, assumiu ela, fabulosas vistas.

Devia ser bom sentar-se num daqueles alpendres e estudar o lago ou as montanhas, observar o que quer que fosse visitar os baixios onde tábuas-largas se erguiam, imponentes, do lodaçal. Ter todo aquele espaço à sua volta. E o silêncio.

Um dia, talvez. Mas não nesse dia.

Viu pés de narcisos numa metade de barril de uísque ao lado da entrada de um restaurante. Podiam ter tremido um pouco com a brisa gelada, mas fizeram-na pensar em Primavera. Tudo era novo na Primavera. Talvez nessa Primavera também ela se fizesse de novo.

Parou para admirar os tenros rebentos. Era reconfortante ver a forma como a Primavera abria caminho por entre o longo Inverno. Em breve,

ver-se-iam outros sinais. O seu guia alardeava quilómetros de flores silvestres em planícies de salva, e mais ainda ao longo dos lagos e lagoas.

Ela estava pronta para a floração, pensou Reece. Pronta para desabrochar.

Depois ergueu os olhos para a larga montra do restaurante. Mais um *snack-bar* do que um restaurante, corrigiu. Serviço ao balcão, mesas para duas e quatro pessoas, reservados, tudo nuns tons desvanecidos de vermelho e branco. Tartes e bolos nos mostradores e a cozinha aberta ao balcão. Um par de empregadas afadigava-se de um lado para o outro com tabuleiros e cafeteiras.

Hora do almoço, percebeu. Esquecera-se do almoço. Assim que desse uma vista de olhos ao hotel, ela ia...

Depois viu-o na montra. O letreiro escrito à mão.

PRECISA-SE DE COZINHEIRO  
INFORME-SE NO INTERIOR

Sinais, pensou novamente, embora tivesse recuado um passo sem se aperceber. Ficou no lugar onde estava, fazendo um estudo cuidadoso do ambiente pelo lado de fora do vidro. Cozinha aberta, lembrou a si mesma, essa era a chave. Comida de *snack-bar*, isso ela fazia de olhos fechados. Ou tinha feito, noutros tempos.

Talvez estivesse na altura de descobrir, na altura de dar mais um passo em frente. Se não conseguisse lidar com isso, perceberia logo, e não ficaria muito pior do que já estava naquele momento.

O hotel provavelmente também precisaria de pessoas, em antecipação da época de Verão. Ou talvez o senhor Drubber precisasse de mais pessoal no seu escritório.

Mas o letreiro estava mesmo ali, e o seu carro escolhera aquela cidade, e os seus passos tinham-na levado àquele ponto, onde os rebentos de narcisos tinham irrompido por entre a lama para os primeiros sopros hesitantes de Primavera.

Voltou para a porta, respirou profundamente, depois abriu-a.

Cebolas fritas, carne grelhada — pareceu-lhe caça — café forte, uma *jukebox* a debitar *country* e o zumbido das conversações às mesas.

Tijoleira vermelha limpa, notou ela, balcão branco impecável. As poucas mesas vazias estavam postas para o almoço. Havia fotografias nas paredes — pareciam-lhe boas. Imagens do lago a preto e branco, da água clara, das montanhas em todas as estações.

Ela estava ainda a tentar orientar-se, a ganhar coragem, quando uma das empregadas passou por ela.

— ‘Tarde. Se quer almoçar, pode escolher mesa ou balcão.

— Na verdade, eu queria falar com o gerente. Ou proprietário. Eeh, é sobre o anúncio na janela. A posição de cozinheiro.

A empregada deteve-se, ainda a equilibrar um tabuleiro numa mão.

— É cozinheira?

Houvera um tempo em que Reece teria fungado, com um ar bem-humorado mas com indisfarçável desdém, ao ouvir esse termo.

— Sim.

— Isso vem mesmo a calhar, porque a Joanie despediu um há uns dias. — A empregada fechou a mão livre e levou o polegar aos lábios mimando o gesto de beber.

— Ah.

— Deu-lhe o lugar em Fevereiro quando ele apareceu na cidade à procura de trabalho. Disse que tinha encontrado Jesus e que estava a espalhar a sua palavra pela terra.

Inclinou a cabeça e a anca e lançou a Reece um luminoso sorriso com o seu rosto bonito.

— Ele pregava a Palavra, pode crer, como um discípulo metido na droga, até uma pessoa ter vontade de lhe enfiar um trapo na boca. Depois acho que encontrou a garrafa e calou-se de vez. Muito bem. Porque é que não se senta ali ao balcão? Eu vou ver se a Joanie consegue sair da cozinha um minuto. Quer um café?

— Chá, se não se importa.

— É para já.

Não tenho de aceitar o lugar, lembrou Reece a si mesma enquanto se sentava num banco de cromado e couro e secava as mãos húmidas nas calças de ganga. Mesmo que lho oferecessem, ela não precisava de o aceitar. Podia deixar-se ficar com as limpezas nos quartos do hotel, ou continuar em frente e encontrar aquele rancho de turismo.

A *jukebox* mudou de música e Shania Twain anunciou alegremente que se sentia como uma mulher.

A empregada dirigiu-se ao grelhador e tocou no ombro de uma mulher baixa e atarracada, depois inclinou-se para ela. Passado um momento, a mulher lançou um olhar por cima do ombro, viu Reece, depois acenou. A empregada regressou ao balcão com uma chávena de água quente e um saquinho de chá da *Lipton* no pires.

— A Joanie vem já. Quer pedir almoço? O prato do dia hoje é rolo de carne. É acompanhado com puré de batata, feijão verde e um biscoito.

— Não, obrigada, não, fico bem com o chá. — Nunca teria conseguido engolir a comida, com os nervos que lhe agitavam o estômago. O pânico queria instalar-se, aquele asfixiante peso húmido no seu peito.

Devia era ir-se embora, pensou Reece. Sair imediatamente e regressar para o seu carro. Arranjar aquele tubo e partir. Que se lixassem os sinais.

Joanie tinha um tufo de cabelo louro no alto da cabeça, avental branco de talhante salpicado de nódoas de gordura atado em volta da cintura e ténis *Converse* nos pés. Saiu da cozinha a limpar as mãos a um pano de louça.

E mediu Reece com uns olhos de aço que eram mais cinzentos do que azuis.

— Sabe cozinhar? — Uma rouquidão de fumador tornava a pergunta brusca estranhamente sensual.

— Sim.

— Profissionalmente, ou só para pôr alguma coisa na boca?

— Era o que eu fazia em Boston... profissionalmente. — Combatendo o nervosismo, Reece rasgou o invólucro do saquinho de chá.

Joanie tinha uma boca macia, quase com uma curva de Cupido, em contraste com aqueles olhos duros. E uma cicatriz antiga, quase desvanecida, percorria-lhe a linha do maxilar desde a orelha esquerda quase até ao queixo.

— Boston. — Com um movimento ausente, Joanie enfiou o pano da louça no cinto do seu avental. — Vem de longe.

— Sim.

— Eu não sei se quero uma cozinheira da costa leste que não consegue manter a boca fechada durante cinco minutos.

A boca de Reece abriu-se de surpresa, depois fechou-se novamente com a mais ténue curva de um sorriso.

— Eu sou uma tagarela terrível, quando estou nervosa.

— O que é que anda a fazer por aqui?

— A viajar. O meu carro avariou. Preciso de um emprego.

— Tem referências?

O coração de Reece apertou-se, um punho suado de dor silenciosa.

— Posso arranjar.

Joanie fungou, trocista, e olhou de sobrolho franzido para a cozinha.

— Vá para dentro, ponha um avental. O próximo pedido é um prego, bem passado, pão de cebola, cebolas fritas e cogumelos, batatas fritas e salada de couve e cenoura. Se o Dick não cair morto depois de comer a sua comida, provavelmente fica com o lugar.

— Muito bem. — Reece saltou do banco e, mantendo a respiração lenta e regular, dirigiu-se para a porta basculante na outra ponta do balcão.

Ela não reparou, ao contrário de Joanie, que tinha rasgado o invólucro do saquinho do chá em pedacinhos minúsculos.

Era uma cozinha simples, decidiu, e suficientemente eficiente. Gre-



lhador grande, fogão, frigorífico e congelador profissionais. Contentores, lavatórios, mesas de trabalho, fritadeira dupla, sistema de supressão de calor. Enquanto atava um avental, Joanie apresentou-lhe os ingredientes de que ela ia precisar.

— Obrigada. — Reece lavou as mãos, depois começou a trabalhar.

Não penses, disse a si mesma. Deixa que as coisas saiam por si. Pôs o bife a grelhar enquanto cortava cebolas e cogumelos. Deitou as batatas pré-cortadas na fritadeira, marcou o tempo.

As suas mãos não tremeram e, embora sentisse um aperto no peito, não se permitiu lançar nenhum olhar sobre o ombro para verificar que não tinha aparecido uma parede por trás para a encerrar.

Começou a prestar atenção à música: da *jukebox*, do grelhador, da fritadeira.

Joanie tirou o pedido seguinte do prego e plantou-o na mesa.

— Tigela de sopa de três feijões. É aquela panela ali. Serve com bolachas salgadas.

Reece limitou-se a fazer um sinal com a cabeça, deitou os cogumelos e as cebolas no grelhador, depois preparou o segundo pedido enquanto eles fritavam.

— Pedido! — anunciou Joanie, e apresentou outro papel. — Reuben, *club sandwich*, duas saladas.

Reece foi passando de pedido para pedido e deixou simplesmente que as coisas acontecessem. A atmosfera, os pedidos, podiam ser diferentes, mas o ritmo era o mesmo. Sempre a trabalhar, sempre em movimento.

Empratou o primeiro pedido, voltou-se para o entregar a Joanie e deixou-a inspeccionar o seu trabalho.

— Ponha no balcão — foi a resposta. — Comece o próximo pedido. Se não chamarmos o médico nos próximos trinta minutos, está contratada. Falamos de dinheiro e dos horários mais tarde.

— Eu preciso de...

— Trate do próximo pedido — terminou Joanie. — Eu vou fumar um cigarro.

Ela trabalhou durante mais noventa minutos antes de o movimento acalmar o suficiente para Reece se afastar do fogão e engolir uma garrafa de água. Quando se voltou, Joanie estava sentada ao balcão, a beber café.

— Ninguém morreu — disse ela.

— Ufa. Isto é sempre assim tão cheio?

— Almoço de sábado. Safamo-nos bem. Recebe oito dólares por hora, para começar. Se ainda estiver viva daqui a duas semanas, juntamos mais um dólar por hora. Somos nós as duas e um empregado em *part-time* no grelhador, sete dias por semana. Tem dois dias de folga por semana.

Eu faço o calendário com uma semana de antecedência. Abrimos às seis e meia, o que significa que o primeiro turno começa aqui às seis. Pode ficar do pequeno-almoço até qualquer hora do dia, com o almoço das onze ao fecho, jantar das cinco às dez. Se quer fazer quarenta horas por semana, posso dar-lhas. Não pago horas extraordinárias. Se ficar presa na cozinha e fizer mais, descontamos nas horas da semana seguinte. Algum problema com isso?

— Não.

— Bebe no trabalho, é despedida na hora.

— Compreendido.

— Tem todo o café, água ou chá que quiser. Se quer refrigerantes, paga. Com a comida é a mesma coisa. Por aqui, não há almoços grátis. Não que tenha o ar de quem se vai pôr a enfardar quando eu virar as costas. É magra como um palito.

— Acho que sim.

— O cozinheiro do último turno limpa o grelhador, o forno, e faz o fecho.

— Não posso fazer isso — interrompeu Reece. — Não lhe posso fazer o fecho. Posso abrir, posso trabalhar qualquer turno que queira. Posso fazer dois turnos de seguida, se quiser, meio turno. Posso trabalhar mais, se precisar que fique mais de quarenta horas. Mas não posso fazer o fecho. Desculpe.

Joanie ergueu as sobrancelhas, bebeu o resto do seu café.

— Medo do escuro, menina?

— Tenho, sim. Se fazer o fecho faz parte do perfil requerido, eu vou ter de procurar outro emprego.

— Arranjamos maneira de resolver isso. Temos uns papéis para preencher para o governo, mas isso pode esperar. O seu carro está arranjado e à sua espera no Mac. — Joanie sorriu. — As notícias andam depressa, e eu tenho o ouvido colado ao chão. Se precisa de lugar onde ficar, há um quarto por cima do restaurante que lhe posso alugar. Não é grande coisa, mas tem uma boa vista e é limpo.

— Obrigada, mas acho que por agora vou experimentar o hotel. Vamos experimentar umas duas semanas assim, para ver como as coisas correm.

— Tem comichão nos pés.

— Comichão em qualquer lado.

— Como queira. — Encolhendo os ombros, Joanie levantou-se, dirigiu-se à porta basculante com a chávena de café na mão. — Vá lá buscar o seu carro e instalar-se. Volte às quatro.

Um pouco aturdida, Reece saiu para a rua. Estivera de novo numa

cozinha, e corra tudo bem. Portara-se bem. Agora que o fizera, sentia-se com a cabeça a andar à roda, mas era normal, não era? Uma reacção normal, depois de tropeçar num emprego, sem mais nem menos, para fazer o que ela fora treinada para fazer. Para fazer o que não conseguira fazer durante quase dois anos.

Voltou lentamente para o seu carro, procurando adaptar-se a tudo aquilo.

Quando entrou no armazém, Mac estava a fechar uma venda no pequeno balcão em frente à porta. O estabelecimento era o que ela esperara: um pouco de tudo — refrigeradores para produtos agrícolas e carne, prateleiras de têxteis para a casa, uma secção de ferragens, artigos de casa, equipamento de pesca, munições.

Precisa de um litro de leite e de uma caixa de balas? Está no lugar certo.

Quando Mac terminou a transacção, ela aproximou-se do balcão.

— O seu carro já anda — disse-lhe Mac.

— Já ouvi dizer, e obrigada. Como é que pago?

— O Lynt deixou-lhe aqui a conta. Pode passar pela garagem, se vai pagar a crédito. Se paga com dinheiro, pode deixá-lo aqui. Eu vou estar com ele mais logo.

— Pode ser com dinheiro. — Ela pegou na conta, notou com alívio que era menos do que previra. Ouviu alguém tagarelar ao fundo da loja e o *bip* de outra caixa registadora. — Arranjei um emprego.

Ele inclinou a cabeça enquanto ela puxava da carteira.

— A sério? Foi rápido.

— No restaurante. Nem sei como se chama aquilo — percebeu ela.

— Chama-se Angel Food. O pessoal daqui chama-lhe só Joaniês.

— Então é o Joaniês. Espero que apareça um dia destes. Sou boa cozinheira.

— Aposto que sim. Aqui tem o seu troco.

— Obrigada. Obrigada por tudo. Acho que vou arranjar um quarto e depois volto para o trabalho.

— Se ainda vai ver no hotel, diga à Brenda na recepção que quer a tarifa mensal. Diga-lhe que está a trabalhar no Joaniês.

— Eu digo-lhe. — Ela queria pôr um anúncio no jornal local. — Obrigada, senhor Drubber.

O hotel era composto por cinco andares de estuque amarelo-pálido que prometiam uma bela vista do lago. Abrigava uma diminuta loja de conveniência, um minúsculo quiosque que vendia café e queques e uma íntima sala de jantar formal.

Foi informada de que havia disponível ligação à Internet de alta velo-

cidade por uma pequena tarifa diária, serviço de quartos das sete da manhã às onze da noite e uma lavanderia *self-service* na cave.

Reece negociou uma tarifa semanal para um quarto individual — uma semana era tempo suficiente — no terceiro andar. Qualquer coisa abaixo do terceiro era demasiado acessível para a sua paz de espírito; qualquer coisa acima do terceiro fazia-a sentir-se encurralada.

Com a carteira agora efectivamente vazia, ela carregou a sua mochila e o portátil pelos três lanços de escadas acima, em vez de usar o elevador.

A vista estava à altura do que lhe fora cobrado e ela abriu logo as janelas e ficou simplesmente a olhar o brilho da água, o deslizar dos barcos, a altura das montanhas que envolviam aquela pequena porção do vale.

Aquela era a sua casa, nesse dia. Teria de descobrir se seria a sua casa no dia seguinte. Voltando-se para o quarto, notou a porta que dava para o quarto vizinho. Verificou as fechaduras, depois empurrou, puxou, arrastou a única cómoda para a frente dela.

Assim estava melhor.

Não iria desfazer as malas, não propriamente, mas tiraria as coisas essenciais. A vela de viagem, alguns artigos de higiene, o carregador do telemóvel. Uma vez que a casa de banho era pouco maior do que o roupeiro, ela deixou a porta aberta enquanto tomava um duche rápido. Enquanto a água corria, foi fazendo em voz alta a tabuada, para se manter calma. Vestiu roupas lavadas, movendo-se rapidamente.

Um novo emprego, lembrou-se ela, e deu-se ao tempo e ao trabalho de secar o cabelo e de aplicar um pouco de maquilhagem. Não estaria tão pálida, nesse dia, nem com tantas olheiras.

Depois de verificar as horas, ela ligou o seu portátil, abriu o diário e escreveu uma rápida entrada.

*Angel's Fist, Wyoming*

*15 de Abril*

*Hoje cozinhei. Arranjei um emprego como cozinheira num restaurante nesta bonita cidade no vale, com o seu grande lago azul. Estou a abrir champagne na minha mente, e há serpentinas e balões.*

*Sinto-me como se tivesse trepado uma montanha, como se tivesse escaldado os duros picos que coroam este lugar. Ainda não cheguei ao cume; estou ainda numa saliência. Mas é robusta, e larga, e consigo descansar um pouco antes de recomeçar de novo a subir.*

*Trabalho para uma mulher chamada Joanie. É baixa, forte e estranhamente bonita. É uma mulher dura, também, e isso é bom. Não quero ser mimada. Acho que morreria de asfixia, dessa maneira, ficaria sem ar, tal como*

*me sinto quando acordo de um dos meus sonhos. Aqui consigo respirar, e posso ficar por aqui até chegar a hora de seguir em frente.*

*Restam-me menos de dez dólares, mas de quem é a culpa? Não faz mal, tenho quarto para uma semana com vista para o lago e os Tetons, um emprego e um novo tubo de radiador.*

*Esqueci-me do almoço, e isso é um passo atrás. Mas também não faz mal. Estava demasiado ocupada a cozinhar para me lembrar de comer, e depois hei-de compensar.*

*É um bom dia, este quinze de Abril. Vou trabalhar.*

Fechou o portátil, depois enfiou o telemóvel, as chaves, a carta de condução e três dólares no bolso. Agarrando no casaco, dirigiu-se para a porta.

Antes de a abrir, Reece espreitou pelo óculo da porta, observando o corredor vazio. Verificou as fechaduras duas vezes, amaldiçoou-se a si mesma e verificou uma terceira vez antes de voltar ao seu equipamento para rasgar um pedaço de fita-cola do rolo. Colou-o por cima da porta, bem abaixo do nível dos olhos, antes de se dirigir para a porta das escadas.

Desceu a correr, contando enquanto avançava. Após um rápido debate, deixou o carro estacionado onde estava. Se fosse a pé, pouparia gasolina, embora depois já tivesse anoitecido quando acabasse o turno.

Um par de quarteirões, era tudo. Ainda assim, apalpou o porta-chaves e o botão de pânico que lá tinha.

Talvez devesse voltar para trás e ir buscar o carro, só por precaução. Estúpida, disse a si mesma. Estava quase a chegar. Pensa no agora, não em mais tarde. Quando os nervos começaram a borbulhar, ela imaginou-se junto ao grelhador. Uma bela e forte luz de cozinha, música na *jukebox*, vozes das mesas. Sons, cheiros, movimentos familiares.

Talvez a palma da sua mão estivesse pegajosa quando ela a levou à porta da Joanie, mas abriu-a na mesma. E entrou.

A mesma empregada com que conversara durante o turno do almoço viu-a e agitou os dedos num gesto de vem-cá. Reece parou junto ao reservado onde a mulher estava a encher os frascos de condimentos.

— A Joanie está no armazém. Ela disse que eu devia orientar-te rapidamente quando chegasses. Temos um momento morto, depois os primeiros pássaros vão começar a chegar. O meu nome é Linda-gail.

— Reece.

— Primeiro aviso. Joanie não tolera mãos paradas. Se ela te apanha a andar devagar, salta-te para cima das costas e morde-te o rabo. — Estava a sorrir enquanto dizia isto, de uma maneira que fez com que os seus brilhan-

tes olhos azuis cintilassem, aprofundando as covinhas do seu rosto. A combinar, tinha um cabelo louro de boneca, usado em tranças macias.

Vestia calças de ganga e uma camisa vermelha com debrum branco. Uns brincos prateados e turquesa pendiam-lhe das orelhas. Parecia uma leiteira do oeste, pensou Reece.

— Eu gosto de trabalhar.

— Ainda bem, porque vais trabalhar muito, acredita. Como é sábado à noite, vamos estar bem cheios. Temos mais duas pessoas a servir, Bebe e Juanita. Matt levanta as mesas e Pete lava a louça. Tu e a Joanie ficam com a cozinha, e ela vai ficar de olho em ti. Se precisares de uma pausa, dizes-lhe e fazes uma pausa. Há um espaço lá atrás onde podes deixar o casaco e a carteira. Não tens carteira?

— Não, não trouxe.

— Céus, eu não consigo pôr um pé fora de casa sem a minha. Então, anda lá, que eu mostro-te tudo. Ela deixou os impressos que tens de preencher lá atrás. Suponho que já tenhas feito este tipo de trabalho antes, pela maneira como entraste hoje aqui de pés juntos.

— Sim, já fiz.

— Casas de banho. Limpamos à vez. Ainda tens umas semanas antes de te ser dado esse prazer.

— Mal posso esperar.

Linda-gail sorriu.

— Tens família por cá?

— Não, eu venho da costa leste. — Não queria falar sobre isso, não queria pensar nisso. — Quem é que trata das bebidas?

— O pessoal de serviço às mesas. Se ficarmos sem mãos a medir, tu poderás ter de responder aos pedidos de bebidas. Servimos vinho e cerveja. Mas, na maior parte das vezes, quando as pessoas querem beber vão ao Clancy's. E é mais ou menos isto. Mais qualquer coisa que precisares de saber, só tens de gritar. Eu preciso de ir acabar de pôr as mesas, senão a Joanie tem um ataque. Bem-vinda a bordo.

— Obrigada.

Reece dirigiu-se para a cozinha, pegou num avental.

Uma boa saliência, larga e sólida, disse a si mesma. Um bom sítio onde ficar até chegar a altura de partir novamente.

## 2.

Linda-gail tinha razão, estavam mesmo cheios. Residentes, turistas, viajantes, um punhado de pessoas de um parque de campismo ali perto que que-

ria uma refeição dentro de casa. Ela e Joanie trabalharam com muito pouca conversa enquanto as fritadeiras exalavam vapor e o grelhador vomitava calor.

A certa altura, Joanie enfiou uma tigela por baixo do nariz de Reece.

— Coma.

— Oh, obrigada, mas...

— Tem alguma coisa contra a minha sopa?

— Não.

— Sente-se ao balcão e coma. Agora isto acalmou um bocado e pode fazer uma pausa. Eu ponho na sua conta.

— Está bem, obrigada. — A verdade é que, agora que pensava em comer uma refeição em vez de a preparar, percebia que estava esfomeada. Um bom sinal, decidiu Reece enquanto se sentava ao fundo do balcão.

Ali tinha uma boa perspectiva do estabelecimento e da porta.

Linda-gail pôs-lhe na frente um prato com um pãozinho e dois pedaços de manteiga.

— A Joanie disse que precisas dos hidratos de carbono. Queres um chá para acompanhar?

— Perfeito. Eu posso ir buscar.

— Eu vou. És muito rápida — acrescentou ela quando lhe levou uma chávena. Depois de olhar de relance por cima do ombro, aproximou-se mais e sorriu. — Mais rápida do que a Joanie. E arranja as coisas no prato de uma maneira muito bonita. Alguns dos clientes comentaram.

— Ah. — Ela não estava à procura de comentários nem de atenção. Apenas de um ordenado. — Eu não queria mudar nada.

— Ninguém se está a queixar. — Linda-gail inclinou a cabeça com um sorriso que exibia as suas covinhas. — Estás um bocado nervosa, não estás?

— Acho que sim. — Reece provou a sopa, satisfeita pelo facto de o caldo ter um subtil picante. — Não admira que isto esteja sempre cheio. Esta sopa é tão boa como qualquer coisa que se coma num restaurante de cinco estrelas.

Linda-gail olhou rapidamente para a cozinha, assegurando-se de que Joanie estava ocupada.

— Alguns de nós fizemos uma aposta. A Bebe acha que estás com problemas com a lei. Anda a ver demasiada televisão, essa. Juanita acha que estás a fugir de um marido que te maltratava. Matthew, como tem dezassete anos, só pensa em sexo. Quanto a mim, penso que alguém te partiu o coração lá no leste. Algum de nós acertou?

— Não, lamento. — Havia uma pequena ponta de ansiedade perante a ideia de os outros andarem a especular, mas ela lembrou a si mesma que

os restaurantes estavam cheios de pequenos dramas e muitos mexericos. — Estou só sem uma ocupação definida, só a viajar.

— Aí anda alguma coisa — disse Linda-gail, abanando a cabeça. — Para mim, tens coração partido escrito na tua cara. E, por falar em quebra corações, ali vem o Longo, Escuro e Belo.

Era longo, pensou Reece quando seguiu a direcção do olhar de Linda-gail. Talvez um metro e oitenta e oito. Com o escuro também concordava, com aquele desgrenhado cabelo cor de azeviche e pele cor de azeitona. Com o belo é que não estava de acordo.

Era uma palavra que, na sua mente, significava «suave e com classe», e aquele homem não era nenhuma dessas coisas. Em vez disso, havia nele um ar duro e tempestuoso, com uma barba por fazer sobre feições rudes. E havia algo ainda mais duro, para ela, na linha forte da sua boca e na forma como os seus olhos se deslocaram em volta da sala. Não havia nada de suave no casaco de pele coçado, nas calças de ganga deslavadas e nas botas gastas.

Não era do tipo *cowboy*, decidiu ela, mas o do homem que consegue dominar os elementos. Parecia forte, e talvez apenas um pouco mau.

— Chama-se Brody — disse Linda-gail a meia-voz. — É escritor.

— Sim? — Ela relaxou um pouco. Alguma coisa na sua postura, na sua absoluta consciência da sala, tinha-lhe dito que era polícia. Escritor era melhor. Mais fácil. — De que tipo?

— Ele escreve artigos para revistas e coisas do género, e já tem três livros publicados. Romances policiais. O que é apropriado. O homem em si é um mistério.

Ela puxou o cabelo para trás, mudou de ângulo para poder observar pelo canto do olho enquanto Brody se dirigia a passos largos para um reservado vazio.

— Diz-se que ele trabalhava para um grande jornal em Chicago e que foi despedido. Tem uma cabana alugada do outro lado do lago, é muito reservado, na maior parte do tempo. Mas vem aqui jantar três vezes por semana. Dá gorjetas de vinte por cento.

Voltou-se para Reece quando Brody se sentou.

— Como é que eu estou?

— Espantosa.

— Um dia destes, hei-de descobrir uma maneira de o fazer andar atrás de mim, só para satisfazer a minha curiosidade. Mas, por agora, contento-me com os vinte por cento.

Linda-gail dirigiu-se para o reservado, puxando o bloco do bolso. De onde estava, Reece conseguiu ouvir o seu alegre cumprimento.

— Como está, Brody? O que é que lhe apetece esta noite?



Enquanto comia, Reece observou a empregada a namoriscar e o homem de nome Brody a fazer o pedido sem precisar de consultar o menu. Quando deu meia volta, Linda-gail lançou a Reece um olhar exageradamente sonhador. No momento em que os lábios de Reece se curvaram em resposta, Brody ergueu o olhar e prendeu-o no seu rosto.

O olhar directo fez o seu estômago dar um pulo. Mesmo depois de desviar rapidamente o olhar, ela sentiu o dele sobre si, rudemente, deliberadamente analítico. Pela primeira vez desde que iniciara o seu turno, sentiu-se exposta e vulnerável.

Desceu do banco e empilhou os seus pratos. Lutando contra o impulso de olhar por cima do ombro, levou-os de volta para a cozinha.

Ele encomendou as costeletas de alce e passou o tempo de espera com uma garrafa de *Coors* e um livro. Alguém tinha pago para ouvir Emmylou Harris na *jukebox*, e Brody deixou que a música se instalasse ao fundo da sua mente.

Estava curioso a respeito da morena e daquele ar no seu rosto. Richard Adams cunhara a palavra *tharn*<sup>2</sup> em *Watership Down*. Boa palavra, pensou, e uma que se adequava à nova cozinheira, com a sua súbita, congelada quietude.

Pelo que conhecia de Joanie Parks, a morena não teria aquele emprego se não fosse competente. Suspeitava que Joanie tinha um coração mole por baixo daquela concha, mas a concha era dura e espinhosa, e não tolerava patetas.

Claro que ele só tinha de perguntar à lourinha e ficaria com a história completa da recém-chegada. Mas, nessa altura, toda a gente saberia que ele tinha perguntado, e depois começariam a perguntar a sua opinião, a perguntar o que sabia. Ele conhecia o funcionamento de terras como Angel's Fist e o combustível de conversas de que se alimentavam.

Levaria mais algum tempo a descobrir acerca da mulher sem perguntar, mas haveria murmúrios e comentários, rumores e especulação. Ele tinha um bom ouvido para esse tipo de coisa, quando estava nessa disposição.

Ela tinha um aspecto frágil, quase quebradiço. Ele perguntou-se porquê.

Ainda assim, do seu ponto de observação, podia ver que não se enganara no que dizia respeito à competência. Ela trabalhava com confiança, com aquele jeito profissional dos cozinheiros que faz parecer que têm mais um par de mãos escondido em qualquer lado.

---

<sup>2</sup> Em *Watership Down*, que descreve o universo do ponto de vista dos coelhos, Richard Adams usa a palavra *tharn* para descrever o estado de estupefacção, um medo paralisante que atinge os coelhos em situações limite. (N. da T.)

Podia ter sido o seu primeiro dia de trabalho ali, mas ele apostava que não era o seu primeiro dia na cozinha de um restaurante. Uma vez que — pelo menos até àquele momento — ela lhe parecia mais interessante do que o seu livro, continuou a observá-la a trabalhar enquanto bebia a sua cerveja.

Não estava ligada a ninguém na cidade, decidiu. Ele já ali vivia há quase um ano e se alguém tivesse uma filha, irmã, sobrinha, prima em terceiro grau para chegar, ele já o teria ouvido. Ela não lhe parecia uma pessoa à deriva. Parecia-lhe mais uma fugitiva, pensou. Fora isso que ele vira nos seus olhos, a cautela, a prontidão para dar um salto e fugir num segundo.

E quando ela se moveu para colocar um prato terminado no balcão, aqueles olhos desviaram-se como uma flecha na sua direcção — apenas isso, um rápido desvio, e depois afastaram-se novamente. Antes de se voltar para o grelhador novamente, a porta abriu-se e o seu olhar voou para lá. O sorriso espalhou-se no seu rosto tão rápida, tão inesperadamente, que Brody chegou a pestanejar. Tudo nela mudara, aligeirara, suavizara, a ponto de ele perceber que havia ali mais — ou pelo menos o potencial para mais — do que uma beleza frágil escondida algures.

Quando olhou para a porta para ver o que causara aquele enorme sorriso, viu Mac Drubber a sorrir também e a acenar. Talvez se tivesse enganado quanto àquela ligação local.

Mac enfiou-se no reservado na sua frente.

— Como é que isso vai?

— Não me posso queixar.

— Apeteceu-me comer qualquer coisa que não tivesse de ser eu a fritar. O que é que há de bom, hoje? — Esperou um segundo, agitou as sobrancelhas. — Para além da nova cozinheira?

— Eu pedi as costeletas. Não costumo encontrar-te por aqui aos sábados à noite, Mac. Tu és uma criatura de hábitos, e tens o hábito de vir à quarta. Esparguete especial.

— Não me apeteceu abrir uma lata e queria ver como é que a rapariga nova se estava a safar. Chegou hoje à cidade com um tubo do radiador rebentado.

Só era preciso esperar cinco minutos, pensou Brody, e a informação caía-nos no colo.

— A sério?

— Quando dou por mim, já ela tinha arranjado este emprego. Pela cara dela, dava ideia que tinha ganho a lotaria. Vem da costa leste. Boston. Arranjou um quarto no hotel. Chama-se Reece Gilmore.

Interrompeu-se quando Linda-gail levou o prato de Brody para a mesa.

— Olá, senhor Drubber, como está? O que é que vai ser hoje?

Mac inclinou-se para olhar mais de perto o prato de Brody.

— Isto está com um aspecto mesmo bom.

— A nova cozinheira é ótima. Depois diga-me se gosta dessas costeletas, Brody. Precisa de mais alguma coisa?

— Pode ser outra cerveja.

— É para já. Senhor Drubber?

— Eu quero uma *Cola*, querida, e o mesmo que o meu amigo aqui vai comer. Aquelas costeletas estão com muito bom aspecto.

Estavam mesmo, pensou Brody, e tinham sido apresentadas com uma generosa porção de batata gratinada e feijão manteiga. A comida estava artisticamente arranjada no vulgar prato branco, muito diferente dos montes de comida despejados ao acaso que Joanie normalmente servia.

— Vi-te sair no barco, no outro dia — comentou Mac. — Apanhaste alguma coisa?

— Não ia à pesca. — Ele cortou uma das costeletas, provou.

— Essa é uma das coisas engraçadas em ti, Brody. Vais para o lago de vez em quando, mas não pescas. Vais para a floresta de vez em quando, mas não caças.

— Se eu apanhasse alguma coisa ou matasse alguma coisa, teria de cozinhá-la.

— Precisamente. E então?

— Está bom. — Brody cortou mais um pedaço. — Está mesmo muito bom.

Uma vez que Mac Drubber era uma das poucas pessoas com quem Brody passaria voluntariamente um serão, demorou-se com o seu café enquanto Mac terminava a sua própria refeição.

— O feijão tem um sabor diferente. Mais sofisticado. Tenho de dizer que sabe melhor, também, mas, se repetires isto onde a Joanie possa ouvir, eu digo que és um mentiroso descarado.

— Se ela vai ficar no hotel, não deve estar a planear ficar muito tempo.

— Marcou uma semana. — Mac gostava de saber o que se passava, e com quem se passava, na cidade. Ele não era só o gerente do armazém. Era também o *mayor*. Mexericar, gostava ele de pensar, fazia parte dos seus deveres. — A verdade, Brody, é que não me parece que a rapariga tenha muito dinheiro. — Acenou com o garfo para Brody antes de o espetar nos últimos feijões. — Pagou o tubo do radiador em dinheiro, e o hotel também, ouvi dizer.

Nada de cartões de crédito, pensou Brody, e perguntou-se se a mulher misteriosa estaria a fugir de alguma coisa.

— Talvez não queira deixar vestígios para alguém, ou alguma coisa, que a ande a seguir.

— Que desconfiado. — Mac raspou o último pedaço de alce do osso. — E, se for esse caso, deve ter razão para isso. Tem uma cara honesta.

— E tu tens uma inclinação para o romantismo. Por falar em romance. — Brody inclinou a cabeça para a porta.

O homem que vinha a entrar usava *Levi's* e uma camisa de cambraia por baixo de uma *parka*. Realçava a indumentária com botas pele de cobra, um cinto *Sam Brown*<sup>3</sup> e um *Stetson* cinzento-pedra de uma forma que gritava *cowboy*.

O cabelo cor de areia com madeixas douradas enrolava-se por baixo do chapéu. Tinha um rosto suave e de feições regulares, embelezado por um queixo com uma covinha superficial e olhos azuis-claros que, como toda a gente sabia, ele usava o mais frequentemente possível para seduzir as senhoras.

Ele pavoneou-se — não haveria outra forma de descrever o delirando andar gingado — até ao balcão e empoleirou-se num banco.

— O Lo veio ver se a repariga nova vale a pena o seu tempo. — Mac abanou a cabeça, espetou com o garfo a última porção das suas batatas. — Não se pode deixar de gostar do Lo. É um tipo afável, mas espero que ela seja mais sensata.

Parte do entretenimento que Brody conhecera em Fist e arredores no ano que lá passara era observar Lo a fazer cair mulheres como pinos de *bowling*.

— Dez dólares em como ele a convence e acrescenta mais um tracinho no poste da cama antes do final da semana.

As sobrancelhas de Mac carregaram-se de desaprovação.

— Isso não é maneira de falar de uma boa repariga como aquela.

— Não a conheces há tempo suficiente para saber se é uma boa repariga.

— Pois eu digo que é. Por isso vou aceitar essa aposta e tu vais ter de pagar.

Brody deu uma meia gargalhada. Mac não bebia, não fumava e, se andava atrás de mulheres, não o fazia em sítio onde pudesse ser notado. E Brody achava que esse lado ligeiramente puritano fazia parte do seu charme.

— É apenas sexo, Mac. — Depois o seu sorriso cresceu ao ver as pontas das orelhas de Mac ficarem vermelhas. — Lembras-te do sexo, não lembras?

— Tenho uma vaga memória do processo.

Na cozinha, Joanie colocou uma fatia de tarte de maçã em cima da bancada de trabalho.

— Faça uma pausa — ordenou a Reece. — Coma a tarte.

---

<sup>3</sup> Cinto com uma segunda tira que passa por cima do ombro. (N. da E.)

- Eu não tenho muita fome, e preciso de...
- Não perguntei se tinha fome, pois não? Coma a tarte. Oferta da casa. É a última do prato e amanhã já não vai servir, de qualquer maneira. Está a ver aquele que acabou de se sentar ao balcão?
- Aquele que parece ter acabado de sair de cima de um cavalo?
- O nome dele é William Butler. Mais conhecido por Lo. É o diminutivo de Lothario, nome que recebeu quando era adolescente e tornou seu objectivo na vida levar para a cama todas as mulheres num raio de cento e cinquenta quilómetros.
- *Okay.*
- Agora, na maior parte dos sábados à noite, o Lo teria um encontro escaldante ou estaria no Clancy's com os amigos a tentar decidir qual das novilhas daquela manada iria escolher. Ele veio aqui para a ver.
- Pensando que não tinha outra hipótese, Reece começou a comer a tarte.
- Não me parece que haja muito para ver, nesta altura.
- Seja como for, é nova aqui, é fêmea, é jovem e, pelo menos segundo parece, descomprometida. Diga-se em seu abono que Lo não anda atrás de mulheres casadas. Como pode ver, agora está a meter-se com a Juanita, com quem andou durante umas semanas no último Inverno, até mudar as vistas para umas coelhinhas brancas que apareceram aqui para esquiar.
- Joanie agarrou na enorme chávena de café que tinha sempre à mão.
- O rapaz tem lábia para dar e vender. Nunca conheci nenhuma mulher com quem ele tenha rebolado que o leve a mal quando ele abotoa as calças e se vai embora.
- E está a dizer-me isso porque assume que ele estará a rebolar comigo uma noite destas?
- Só lhe estou a dizer como ele é.
- Percebi. E não se preocupe. Não ando à procura de homem nenhum. Temporário ou permanente. E muito menos de um que usa o pénis como varinha de condão.
- Joanie soltou uma forte gargalhada.
- Como está a tarte?
- Boa. Mesmo muito boa. Eu nunca lhe perguntei pelos bolos. São feitos aqui ou compra a uma pastelaria local?
- Sou eu que os faço.
- A sério?
- Agora está a pensar que sou melhor nisso do que no grelhador. E tem razão. E a Reece?
- Não é o meu forte, mas posso dar-lhe uma ajuda, quando precisar.
- Eu aviso-a. — Ela voltou um par de hambúrgueres, depois des-

pejou as batatas fritas e o feijão nos pratos. Joanie estava a atirar os *pickles* e os tomates para os pratos quando Lo entrou preguiçosamente na cozinha.

— William.

— Mãe. — Ele inclinou-se, beijou-lhe o topo da cabeça enquanto o estômago de Reece se apertou.

Mãe, pensou, e fizera uma piada acerca do pénis dele.

— Ouvi dizer que está a fazer melhorias aqui. — Lançou a Reece um sorriso lento e fácil antes de beber um pouco da cerveja que trouxera consigo. — Lo para os amigos.

— Reece. Prazer em conhecer. Eu levo isto, Joanie. — Reece agarrou nos pratos, levou-os para o balcão. E notou com aborrecimento que, pela primeira vez em toda a noite, não havia pedidos a responder.

— Falta pouco para fechar a cozinha — disse-lhe Joanie. — Pode terminar e sair. Pu-la no primeiro turno de amanhã, por isso tem de estar aqui às seis em ponto.

— Está bem. Claro. — Ela começou a desatar o avental.

— Eu levo-a de carro para o hotel. — Lo pôs de lado a sua meia cerveja. — Para garantir que chega bem.

— Oh, não, não se incomode. — Reece olhou de relance a mãe dele, esperando por alguma ajuda naquele campeonato, mas Joanie já se voltara para desligar as fritadeiras. — Não é longe. Eu fico bem, e gosto de andar a pé, de qualquer maneira.

— Muito bem, eu acompanho-a na caminhada. Tem um casaco?

Recusar, pensou ela, é pouco educado. Não recusar será caminhar sobre fino gelo. Teria de escolher o gelo. Sem uma palavra, ela pegou no seu casaco de ganga.

— Estou aqui às seis.

Balbuciou as suas despedidas e precipitou-se para a porta. Sentia os olhos do escritor — Brody — abrirem buracos nas suas costas. Mas porque é que ele ainda ali estava?

Lo abriu-lhe a porta, depois saiu atrás dela.

— Está fresco, esta noite. Tem a certeza que não vai ficar com muito frio?

— Estou bem. Sabe bem, depois do calor da cozinha.

— Aposto que sim. Não está a deixar que a minha mãe a faça trabalhar demasiado, pois não?

— Eu gosto de trabalhar.

— Aposto que teve muito que fazer, esta noite. Deixe-me pagar-lhe uma bebida, para poder desanuviar um pouco. E poderá contar-me a história da sua vida.

— Obrigada, mas a história não vale o preço de uma bebida, e eu tenho o primeiro turno, amanhã.

— Acho que vai estar um dia bonito. — A voz dele era tão ociosa como o seu andar. — E se a viesse buscar à saída? Eu faço-lhe uma visita guiada. Não há melhor guia em Angel's Fist, isso garanto-lhe. E posso trazer-lhe referências que documentam que sou um cavalheiro.

Tinha um lindo sorriso, ela tinha de o admitir, e uma expressão nos olhos que era tão sedutora como uma mão a percorrer a pele.

E era o filho da sua patroa.

— É muito simpático da sua parte, mas, uma vez que eu só conheço uma mão cheia de pessoas, e mesmo essas há menos de um dia, poderia forjar essas referências. Vou ter de declinar e usar o dia de amanhã para me instalar melhor.

— Adiamos, então.

Quando ele lhe pegou no braço, ela deu um salto, e Lo baixou a voz para a acalmar como se ela fosse um cavalo enervado.

— Calma, só estou a fazê-la abrandar um pouco. Pela maneira como anda, como se estivesse atrasada para um compromisso, percebe-se logo que é do leste. Espere um minuto, olhe para cima. Uma bela vista, não acha?

Ela ainda tinha o coração a bater demasiado depressa para se sentir descontraída, mas olhou para cima. E ali, acima das recortadas sombras das montanhas, pendia uma alva lua cheia.

As estrelas explodiam em sua volta, como se alguém tivesse carregado uma espingarda com diamantes e disparado. A sua luz adicionava ao branco da neve nos picos um azul misterioso, e mergulhava as fendas e ravinas em profundas e luxuriantes sombras.

Aquilo, pensou ela, era o que perdia quando deixava que os nervos lhe arqueassem as costas, e a obrigassem a olhar para o chão. E, embora pudesse ter desejado viver aquele momento sozinha, tinha de dar crédito a Lo por tê-la feito parar, tê-la feito olhar.

— É lindo. O guia que eu comprei diz que as montanhas são majestosas, mas eu pensei que não. Quando as vi antes, pensei que não eram majestosas, mas fortes e rudes. Mas é isso que me parecem agora: majestosas.

— Há locais lá em cima que só vendo para acreditar, e eles mudam, mesmo enquanto se está a olhar. Nesta altura do ano, se subir lá acima e se aproximar do rio, vai poder ouvir as rochas estalarem com o degelo de Primavera. Eu trago os cavalos e levo-a lá acima. Nada melhor do que ver os Tetons em cima de um cavalo.

— Não sei montar.

— Eu posso ensiná-la.

Ela começou a andar novamente.

— Guia de paisagens, instrutor de equitação.

— É o que eu faço, basicamente, no Circle K. É um rancho que recebe hóspedes, a uns trinta quilómetros daqui. Posso pedir ao cozinheiro de lá que prepare um bom piquenique, arranjo-lhe uma montada calma. Prometo-lhe um dia tão bom que vai querer escrever para casa para contar.

— Tenho a certeza que sim. — Ela gostaria de ouvir as rochas estalar e ver as moreias glaciares e os prados. E, naquele preciso momento, com aquela lua espectacular, era quase tentador deixá-lo mostrar-lhos. — Vou pensar no assunto. Eu fico aqui.

— Acompanho-a até lá acima.

— Não é preciso. Eu...

— A minha mãe ensinou-me a acompanhar uma senhora mesmo até à porta.

Pegou-lhe no braço de novo, casualmente, e abriu-lhe a porta do hotel. Ele cheirava, reparou Reece, atraentemente a couro e pinho.

— Boa noite, Tom — cumprimentou o recepcionista de serviço.

— Lo. Minha senhora.

E Reece viu o fantasma de um sorriso trocista nos olhos do recepcionista.

Quando Lo se voltou para o elevador, Reece recuou.

— Eu estou só no terceiro andar. Vou subir a pé.

— Uma dessas malucas por exercício, não? Deve ser por isso que está tão elegante. — Mas mudou de direcção suavemente e abriu a porta para as escadas.

— Obrigada por se dar a todo este trabalho. — Ordenou a si mesma que não entrasse em pânico por as escadas lhe parecerem bem mais pequenas, com ele ao seu lado. — Vim mesmo parar a uma cidade acolhedora.

— Wyoming é um estado acolhedor. Podemos não ser muitos, mas somos pessoas amáveis. Ouvi dizer que vem de Boston.

— Sim.

— É a primeira vez que vem para estes lados?

— É sim. — Mais um lanço e depois a porta seria aberta.

— Está a tirar um tempo para conhecer o campo?

— Sim. Sim, é mesmo isso.

— É uma coisa corajosa, fazer isso sozinha.

— Acha?

— Mostra um espírito de aventura.

Ela teria rido, mas ficou demasiado aliviada quando ele lhe abriu a porta e pôde sair rapidamente para o corredor.



— O meu quarto é aqui. — Procurou a chave, olhando automaticamente para verificar se a fita-cola na porta estava no sítio.

Antes de enfiar a chave na porta, ele tirou-lha das mãos, fez pessoalmente a pequena tarefa. Abriu a porta, depois devolveu-lhe a chave.

— Deixou as luzes todas acesas — comentou. — A televisão ligada.

— Oh, pois é. Estava demasiado ansiosa com o trabalho. Obrigada, Lo, por me ter acompanhado.

— Tive muito gosto. Vamos pô-la em cima de um cavalo muito em breve. Vai ver.

Ela conseguiu fazer um sorriso.

— Vou pensar nisso. Obrigada novamente. Boa noite.

Ela passou pela entrada, fechou a porta. Puxou o ferrolho, depois prendeu a corrente de segurança. Dirigindo-se para a ponta da cama, sentou-se onde podia olhar pela janela, para todo aquele espaço aberto, até já não ter de se esforçar por manter a respiração regular.

Mais calma, foi espreitar pelo óculo para verificar se não havia ninguém no corredor, antes de empurrar uma cadeira para a frente da porta. Depois de verificar novamente as fechaduras e a solidez da cómoda que bloqueava a porta para o quarto vizinho, preparou-se para ir para a cama. Marcou o alarme no despertador na mesa-de-cabeceira para as cinco, depois usou o seu próprio despertador de viagem como segurança.

Actualizou o seu diário, depois negociou consigo mesma o número de luzes que poderia deixar ligadas durante a noite. Era a sua primeira noite num sítio novo; tinha direito a deixar a luz da mesinha de cabeceira acesa e a da casa de banho. A da casa de banho nem sequer contava. Essa era apenas por uma questão de segurança e conveniência. Ela podia ter de se levantar a meio da noite para urinar.

Tirou a lanterna da mochila, pousou-a em cima da cama. Podia haver uma falha na electricidade, causada por um incêndio. Ela não era a única pessoa no hotel, afinal de contas. Alguém podia adormecer a fumar na cama, ou algum miúdo podia estar a brincar com fósforos.

Só Deus sabia.

Todo o edifício podia estar em chamas às três da manhã. Depois ela teria de sair rapidamente. Ter a lanterna por perto era apenas estar preparada.

O pequeno aperto no peito fê-la pensar desejosamente nos comprimidos para dormir que tinha no saco de higiene. Nesses e nos antidepressivos, os ansiolíticos eram apenas por uma questão de segurança, lembrou a si mesma. Havia meses que não tomava um comprimido para dormir, e estava suficientemente cansada nessa noite para dormir sem ajuda. Além

disso, se houvesse um incêndio e uma falha de energia, ela estaria tonta e lenta. Acabaria por morrer queimada ou por inalação de fumo.

E essa ideia manteve-a sentada na berma da cama com a cabeça entre as mãos a amaldiçoar-se a si mesma por ter uma imaginação desenfreada e louca.

— Pára com isso, Reece. Pára imediatamente e vai dormir. Tens de te levantar cedo e cumprir as funções básicas como um ser humano normal.

Fez mais uma ronda às fechaduras antes de se meter na cama. Ficou deitada muito quieta, a ouvir o seu coração bater, atenta a ruídos que viessem do quarto ao lado, do corredor, do lado de fora da janela.

Segura, disse a si mesma. Ela estava perfeitamente segura. Não haveria nenhum incêndio. Não ia explodir nenhuma bomba. Ninguém ia entrar no seu quarto para a assassinar enquanto dormia.

O céu não ia cair.

Mas manteve a televisão ligada e usou o antigo melodrama a preto e branco para adormecer.

A dor era tão chocante, tão perversa, que ela nem conseguiu gritar. A escuridão, a bigorna de escuridão desabou sobre o seu peito para a encurralar. Esmagou-lhe os pulmões, e ela não conseguia respirar, não conseguia mover-se. O martelo atacava aquela bigorna, martelando-lhe a cabeça, o peito, batendo, batendo em cima dela. Tentou respirar, mas a dor era excessiva, e o medo era ainda superior à dor.

Eles estavam lá fora, lá fora no escuro. Ela ouvia-os, ouvia o vidro a partir-se, as explosões. E pior, ouvia os gritos.

Pior do que os gritos, ouvia o riso.

Ginny? Ginny?

Não, não, não chores, não faças barulho. É melhor morrer aqui no escuro do que deixá-los encontrá-la. Mas eles vinham aí, eles vinham buscá-la, e ela não conseguia conter os gemidos, não conseguia impedir que os seus dentes tremessem.

A súbita luz ofuscou-a, e os gritos selvagens que irromperam na sua cabeça saíram como rugidos de uma besta.

— Temos uma viva.

E ela bateu e esperneou fracamente contra as mãos que a tentavam agarrar.

Acordou a suar, com aqueles rugidos na sua garganta enquanto procurava a lanterna e a segurava como uma arma.

Estava alguém ali? Alguém à porta? Na janela?

Sentou-se a tremer, cheia de frio, os ouvidos à procura de algum som.

Uma hora depois, quando os alarmes tocaram, ela estava sentada na cama, ainda com a lanterna na mão e todas as luzes do quarto acesas.

### 3.

Depois do ataque de pânico, era difícil enfrentar a cozinha, as pessoas, o simulacro de ser normal. Mas, para além de estar essencialmente falida, ela dera a sua palavra. Seis em ponto.

A sua única alternativa era voltar atrás, desertar, e todos os meses em que conseguira andar para a frente, centímetro a centímetro, seriam deitados fora. Uma chamada, sabia ela, e seria salva.

E estaria feita.

Deu um passo de cada vez. Vestir-se foi uma vitória, deixar o quarto foi outra. Sair para a rua e dirigir os seus passos para o restaurante foi um pequeno triunfo pessoal. O ar estava frio — o Inverno ainda deixava sentir os seus efeitos — por isso o seu hálito saía visivelmente para a luz difusa da madrugada. As montanhas eram silhuetas escuras e atarracadas contra o céu, agora que a gorda lua nocturna se afundara atrás dos picos. E ela via um longo e baixo cobertor de nevoeiro espalhar-se nos seus contrafortes. Dedos de névoa erguiam-se do lago e agitavam-se por entre as árvores despidas, finos como asas de fada.

Na escuridão regelada, tudo parecia tão singular, tão parado, tão perfeitamente equilibrado. O seu coração deu um salto quando alguma coisa saiu de entre aquela névoa. Depois acalmou novamente quando viu que era apenas um animal.

Alce, veado, não tinha a certeza, àquela distância. Mas, fosse o que fosse, parecia deslizar, e a névoa esfarrapava-se à sua volta à medida que o animal se aproximava do lago.

Quando dobrou a cabeça para beber, Reece ouviu os primeiros coros dos pássaros. Uma parte dela queria apenas sentar-se, mesmo ali no passeio, e ficar sozinha em silêncio a ver o nascer do sol.

Tranquila, começou a caminhar novamente. Teria de enfrentar a cozinha, as pessoas, as perguntas que sempre circulavam em volta da cara nova em qualquer emprego. Não podia dar-se ao luxo de chegar atrasada, de estar nervosa, e Deus sabia que ela não queria atrair mais atenção sobre si mesma do que o estritamente necessário.

Fica calma, ordenou-se. Concentra-te. Para se ajudar a fazer isso mesmo, recitou excertos de poemas na sua cabeça, concentrando-se no ritmo das palavras até perceber que estava a murmurá-las em voz alta, e

acanhou-se. Não havia ninguém por ali para a ouvir, lembrou-se, e a distração levou-a até à porta do Angel Food.

As luzes brilhavam alegremente no interior, aliviando alguma da tensão nos seus ombros. Viu movimento lá dentro — Joanie, já na cozinha. Aquela mulher alguma vez dormia?

Tinha de bater à porta, disse Reece a si mesma. Bate, põe um sorriso na cara, acena. Uma vez dado esse passo, uma vez lá dentro, afogaria aquela ansiedade no trabalho.

Mas o seu braço parecia feito de chumbo e recusava-se a fazer qualquer movimento. Os seus dedos estavam demasiado rígidos, demasiado frios para se fecharem. Ficou onde estava, sentindo-se estúpida, inútil, impotente.

— Há algum problema com a porta?

Ela deu um pulo, voltou-se. E ali estava Linda-gail a fechar a porta do seu pequeno carro.

— Não. Não. Eu estava só...

— A dormir em pé? Estás com ar de quem não dormiu muito, esta noite.

— Acho que sim. Acho que não dormi, não.

O ar frio parecia arrefecer ainda mais com cada passo que Linda-gail dava na sua direcção. Os brilhantes olhos azuis, tão amigáveis no dia anterior, estavam distantes, depreciativos.

— Estou atrasada?

— Só estou surpreendida por teres conseguido aparecer, quando deves ter passado a noite toda em branco.

Reece viu-se enroscada na cama, agarrada à sua lanterna, à escuta. À escuta.

— Como é que tu...

— Lo tem a reputação de ser resistente.

— Lo? Não... Oh! — Surpresa misturada com divertimento sobre pôs-se aos nervos. — Não, nós não... Eu não. Céus, Linda-gail, eu estive com ele uns... quê? Dez minutos? Tenho de conhecer um tipo há pelo menos uma hora antes de testar a sua resistência.

Linda-gail baixou a mão que erguera para a porta, olhou para Reece, de olhos franzidos.

— Não foste para a cama com o Lo?

— Não. — Com aquilo, pelo menos, sabia lidar. — Quebrei alguma tradição secreta da cidade? Vou ser despedida? Presa? Se ser uma vadia faz parte do perfil requerido para o emprego, devia ter sido avisada logo de início e eu devia estar a ganhar mais do que os oito à hora.

— Essa cláusula é voluntária. Desculpa. — Por entre o rubor, as covi-

nhas apareceram. — Peço muita desculpa. Não devia ter assumido e saltado em cima de ti só porque saíram juntos.

— Ele acompanhou-me ao hotel, sugeriu um copo, que eu não quis, depois ofereceu-se para me mostrar a região, que eu posso ver sozinha, e depois talvez um passeio a cavalo. Não sei montar, mas essa parte posso tentar. Ele recebeu um dez no factor «giro», e outro dez em «comportamento e maneiras». Não tinha percebido que vocês os dois tinham alguma coisa.

— Alguma coisa? Eu e o Lo? — Linda-gail soltou um som de desprezo. — Não temos. Eu sou provavelmente a única mulher com menos de cinquenta anos numa área de cento e cinquenta quilómetros com quem ele nunca dormiu. Para mim, promiscuidade é promiscuidade, quer se seja homem ou mulher.

Encolheu os ombros, depois estudou novamente o rosto de Reece.

— Seja como for, estás mesmo com um ar exausto.

— Não dormi bem, é tudo. Primeira noite num sítio novo, emprego novo. Nervos.

— Podes pô-los de parte — ordenou Linda-gail enquanto abria a porta, e a simpatia voltara aos seus olhos. — Não metemos medo a ninguém, por aqui.

— Já me estava a perguntar se vocês as duas iam ficar ali fora a dar à língua todo o dia. Eu não vos pago para andarem na conversa.

— São seis e cinco, pelo amor de Deus, Joanie. Desconta-me nas horas. Ah, por falar em pagamento, aqui tens a tua parte das gorjetas de ontem à noite, Reece.

— A minha parte? Mas eu não servi à mesa.

Linda-gail enfiou o envelope nas mãos de Reece.

— É política da loja, o cozinheiro recebe dez por cento das gorjetas. Recebemos gorjeta pelo serviço, mas, se a comida for uma porcaria, não ganhamos tanto.

— Obrigada. — Não completamente falida, pensou Reece enquanto enfiava o envelope no bolso.

— Não gastes todo de uma vez.

— Se já acabaram de passar tempo?... — Joanie cruzou os braços sobre o balcão. — Começa a pôr as mesas para o pequeno-almoço, Linda-gail. Reece, acha que está pronta para pôr esse rabo escanzelado aqui dentro e começar a trabalhar?

— Sim, senhora. Ah, e só para limpar o ambiente, o seu filho é encantador, mas eu dormi sozinha ontem à noite.

— O rapaz deve estar a perder qualidades.

— Não lhe sei dizer. E tenciono continuar a dormir sozinha enquanto estiver em Angel's Fist.

Joanie pôs de lado uma tigela de massa para panquecas.

— Não gosta de sexo?

— Gosto, sim. — Reece dirigiu-se ao lavatório para lavar as mãos. — Só não está na minha lista de coisas a fazer, neste momento.

— Deve ser uma listinha bem triste, essa. Sabe fazer *huevos rancheros*?

— Sei.

— São muito populares aos domingos. Tal como as panquecas. Então vá lá, comece a fritar bacon e salsichas. Os clientes madrugadores devem estar a chegar.

Pouco antes do meio-dia, Joanie enfiou um prato com um pãozinho, ovos mexidos e bacon na mão de Reece.

— Aqui tem, leve isto para a sala das traseiras. Sente-se e coma.

— Há aqui o suficiente para duas pessoas.

— Sim, se forem ambas anoréxicas.

— Eu não sou. — Espetou com o garfo uma porção de ovos, como se os fosse provar.

— Leve lá para trás, para o meu escritório, e sente-se. Tem vinte minutos.

Ela já vira o escritório, e *sala* era um termo muito generoso.

— Ouça, eu tenho um problema com espaços pequenos.

— Medo do escuro e claustrofóbica. É um monte de fobias, a senhora. Então sente-se ao balcão. Tem vinte minutos na mesma.

Fez o que lhe fora ordenado, sentando-se ao fundo do balcão. Um momento depois, Linda-gail pôs uma chávena de chá na sua frente, com um piscar de olho.

— Ei, doutor. — Linda-gail passou o pano pelo balcão e lançou um sorriso de bons-dias ao homem que se sentou no banco ao lado de Reece. — O mesmo do costume?

— O colesterol especial de domingo, Linda-gail. É o meu dia de todos os riscos.

— É para já. Joanie — chamou para a cozinha sem se dar ao trabalho de escrever num papel. — Chegou o doutor. Doutor, esta é a Reece, a nossa nova cozinheira. Reece, este é o doutor Wallace. Ele trata qualquer coisa que te aflija. Mas não deixes que te arraste para um jogo de póquer. É um manhoso do pior.

— Então, então, como é que eu vou conseguir esfolar os recém-chegados se lhes dizes essas coisas? — Virou-se no seu banco, acenou com a cabeça para Reece. — Ouvi dizer que a Joanie tinha arranjado uma pessoa que sabia o que estava a fazer na cozinha. Como é que está a correr?

— Até agora, tudo bem. — Teve de fazer um esforço para se lembrar

que ele não estava propriamente a vir na sua direcção com uma bata branca e agulhas na mão. — Gosto do trabalho.

— O melhor pequeno-almoço de domingo no Wyoming é o da Joanie. Lá no hotel, põem um grande *buffet* para os turistas, mas, se quer comer bem, é aqui mesmo. — Recostou-se melhor com o café que Linda-gail acabara de pôr na sua frente. — Vá lá, coma isso enquanto ainda está quente.

Em vez de ficar só a olhar, pensou ele, como se a comida no prato fosse um quebra-cabeças a resolver. Havia trinta anos que era o médico da cidade, disse-lhe depois. Chegara novo, em resposta a um anúncio que as autoridades da cidade tinham publicado no jornal de Laramie. E foi o que contou a Reece enquanto ela brincava com a comida.

— Andava à procura de aventura — disse ele com uma voz onde havia o ligeiro toque nasalado do oeste rural. — Apaixonei-me pelo lugar e por uma bonita rapariga de olhos castanhos chamada Susan. Criei aqui três filhos. O mais velho também é médico, no primeiro ano de internato, em Cheyenne. A do meio, a nossa Annie, casou com um tipo que tira fotografias para a revista da *National Geographic*. Mudaram-se todos para Washington, D.C. Também lá tenho um neto. O mais novo está na Califórnia, a estudar filosofia. Não sei acerca do que raio vai ele filosofar, mas aí tem. Perdi a minha Susan há dois anos. Cancro da mama.

— Lamento muito.

— Tem sido muito, muito difícil. — Olhou de relance a aliança no dedo. — Ainda a procuro ao meu lado quando acordo de manhã. Suponho que sempre o farei.

— Está pronto, doutor. — Linda-gail pousou um prato na sua frente, e depois ambos se riram quando Reece ficou de boca aberta a olhar para ele. — E vai comer tudo, acredita — disse Linda-gail antes de se ir embora.

Havia uma pilha de panquecas, uma omeleta, uma grossa fatia de presunto, uma generosa porção de batatas fritas caseiras e um trio de salsichas frescas.

— Não vai mesmo comer isso tudo.

— Observe e aprenda, minha menina. Observe e aprenda.

Ele parecia em forma, pensou Reece, na sua camisa aos quadrados e casaco simples. Como alguém que come refeições saudáveis e faz uma razoável quantidade de exercício. O seu rosto era rosado e magro, com um par de claros olhos cor de avelã por detrás dos óculos de armação de metal.

E, no entanto, empanturrava-se com aquele enorme pequeno-almoço como um camionista de longa distância.

— Tem família na costa leste?

— Sim, a minha avó, em Boston.

— Foi lá que aprendeu a cozinhar?

Ela não conseguia afastar os olhos da forma como a comida estava a desaparecer.

— Sim, foi lá que comecei. Frequentei o New England Culinary Institute em Vermont, depois estive um ano em Paris, no Cordon Bleu.

— Culinary Institute. — O médico agitou as sobancelhas. — E Paris. Que chique.

— Desculpe? — Ela compreendia abruptamente que dissera mais sobre os seus antecedentes em cinco minutos do que normalmente dizia a quem quer que fosse em duas semanas. — Mais intenso, na verdade. Tenho de voltar ao trabalho. Tive muito gosto em conhecê-lo.

Reece trabalhou durante todo o turno do almoço e, com o resto da tarde e a noite pela sua frente, decidiu dar um longo passeio a pé. Podia dar a volta ao lago, talvez explorar algumas das florestas e ribeiros. Podia tirar fotografias e enviá-las por email à sua avó e, entre o ar fresco e o exercício, conseguir cansar-se.

Calçou as botas de caminhar, preparou a mochila precisamente como o seu guia recomendava para as caminhadas de menos de quinze quilómetros. De novo na rua, encontrou um local perto do lago onde se sentar e ler as brochuras que obtivera no hotel.

Decidiu que tiraria todos os dias um tempo, se conseguisse, para sair da cidade, meter-se no parque, talvez aventurar-se apenas um pouco mais para longe. Estava melhor fora de casa, sempre melhor ao ar livre.

Quando tivesse o seu primeiro dia de folga, escolheria um dos percursos mais fáceis e subiria ao encontro do rio. Mas, por agora, o melhor era começar a fazer o que o guia sugeria e estrear as botas de caminhada.

Começou a andar a um ritmo confortável. Essa era, pelo menos, uma das vantagens da sua nova vida. Raramente tinha pressa. Ela podia fazer o que escolhia fazer, no momento que queria, ao seu próprio ritmo. Antes, nunca pudera oferecer-se esta hipótese. Nos últimos oito meses, ela vira e fizera mais do que nos vinte e oito anos anteriores. Talvez fosse um pouco louca, era certamente neurótica, fóbica e ligeiramente paranóica, mas havia espaços dentro de si que conseguira voltar a encher, e pedaços de si que voltara a colocar no seu lugar.

Nunca voltaria a ser o que fora em tempos — a agitada, ambiciosa mulher da cidade. Mas descobrira que gostava do que quer que se estivesse a formar em si. Agora, prestava mais atenção aos pormenores que antes tinham passado por ela como um borrão. O jogo de luz e sombras, o movimento da água, a sensação esponjosa do chão a derreter debaixo dos seus pés.

Ela podia parar onde estava, naquele preciso momento, e observar uma garça-real erguer-se, silenciosa como uma nuvem, das águas do lago.



Podia ver as ondulações irradiarem sobre a superfície, cada vez mais largas, até tocarem a ponta dos remos vigorosamente manejados por um rapaz num caiaque vermelho.

Lembrou-se da sua câmara demasiado tarde para apanhar a garça-real, mas conseguiu captar o rapaz e o seu barco encarnado, e a água azul, e o estonteante reflexo das montanhas que abarcavam a sua superfície.

Juntaria pequenas notas a cada foto, pensou enquanto recomeçava a caminhar. Assim, a sua avó sentir-se-ia parte da viagem. Reece sabia que deixara preocupação na sua esteira em Boston, mas a única coisa que podia fazer era enviar uns emails e telefonar de vez em quando para dizer à avó onde e como estava.

Embora nem sempre fosse perfeitamente verdadeira no que dizia respeito ao como.

Algumas casas e cabanas espalhavam-se em redor do lago, e alguém, notou ela, estava a fazer um churrasco de domingo. Era um bom dia para isso — frango grelhado, salada de batata, espetos de vegetais marinados, litros de chá gelado, cerveja fresca.

Um cão chapinhava na água atrás de uma bola azul, enquanto uma menina ficava na margem a rir e a encorajá-lo. Quando ele a recuperou e chapinhou de volta para a berma, abanou-se como um louco, molhando a rapariga com água que reflectia a luz do sol e a disparava como diamantes.

O seu ladrar estava cheio de uma insana alegria quando ela atirou a bola outra vez e ele saltou de novo para a água para repetir o ciclo.

Reece puxou da sua garrafa de água e foi bebendo enquanto se desviava do lago e deambulava na direcção das árvores.

Podia ver um veado, ou até um alce — talvez o mesmo que vira nessa manhã — se ficasse suficientemente quieta. Dispensava o avistamento do urso que as brochuras e guias diziam viver nas florestas da área, mesmo que o guia clamasse que a maior parte dos ursos se iria embora ao sentir um humano por perto.

Quem lhe garantia que o urso não estaria com um péssimo humor nesse dia e decidiria descarregar por cima dela?

Por isso tinha de ser cuidadosa, não iria longe e, embora tivesse a sua bússola, não sairia do trilho.

Estava mais fresco, ali, pensou. O sol não conseguia atingir os montes e bolsas de neve, e a água do pequeno ribeiro que encontrou tinha de empurrar por entre os pedaços de gelo.

Seguiu o ribeiro, ouvindo os estalidos e silvos do gelo que derretia lentamente. Quando encontrou as pegadas e excrementos, ficou excitada. Que espécie de pegadas? Que tipo de cocó, perguntou-se. Querendo saber, começou a desenterrar o guia da sua mochila.

O ruído de alguma coisa a mexer deixou-a congelada, fê-la olhar cuidadosamente em volta. Era impossível saber quem ficara mais surpreendido, Reece ou o alce americano, mas ficaram ambos a olhar um para o outro com mútuo choque durante um esbaforido momento.

Devo estar contra o vento, pensou. Ou seria a favor do vento? Quando estendeu lentamente a mão para a câmara, fez uma nota mental para ir verificar isso novamente. Conseguiu uma fotografia de corpo inteiro, depois cometeu o erro de rir de prazer. O som fez o animal debandar.

— Eu sei como é — murmurou ela ao vê-lo fugir do contacto humano. — O mundo está cheio de coisas assustadoras.

Enfiou de novo a pequena máquina no bolso, percebendo que já não ouvia o cão a ladrar, nem o rugido dos carros que passavam na estrada principal da cidade. Apenas a brisa que corria por entre as árvores como ondas a rebentar baixinho e aquele borbulhar e silvar da corrente.

— Talvez eu devesse viver na floresta. Encontrar uma pequena cabana isolada, plantar umas verduras. Podia ser vegetariana — considerou enquanto dava um salto por cima do estreito ribeiro. — Bem, isso talvez não. Mas provavelmente podia aprender a pescar. Comprava uma carrinha de caixa aberta para ir à cidade uma vez por mês comprar mantimentos.

Começou a imaginar-se, a pintar a imagem na sua cabeça. Não demasiado longe da água, não demasiado perto das montanhas. Montes e montes de janelas para que fosse quase viver no exterior.

— Eu podia montar o meu próprio negócio. Uma pequena indústria caseira. Cozinhar todo o dia, vender os produtos. Fazer tudo pela Internet, talvez. Nunca sair de casa. E acabar por juntar a agorafobia à minha lista.

Não, viveria na floresta — essa parte estava bem — mas trabalharia na cidade. Até podia ser ali, e continuaria a trabalhar para Joanie.

— Vou dar umas semanas, é o melhor. Ver como correm as coisas. Sair daquele hotel, isso é certo. Não vai funcionar muito mais tempo. Agora, para onde vou, isso é que é o problema. Talvez veja pelo...

Soltou um grito, deu um passo em falso e quase caiu de rabo.

Uma coisa era dar de caras com um alce americano, e outra completamente diferente era encontrar um homem estendido numa rede com um livro aberto em cima do peito.

Ele ouvira-a aproximar-se — seria difícil não ouvir, quando ela estava a fazer um debate verbal consigo mesma. Assumira que a mulher viraria na direcção do lago, mas, em vez disso, ela dirigira-se directamente para a sua rede, de olhos nas pontas das suas botas de caminhada obviamente novas. Por isso baixara o livro para a observar.

Mulher urbana a caminhar ao ar livre, riu-se. Mochila e botas *L.L.*

*Bean, Levi's* — ao menos essas mostravam algum desgaste — garrafa de água.

Seria um telemóvel, aquilo que lhe saía de um bolso? A quem é que ela estava a pensar telefonar?

Ela voltara a apanhar o cabelo, enfiando o rabo-de-cavalo pela abertura traseira do boné preto que usava. O seu rosto era pálido, os olhos enormes, e assustados, e de um profundo e rico castanho hispânico.

— Perdeu-se?

— Não. Sim. Não. — Ela olhou em volta, como se tivesse acabado de cair de outro planeta. — Estava só a dar um passeio, não percebi. Devo ter entrado em propriedade privada.

— Provavelmente. Quer esperar aqui um minuto, enquanto vou buscar a minha espingarda?

— Não, obrigada. Ah. É a sua cabana, suponho.

— Sabe juntar dois mais dois.

— É agradável. — Ela estudou-a por um minuto, a simples estrutura de troncos, o longo alpendre coberto com a sua única cadeira, a sua única mesa. Era uma coisa deliciosa, decidiu ela. Uma única cadeira, uma única mesa.

— Reservado — acrescentou. — Desculpe.

— Não tem de que se desculpar. Eu gosto que seja reservado.

— Eu queria dizer... bem, sabe o que eu queria dizer. — Ela inspirou profundamente, torcendo e retorcendo o boné na sua garrafa de água. Era mais fácil para ela estar com desconhecidos. Fora a piedade, os olhares preocupados daqueles que conhecia que se tinham tornado impossíveis de suportar.

— Está a fazer isso outra vez. A olhar fixamente para mim. Isso é indelicado.

Ele ergueu uma sobrancelha. Ela sempre admirara pessoas que conseguiam fazer aquilo, como se aquela única sobrancelha fosse dotada de um conjunto de músculos independente. Depois ele estendeu a mão para o chão no ponto exacto onde estava a sua garrafa de cerveja.

— Quem é que decide esse tipo de coisas? O que é indelicado numa determinada cultura?

— A SPI.

Ele só precisou de um momento.

— A Sociedade de Prevenção da Indelicadeza? Julguei que tinham acabado.

— Não, eles continuam o seu bom trabalho em locais secretos.

— O meu bisavô era membro da SPI, mas não falamos muito acerca disso, uma vez que era um perfeito idiota.

— Bem, eles existem em qualquer família ou grupo. Eu deixo-o voltar para a sua leitura.

Ela deu um passo atrás e ele ponderou se devia oferecer-lhe uma cerveja ou não. Uma vez que teria sido um gesto quase sem precedentes, já tinha decidido não o fazer quando um som estridente cortou o ar.

Ela caiu no chão, com os braços a cobrir a cabeça como um soldado numa trincheira.

A sua primeira reacção foi rir. Miúda da cidade. Mas ele viu, quando ela não se moveu nem soltou nenhum som, que era mais do que isso. Retirou os pés da sua rede, depois agachou-se.

— *Raté* — disse ele descontraidamente. — É o camião do Carl Sampson. É sucata sobre rodas.

— *Raté*.

Ele ouviu-a murmurar a palavra repetidamente, a tremer.

— Sim, é isso mesmo. — Pôs-lhe uma mão sobre o braço, para a acalmar, e ela contraiu-se.

— Não. Não me toque. Não me toque. Não. Eu só preciso de um minuto.

— Está bem. — Ele levantou-se para ir buscar a garrafa de água que voara quando ela se atirara ao chão. — Quer isto? A sua água?

— Sim. Obrigada. — Ela agarrou na garrafa, mas os seus dedos trémulos não conseguiam tirar a tampa. Sem uma palavra, Brody tirou-lha, desenroscou a tampa, devolveu-lha.

— Eu estou bem. Sobressaltei-me, foi só isso.

Sobressaltou-se o caraças, pensou ele.

— Pensei que era um tiro.

— Também vai ouvir esse tipo de coisas. Nada durante a temporada. A caça, quero eu dizer, mas as pessoas por aqui fazem tiro ao alvo. É o oeste selvagem, Magrinha.

— Claro. Claro que é. Eu vou habituar-me.

— Se vai andar pelas florestas e pelos montes, é melhor vestir cores vivas. Vermelho, cor-de-laranja.

— Tem razão. Claro, tem razão. Não me vou esquecer da próxima vez.

Alguma cor regressara ao seu rosto, mas, na opinião de Brody, era de puro embaraço. Mesmo quando ela se levantou, a sua respiração continuou irregular. Fez uma pouco convicta tentativa de sacudir as roupas.

— Isto completou o momento recreativo do nosso programa. Tenha um resto de bom dia.

— É o meu plano. — Um tipo mais simpático, pensou ele, provavelmente insistiria que ela se sentasse, ou iria oferecer-se para a acompanhar até à cidade. Só que ele não era um tipo mais simpático.

Ela continuou a andar, depois abrandou para olhar rapidamente por cima do ombro.

— Já agora, o meu nome é Reece.

— Eu sei.

— Oh. Bem. Vemo-nos por aí.

Será difícil evitá-lo, pensou Brody, mesmo quando ela caminhava depressa e com os olhos postos no chão. Mulher arrepiante, com aqueles enormes olhos de corça assustada. Mas era bonita, e provavelmente ascenderia a sensual se tivesse mais cinco quilos em cima dela.

Mas era a parte arrepiante que o fascinava. Ele nunca conseguia resistir a tentar descobrir o que fazia mover as pessoas. E, no caso de Reece Gilmore, ele imaginava que o que quer que se movia no seu interior tinha rastilhos muito curtos.

Reece manteve os olhos no lago — a ondulação, os cisnes, os barcos. Seria uma longa caminhada para o contornar, mas isso dar-lhe-ia tempo para se acalmar novamente e para fazer arrefecer o ardor do embaraço. Este já se estava a transformar numa enxaqueca, mas não fazia mal, estava tudo bem. Se não retrocedesse, tomaria qualquer coisa quando chegasse ao hotel.

Talvez o seu estômago estivesse revirado, mas não era muito mau. Ela não vomitara e pusera um ponto final na sua mortificação.

Porque é que não podia ter estado sozinha no bosque quando o estúpido camião soltara aquele estrondo? Claro que, nesse caso, ainda podia estar naquela altura enrolada no chão, a chorar.

Ao menos Brody mostrara-se bastante prático. Tome a sua água, recomponha-se. Era tão mais fácil lidar com isso do que com as festas e os pronto-prontos.

Como o sol lhe magoava agora os olhos, ela procurou na mochila pelos seus óculos escuros. Ordenou a si mesma que mantivesse a cabeça direita, que caminhasse a um ritmo normal. Até conseguiu sorrir para um casal que passeava ao longo do lago como ela, e ergueu a mão num aceno em resposta à saudação de um condutor num carro que passava quando, finalmente, chegou à estrada principal.

A repariga — Reece não conseguiu extrair o seu nome da cabeça a latejar — estava novamente na recepção do hotel. Ela lançou um sorriso a Reece, perguntou-lhe como estava, se tinha gostado da sua caminhada. Reece sabia que tinha respondido, mas todas as palavras lhe pareciam metálicas e falsas.

Ela queria o seu quarto.

Subiu as escadas, encontrou a chave, depois encostou-se contra a porta quando se viu lá dentro.

Depois de verificar as fechaduras — duas vezes — e tomar a sua me-

dicação, enroscou-se na cama, completamente vestida, ainda de botas e óculos escuros.

E, fechando os olhos, cedeu à exaustão de ter de fingir ser normal.

#### 4.

Uma tempestade de Primavera despejou vinte centímetros de uma neve húmida e pesada e transformou o lago num espumoso disco cinzento. Alguns dos habitantes abriam caminho através dela com motas de neve, enquanto os miúdos, enfaixados como cepos disformes dentro dos seus equipamentos de Inverno, se entretinham a construir bonecos de neve em volta da beira do lago.

Lynt, com os seus largos ombros e cara marcada pelo clima, fazia intervalos nos seus deveres de limpa-neve para atestar a sua garrafa térmica com o café de Joanie e queixar-se do vento.

Reece experimentara-o pessoalmente na sua caminhada para o trabalho nessa manhã. Soprava furiosamente pelo vale, atravessava o lago, produzindo neve fresca enquanto queimava até ao osso.

Batia nas janelas, uivava como um homem resolvido a assassinar. Quando a electricidade se foi, a própria Joanie enfiou casaco e botas para se arrastar até lá fora e ligar o gerador.

O seu rugido competiu com o grito do vento e o trovejar do limpa-neve de Lynt, até Reece se perguntar como é que os filhos e filhas de todas as mães não enlouqueciam de vez com todo aquele barulho implacável.

Mas isso não impedia as pessoas de continuarem a entrar. Lynt desligou o seu limpa-neve para se instalar com uma enorme tigela de guisado de búfalo. Carl Sampson, com as bochechas vermelhas por causa do vento, entrou para se sentar com Lynt e devorar rolo de carne, e depois ficou para comer duas fatias de tarte de baga de murta.

Outros chegaram e partiram. Outros chegaram e deixaram-se ficar. Todos queriam comida e companhia, compreendia ela. Contacto humano e qualquer coisa quente na barriga que lhes lembrasse que não estavam sozinhos. Enquanto grelhava, fritava, cozia e cortava, também ela se sentia mais calma com o zumbido das vozes.

Mas não haveria vozes nem contacto quando terminasse o seu turno. Ao pensar no seu quarto de hotel, abriu caminho até ao armazém na sua pausa para comprar pilhas suplentes para a lanterna. Nunca se sabia.

— O Inverno tem de dar a sua última bofetada — disse-lhe Mac enquanto fazia a conta das suas pilhas. — Vou ter de encomendar mais. Houve grande procura. Quase tão grande como pelo pão, os ovos e o leite.

Porque será que as pessoas se abastecem sempre de pão, leite e ovos numa tempestade?

— Se calhar para poderem fazer fatias douradas.

Ele deu uma rápida gargalhada.

— Deve ser isso. Como é que estão as coisas no Joanie's? Ainda não consegui lá ir desde que isto começou. Gosto de passar por todas as lojas que estão abertas quando somos apanhados pela tempestade. Como sou *mayor*, sinto que tenho de o fazer.

— Temos o gerador ligado, por isso continuamos a trabalhar. E o Mac também.

— Sim, não gosto de fechar as portas. Lynt tem as estradas suficientemente limpas e a electricidade deve estar a voltar num par de horas. Já fui verificar isso. E ela já está a passar. A tempestade.

Reece olhou de relance para a janela.

— Está?

— Quando voltar a electricidade, já ela deve estar acabada. Vai ver. O único verdadeiro problema é o telhado do armazém do Clancy's, que deu de si. Mas a culpa é dele. Já devia ter sido arranjado, e ele não o mandou limpar. Diga a Joanie que vou lá verificar as coisas assim que tiver oportunidade.

Passada apenas uma hora, as previsões de Mac revelaram-se acertadas. O vento transformou-se num murmúrio irritável. Antes de passar uma outra hora, a *jukebox* — que Joanie recusava pôr a trabalhar com o seu gerador — gemeu, soluçou e depois ofereceu Dolly Parton.

E muito depois de a pesada queda de neve e o vento brutal deixarem a cidade, Reece viu a tempestade despejar a sua fúria em nuvens negras sobre as montanhas. Aumentando a sua ferocidade, dando-lhes um frio e distante poder.

Sentiu-se grata por poder estar no calor do seu quarto de hotel a olhá-las ao longe.

Ela preparava cubas de guisado de acordo com as receitas de Joanie, grelhava quilos e quilos de carne, e aves, e peixe. No fim de cada turno, contava o dinheiro das suas gorjetas, depois enfiava-o num envelope que guardava na mochila.

Em alguma altura durante o dia ou a noite, Joanie enfiava um prato de comida por baixo do nariz de Reece. Ela comia num canto da cozinha enquanto a carne fumegava no grelhador, a *jukebox* tocava e as pessoas se sentavam ao balcão a conversar.

Três dias depois da tempestade, ela estava a servir uma tigela de sopa quando Lo entrou no seu passo lento. Fez um pequeno teatro a cheirar o ar.

— Alguma coisa cheira aqui muito bem.

— Sopa de *tortilla*. — Convencera finalmente Joanie a deixá-la preparar uma das suas próprias receitas. — E está boa. Quer uma tigela?

— Eu estava a falar de si, mas não recuso uma tigela disso.

Ela entregou-lhe aquela que tinha acabado de preparar, depois foi buscar outra tigela. Ele pôs-se atrás dela e estendeu o braço ao mesmo tempo. Um clássico gesto de avanço, pensou Reece, tal como a sua fácil escapatória.

— Já tenho. A sua mãe está lá atrás no escritório, se quer falar com ela.

— Eu passo por lá antes de me ir embora. Vim cá para falar consigo.

— Sim? — Ela encheu a tigela, salpicou-a com o queijo que ralara para o efeito e as tiras de *tortilla* que fritara. Pensou saudosamente em como teria ficado muito melhor com coentros frescos, enquanto pousava a tigela sobre um prato com um pãozinho e dois pedaços de manteiga. Dando meia volta, pousou tudo no balcão. — Pronto — chamou, depois pegou no pedido seguinte.

Talvez pudesse convencer Joanie a acrescentar coentros, bem como mais umas ervas frescas, à encomenda de vegetais.

Alguns tomates secos e rúcula. Se ela pudesse ao menos...

— Ei, onde é que está? — perguntou Lo. — Também posso ir?

— O quê? Desculpe, disse alguma coisa?

Ele pareceu um pouco aborrecido, e surpreendido, também. Ela imaginou que Lo não devia estar acostumado a que uma mulher se esquecesse da sua presença. Filho da patroa, lembrou a si mesma, e ofereceu-lhe um rápido sorriso.

— Eu fico muito concentrada quando estou a cozinhar.

— Estou a ver que sim. De qualquer maneira, isto está bem fraco, hoje.

— Mas não tem parado. — Ela preparou os ingredientes para um *cheseburger* com bacon e uma sanduíche de galinha e continuou a trabalhar para marcar o tempo de duas doses de batatas fritas.

— Raios! Isto é *mesmo* bom. — Ele ia comendo mais sopa.

— Obrigada. Não se esqueça de dizer à patroa.

— Pode ter a certeza. Então, Reece, estive a ver o calendário. Esta noite está de folga.

— Mmm-hmm. — Ela acenou para Pete quando o magro lavador de pratos regressou da sua pausa.

— Pensei que talvez quisesse ir ver um filme.

— Não sabia que havia uma sala de cinema na cidade.

— Não há. Eu tenho a melhor colecção de DVD no Wyoming ocidental. E também faço um fantástico balde de pipocas.

— Isso não me surpreenderia. — Filho da patroa, lembrou Reece a si



mesma novamente. Tens de arranjar um equilíbrio entre o ser amigável e o dar para trás. — É um convite simpático, Lo, mas eu tenho muitas coisas para adiantar esta noite. Quer um pãozinho com essa sopa?

— Talvez. — Ele aproximou-se um pouco mais, não ainda a encurralá-la contra o grelhador. — Sabe, linda, vai partir-me o coração, se continuar a recusar os meus convites.

— Duvido. — Ela manteve o tom ligeiro enquanto virava a carne no grelhador, depois entregou-lhe um pão e um prato. — É melhor não se aproximar demasiado do grelhador — avisou. — Pode ficar salpicado de gordura.

Em vez de levar a sopa para o restaurante, como ela esperara, ele limitou-se a inclinar-se novamente contra a bancada de trabalho.

— Eu tenho um coração tremendamente frágil.

— Então é melhor afastar-se de mim — disse-lhe ela. — Eu piso os corações todos. Deixei um rasto de corações feridos e a sangrar por todo o caminho desde Boston. É uma doença que eu tenho.

— Eu posso ser a cura.

Com isto, ela olhou para ele. Demasiado bonito, demasiado charme. Noutros tempos, poderia ter gostado de ser perseguida por ele, até se deixaria apanhar um pouco. Mas agora não tinha, simplesmente, energia para jogos.

— Quer a verdade?

— Vai doer?

Isto fê-la rir.

— Eu gosto de si. Prefiro continuar a gostar de si. É o filho da minha patroa, e isso fá-lo vir logo a seguir à patroa, na minha fila. Eu não durmo com patrões, por isso não vou dormir consigo. Mas agradeço a oferta.

— Não lhe pedi para dormir comigo — frisou ele.

— Só nos estou a poupar tempo aos dois.

Ele encheu a colher de sopa, comeu de uma forma lenta e pensativa. O seu sorriso era igual — lento e pensativo.

— Aposto que conseguia fazê-la mudar de ideias, se me desse uma hipótese.

— É por isso que não lha dou.

— Talvez seja despedida, ou a minha mãe me deserde.

Quando a fritadeira apitou, ela pôs as batatas a escorrer nos cestos enquanto terminava as sanduíches.

— Não me posso dar ao luxo de ser despedida e a sua mãe adora-o.

Ela terminou os pedidos, pô-los no balcão.

— Agora vá lá para fora, sente-se no balcão e termine a sua sopa. Está a estorvar-me.

Ele sorriu-lhe.

— As mulheres mandonas são a minha fraqueza.

Mas saiu da cozinha quando ela começou a tratar do pedido seguinte.

— Ele vai voltar a tentar — disse-lhe Pete do lavatório com uma voz que ainda dizia Bronx, mesmo depois de oito anos no Wyoming. — Ele não consegue resistir.

Ela sentiu-se um pouco embaraçada, um pouco quente.

— Talvez lhe devesse ter dito que era casada, ou lésbica.

— Agora é demasiado tarde para isso. É melhor dizer-lhe que se apaixonou perdidamente por mim. — Pete lançou-lhe um sorriso, mostrando o grande espaço entre os dois dentes da frente.

Ela riu novamente.

— Porque é que não me lembrei disso?

— Ninguém se lembra. É por isso que ia funcionar.

Joanie entrou, enfiou um cheque no bolso do avental de Pete, entregou outro a Reece.

— Dia de pagamento.

— Obrigada. — E Reece tomou uma decisão nesse momento.

— Estava a pensar se me podia mostrar o apartamento lá de cima, quando tivesse hipótese. Se ainda estiver livre.

— Não viu ninguém mudar-se para aqui, pois não? Venha ao meu escritório.

— Eu preciso de...

— Faça o que lhe estou a dizer — terminou Joanie ao sair.

Sem outra alternativa, Reece seguiu-a. Lá dentro, Joanie abriu um estreito armário de parede com um *cowboy* entalhado que montava um cavalo empinado. Havia um exército de chaves etiquetadas penduradas em ganchos. Pegou numa delas, passou-a a Reece.

— Vá lá acima, dê uma vista de olhos.

— Não está na hora do meu intervalo.

Joanie ergueu uma anca, pôs uma mão em cima.

— Menina, está na hora se eu digo que está na hora. Vá lá. As escadas são lá atrás.

— Está bem, volto daqui a dez minutos.

Estava bastante frio, mesmo com a neve a transformar-se rapidamente em lama, e ela precisava de um casaco. Ficou contente por o ter ido buscar quando subiu as raquíticas escadas exteriores e destrancou a porta. Joanie era, obviamente, frugal o bastante para manter o aquecimento desligado no andar superior.

Ela viu que se tratava essencialmente de um quarto com uma alcova onde se aninhava uma cama-estúdio de ferro e um curto balcão do lado da

rua que separava uma pequena cozinha. O soalho era de tábuas de carvalho de tamanhos díspares que mostravam algumas cicatrizes, enquanto as paredes eram de um macilento bege industrial.

Havia uma casa de banho que era na verdade ligeiramente maior do que a do seu quarto no hotel, com um lavatório de pedestal branco e uma velha banheira de ferro com pés em garra. Manchas de ferrugem floresciam pelos canos. O espelho sobre o lavatório estava pintalgado e os azulejos de um branco persistente tinham as bordas pretas.

A sala principal abrigava um bambo sofá aos quadrados, uma poltrona de um azul deslavado e um par de mesas com candeeiros por cima que tinham sido obviamente comprados numa feira de velharias.

Ela estava a sorrir mesmo antes de se voltar para as janelas. Um trio delas dava para as montanhas, e parecia abrir-se para o mundo. Ela via o céu no ponto onde os veios azuis se debatiam contra o branco, e o lago onde aquele azul cintilava contra o cinzento.

Os bonecos de neve estavam a derreter-se em *hobbits* deformados que se abriam sobre a erva castanha do Inverno. Os salgueiros eram esfarrapadas varas curvadas, e os choupos estremeciam. Sombras passavam sobre os picos cobertos de neve à medida que as nuvens se uniam e separavam, e ela pensou ver um desmaiado brilho que podia ter sido de um lago alpino.

A cidade, com as suas ruas lamacentas, as suas alegres varandas brancas, as suas cabanas rústicas, estendia-se lá em baixo. Ali, naquele lugar, sentia-se parte dela, ainda que segura e distante.

— Eu podia ser feliz aqui — murmurou. — Aqui podia ficar bem.

Teria de comprar algumas coisas. Toalhas, lençóis, provisões para a cozinha, produtos de limpeza. Pensou no cheque no seu bolso, no dinheiro das gorjetas que tinha guardado. Poderia comprar o essencial. E poderia ser divertido. A primeira vez que comprava coisas suas em quase um ano.

Grande passo, pensou, e depois começou imediatamente a questionar-se. Seria um passo demasiado grande, demasiado cedo? Alugar um apartamento, comprar lençóis. E se tivesse de se ir embora? E se fosse despedida? E se...

— Céus, como eu me aborreço a mim mesma — murmurou. — Os «ses» são para amanhã. O que interessa é o momento. E, neste momento, quero viver aqui.

Enquanto assim pensava, algumas nuvens separaram-se e um raio de frágil luz do sol disparou entre elas.

Aquilo, decidiu ela, era um sinal suficiente. Experimentaria ficar ali, pelo tempo que durasse.

Ouviu passos na escada lá fora e a bolha de medo abriu-se no seu

peito. Enfiando a mão no bolso, fechou-a em volta do seu botão do pânico e agarrou um dos pirosos candeeiros com a outra.

Quando Joanie abriu a porta, Reece pousou o candeeiro como se tivesse estado a examiná-lo.

— Feio, mas dá boa luz — disse Joanie, e ficou-se por aí.

— Desculpe, demorei mais tempo do que tencionava. Vou já para baixo.

— Não há pressa. Está pouca gente e mandei Beck para o grelhador. Desde que não haja nada demasiado complicado, ele dá conta do recado. Quer alugar isto ou não?

— Sim, se puder pagar a renda. Nunca me disse quanto...

Em mangas de camisa, de avental manchado e sapatos de solas grossas, Joanie olhou rapidamente em volta do espaço. Depois nomeou uma quantia mensal que era ligeiramente inferior à tarifa do hotel.

— O aquecimento e luz estão incluídos, a não ser que eu descubra que enlouqueceu nesse capítulo. Se quer telefone, é consigo. A mesma coisa se lhe passar pela cabeça que quer pintar as paredes. Eu não quero montes de barulho aqui em cima durante as horas de expediente.

— Eu sou muito silenciosa. Preferia pagar à semana. Gosto de ir pagando pouco a pouco.

— Não me interessa, desde que pague a horas. Pode mudar-se para aqui hoje, se quiser.

— Amanhã. Preciso de comprar umas coisas.

— Como queira. Um bocado vazio, isto. — Os olhos de águia de Joanie deram a volta ao quarto. — Devo ter algumas coisas que não uso que posso trazer para aqui. Se precisar de ajuda com as mudanças, Pete e Beck podem ser úteis.

— Muito obrigada. Por tudo.

— Está a trabalhar por isso. O seu aumento está a chegar.

— Obrigada.

— Não precisa de agradecer uma coisa que estava combinada desde o princípio. A Reece faz o seu trabalho, não causa problemas. Não faz perguntas, também. Só não sei se é porque estava ausente no dia em que distribuíram a curiosidade ou se não quer que lhe façam perguntas também a si.

— Isso é uma pergunta ou uma afirmação?

— Mas não é estúpida. — A mão de Joanie tateou o bolso do avental, onde Reece sabia que ela mantinha sempre um pacote de cigarros. — Digamos as coisas claramente. A senhora está com problemas. Qualquer pessoa com dois dedos de testa consegue perceber isso só de olhar para si. Suponho que tem aquilo a que gostam de chamar *coisas mal resolvidas*.

— É isso que lhes chamam? — murmurou Reece.

— Por mim, se está a tentar resolvê-las ou apenas a deixar-se ficar quieta, isso é consigo. Mas não deixe que isso se intrometa no seu trabalho, senão já é comigo. É uma boa trabalhadora e a melhor cozinheira que já tive ao meu fogão. Ando a pensar aproveitar isso, especialmente se souber que não vai desaparecer uma destas noites e deixar-me pendurada. Não gosto de depender de ninguém. Só serve para me desiludir. Eu vou aproveitá-la e receberá o seu ordenado a horas e uma renda razoável por esta casa. Terá o seu tempo de folga e, se ainda aqui estiver daqui a mais uns meses, terá outro aumento.

— Não a vou deixar pendurada. Se precisar de me ir embora, eu aviso-a com antecedência.

— Muito bem. Agora vou perguntar directamente, e eu consigo perceber se me estiver a mentir. Tem a polícia atrás de si?

— Não. — Reece passou os dedos pelos cabelos e soltou uma fraca gargalhada. — Céus, não.

— Também não me pareceu, mas fique desde já a saber que algumas pessoas por aqui andam a especular acerca disso. As pessoas de Fist gostam de especular, para passar o tempo. — Fez uma pausa. — Não quer dizer quais são os seus problemas, também é consigo. Mas pode ser útil saber: se vier alguém à sua procura, diga-me se quer que a encontrem ou que eu aponte noutra direcção.

— Não vem ninguém à minha procura. Só tenho a minha avó, e ela sabe onde estou. Não ando a fugir de ninguém. — Excepto, talvez, de mim mesma, pensou.

— Então, muito bem. Já tem a chave. Eu tenho uma cópia no meu escritório. Não precisa de ter medo que eu venha cá acima pôr o nariz, quando se tiver mudado. Mas se se atrasa com a renda, eu desconto do seu ordenado. Sem desculpas. Já as ouvi todas.

— Se me quiser trocar o cheque, eu pago-lhe já a primeira semana.

— Acho que podemos trabalhar assim. Mais uma coisa, dava-me jeito alguma ajuda com a pastelaria, de vez em quando. Posso dar-lhe um toque de vez em quando, para me dar uma ajuda. Eu uso a minha própria cozinha para fazer os bolos.

— Posso fazer isso.

— Vamos incluí-lo no horário. Bem, é melhor regressarmos, antes que Beck envenene alguém.

Com o resto do seu dinheiro e uma porção das gorjetas, Reece dirigiu-se para o armazém. Coisas básicas, lembrou a si mesma. Os essenciais, nada mais. Aquilo não era Newberry Street e ela não tinha dinheiro para prazeres.

Mas, céus, era uma excitação ir comprar mais do que meias novas ou um par de calças de ganga. A ideia iluminou os seus passos até ela conseguir, efectivamente, *sentir-se* bem, ter uma cor saudável nas faces.

Entrou com um rápido retinir do sino que pendia sobre a porta. Havia mais clientes, e reconheceu alguns deles do restaurante. Prego, cebolas extra para o homem com casaco aos quadrados na secção de ferragens. A mulher e o menino que pesquisavam a secção de têxteis — frango frito para ele, salada Cobb para ela.

Passou por um grupo de campistas que estavam a abastecer-se de mantimentos, empilhando-os num dos carrinhos de compras.

Ergueu uma mão num aceno para Mac Drubber e sentiu-se reconfortada com o seu aceno de cumprimento. Era bom reconhecer e ser reconhecida. Tudo tão descontraído e normal. E ali estava ela a olhar para conjuntos de lençóis. Rejeitou imediatamente os brancos simples. Demasiado remi-niscentes de hospitais. Talvez os azuis-pálidos, com o seu padrão de violetas minúsculas. E as toalhas de um amarelo amanteigado, para dar um pouco de luz do sol à casa de banho.

Levou a primeira remessa para o balcão.

— Arranjou uma casa, não?

— Sim. O apartamento por cima da Joanie — disse a Mac.

— Que bom. Quer que abra uma conta para si?

No seu actual estado de espírito, era tentador. Ela podia obter tudo o que precisava, mais algumas coisas que desejava, e pagar mais tarde. Mas isso seria quebrar a regra pela qual vivia há mais de oito meses.

— Não é preciso. Recebi hoje. Só preciso de mais algumas coisas para a cozinha e chega por agora.

Fez a matemática na sua cabeça enquanto revistava, debatia, apagava ou seleccionava o que era absolutamente necessário em detrimento do que podia ser dispensável. Uma boa caçarola de ferro fundido, uma chaleira decente. Não tinha dinheiro para o tipo de equipamento de cozinha que noutros tempos possuía, nem para boas facas, mas conseguiria safar-se.

Enquanto ia calculando, ajustando a sua lista, olhava para a porta de cada vez que o sininho tocava.

Por isso viu Brody entrar. O mesmo casaco de pele gasto, notou ela, as mesmas botas gastas. Parecia ter-se barbeado há poucos dias. Mas aquele ar nos seus olhos, algo que dizia que ele já vira tudo o que havia para ver e não tinha saudades de nada, ainda lá estava quando o seu olhar encontrou o dela antes de ele se dirigir para a secção de mercearia.

Felizmente, ela já percorrera essa área para recolher o que alistara como artigos de despensa e frigorífico.

Empurrou o carrinho para o balcão.

— Isto deve chegar, senhor Drubber.  
— Faça já a conta. Não paga a chaleira. É presente de boas-vindas.  
— Oh, não tem de fazer isso.  
— Na minha loja, sou eu que dito as regras. — Ele agitou um dedo na sua frente. — Já te atendo, Brody.  
— Não há problema. — Brody pousou uma garrafa de leite, uma caixa de flocos de milho e um pacote de café no balcão. Acenou com a cabeça para Reece. — Como está?  
— Bem, obrigada.  
— Reece vai mudar-se para o apartamento por cima da Joanie.  
— Ah, sim?  
— Eu faço a conta e ponho isto nos sacos e tu dás-lhe uma ajuda a levar as coisas para lá, Brody.  
— Oh, não. Não, eu consigo levar.  
— Não pode carregar isto tudo sozinha — insistiu Mac. — Tens o teu carro aí fora, não tens, Brody?  
Ele tinha o fantasma de um sorriso na boca, como se achasse toda aquela situação divertida.  
— Claro.  
— Ias jantar à Joanie, de qualquer maneira, não ias?  
— É o meu plano.  
— Vê, não é transtorno nenhum. Paga com dinheiro ou cartão, querida?  
— Dinheiro, é com dinheiro. — E, deduzindo a chaleira, quase todo o dinheiro que levava.  
— Põe as minhas coisas na conta, Mac. — Brody empilhou as suas compras em cima de uma das caixas que Mac já preparara e levantou-a. Antes de o resto estar terminado, Brody já estava de volta para levar a caixa número dois.  
Encurralada, Reece pegou na última.  
— Obrigada, senhor Drubber.  
— Aproveite bem a casa nova — disse ele enquanto ela seguia Brody até à porta.  
— Não tem de fazer isto. A sério — começou ela assim que chegaram à rua. — Ele deixou-o entre a espada e a parede.  
— Sim, pois foi. — Brody carregou a segunda caixa para a traseira de um *Yukon* preto, depois voltou-se e estendeu os braços para a que Reece estava a carregar. Ela fechou os braços com mais força em sua volta.  
— Eu disse que não tem de fazer isto. Consigo levar as coisas sozinha.  
— Não, não tenho, e não, não consegue. Por isso, façamos um favor

a ambos e acabemos com isto enquanto somos novos. — Ele arrancou-lhe simplesmente a caixa dos braços e meteu-a no carro. — Entre.

— Eu não quero...

— Está a ser uma idiota. Eu já tenho as suas coisas no carro — continuou ele enquanto dava a volta ao carro. — Pode entrar e ir com elas ou pode ir a pé.

Teria preferido a segunda opção, mas isso faria dela imbecil, para além de idiota. Entrou no carro, fechando a porta com força. E, não se importando particularmente com o conforto dele, abriu a janela para não se sentir enclausurada.

Ele não disse nada e, uma vez que a rádio estava a despejar Red Hot Chilly Peppers, ela não teve de inventar qualquer conversa de cortesia durante a curta viagem.

Ele estacionou na rua, depois saiu para puxar uma das caixas de um lado do carro enquanto ela puxava outra do lado oposto.

— A entrada é pelas traseiras. — A sua voz estava entrecortada, surpreendendo-a. Não se lembrava da última vez que se sentira seriamente aborrecida com outra pessoa que não ela.

Teve de estugar o passo para não ir atrás dele e, embora tivesse conseguido ultrapassá-lo nas escadas, atrapalhou-se quando teve de encostar a caixa contra a parede para abrir a porta com a chave.

Brody limitou-se a passar a caixa para outro braço, pegar na chave a abrir a porta.

Uma nova onda de ressentimento inundou-a. Aquela era agora a *sua* casa. Ela devia poder convidar a entrar as pessoas de quem gostava e manter de fora as de que não gostava. E ali estava ele a entrar para ir despejar a sua caixa com as suas preciosas coisas novas em cima da bancada.

E depois saiu outra vez, sem nenhum comentário. Bufando, Reece pousou a sua caixa. Correu para a porta e saiu, esperando apanhá-lo antes que ele pegasse na última caixa.

Mas ele já estava a regressar rapidamente.

— Eu agora posso levar. — A brisa soprou-lhe o cabelo para a frente da cara. Ela deu-lhe um aborrecido puxão para trás. — Obrigada.

— Eu levo. O que raio é que tem aqui dentro? Tijolos?

— Provavelmente é a caçarola de ferro-fundido e os artigos de limpeza. Eu posso levar, a sério.

Ele ignorou-a simplesmente e subiu as escadas.

— Por que raio trancou a porta, se tinha de voltar a entrar?

— Hábito. — Ela deu à chave, mas, antes de se poder voltar para pegar na caixa, já ele tinha entrado para a levar pessoalmente.

— Bem, obrigada. — Ela plantara-se ao lado da porta aberta, sabendo



que não só estava a ser mal-educada como que estava a deixar entrar o ar frio. — Desculpe a imposição.

— Á-hã. — Ele deu meia volta, agora com as mãos nos bolsos. Espaço pequeno e deprimente, pensou, até que se reparasse na vista. Estava tudo na vista. E era limpo, o que seria obra de Joanie. Vazio ou não, Joanie devia ter banido quaisquer poeiras ou teias de aranha pessoalmente.

— Uma pintura não lhe fazia mal — comentou.

— Talvez.

— E aquecimento. Vai congelar esses seus ossos de pássaro, aqui.

— Não vale a pena ligar o aquecimento antes de me mudar, amanhã.

Não quero atrasá-lo mais.

Ele voltou-se, olhou-a nos olhos.

— Não está com medo de me atrasar, só me quer é lá fora.

— Está bem. Adeus.

Pela primeira vez, ele fez um sorriso rápido, genuíno.

— É mais interessante quando está assim irritada. Qual é o prato do dia, hoje?

— Frango frito, batatas, ervilhas e cenoura com molho de salsa.

— Soa bem. — Avançou para a porta, parou directamente na frente dela. Poderia jurar que quase conseguia ouvir o corpo dela encolher-se. — Vemo-nos por aí.

A porta fechou-se silenciosamente nas suas costas, e a fechadura foi trancada antes de ele chegar ao primeiro degrau. Contornou o edifício e, para satisfazer a sua curiosidade, ergueu o olhar quando chegou à fachada principal.

Ela estava à janela central, a olhar para o lago. Magra como um ramo de salgueiro, pensou, com o cabelo soprado pelo vento e olhos profundos e misteriosos. Pensou que mais parecia um retrato numa moldura do que de carne e sangue. E perguntou-se onde teria ela deixado o resto de si. E porquê.

Degelo de Primavera significava lama. Os trilhos e caminhos tornavam-se macios e densos com ela, e as botas espalhavam-na pelas estradas e passeios. No Joanie's, os habitantes que conheciam a sua fúria raspavam-na cuidadosamente dos pés antes de entrarem. Os turistas, que, noutro mês, encheriam os parques e acampamentos e cabanas, chegavam em pequeno número. Mas havia aqueles que vinham por causa do lago, e do rio, que remavam as suas canoas e os seus caiaques sobre as águas frias, e por entre os desfiladeiros cheios de ecos.

Angel's Fist instalava-se no silencioso interlúdio entre as suas enchentes de Inverno e Verão.

Pouco depois do nascer do sol, quando o céu desabrochava em tons de cor-de-rosa, Reece navegava uma das estradas apertadas e acidentadas do outro lado do lago. Era mais um trilho do que uma estrada, pensou ela enquanto virava o volante e abrandava para evitar um buraco na densa lama.

Quando um alce se atravessou no caminho, ela não só soltou uma exclamação de surpreendido deleite como proferiu uma pequena prece de gratidão por estar a andar a menos de quinze quilómetros à hora.

Pronto, cantaria hossanas se não estivesse perdida.

Joanie queria que lá estivesse às sete, e embora se tivesse dado o dobro do tempo que necessitaria, temia chegar atrasada. Ou acabar a conduzir até ao Utah.

Uma vez que estivera ansiosa por passar uma manhã a fazer bolos, não queria definitivamente ir parar ao Utah.

Passou por um grupo de salgueiros vermelhos, como lhe fora dito. Pelo menos pensava que eram salgueiros vermelhos. Depois viu o cintilar de uma luz.

— Passar os salgueiros, virar à esquerda e depois... Boa!

Viu a velha carrinha de caixa aberta *Ford* de Joanie e ergueu mentalmente um punho no ar. E depois parou o carro.

Ela não sabia o que estivera à espera. Uma pequena cabana rústica, talvez. Um pequeno bangaló do oeste. Qualquer um destes ter-se-ia adequado à sua imagem de onde poderia viver a sua patroa impaciente e de língua afiada.

Mas não esperara o estilo e espaço que viu na casa de troncos e vidro, o longo alpendre, os deques que se estendiam para subirem sobre o pântano e se insinuarem na clareira.

Nem esperara um pequeno dilúvio de amores-perfeitos, alegres e em tons de púrpura, a transbordar dos vasos nas janelas. Ela pensou: casinha de chocolate, embora tivesse linhas direitas e práticas em vez de piruetas. Mas havia alguma coisa na maneira como estava enfiada no bosque, como um segredo, que a colocava no mundo da fantasia.

Encantada, ela seguiu as ordens que lhe tinham sido dadas e estacionou, depois saiu para caminhar até às traseiras.

Janelas em todas as direcções, notou Reece. Janelas generosas que ofereceriam vistas da montanha, do pântano, do lago e da cidade. Mais vasos de amores-perfeitos, outros que continham hastes que desabrochariam em narcisos e tulipas e jacintos assim que o tempo aquecesse.

Luzes cintilavam contra as janelas. Viu Joanie através de uma das janelas da cozinha, vestindo uma camisola com as mangas enroladas até aos cotovelos, já a misturar qualquer coisa numa tigela.

Reece aproximou-se da porta e bateu.

— Está aberta!

O facto de a porta não estar trancada fez Reece pestanejar. E se ela fosse um louco com um pau? Não devia uma mulher, especialmente uma mulher que vivia sozinha, considerar essas possibilidades e tomar as precauções básicas? Mas entrou numa arrumada lavandaria, onde um velho casaco de flanela e um disforme chapéu castanho pendiam de ganchos na parede e um par de velhas botas de trabalho aguardavam convenientemente junto à porta.

— Se tem lama nos sapatos, tire-os antes de entrar na minha cozinha.

Reece verificou, baixou os ombros com um ar culpado, depois tirou os sapatos.

Se o exterior da casa fora uma revelação, a cozinha era a resposta a todas as orações.

Espaçosa, bem iluminada, com meio hectare de sólida bancada de trabalho em belíssimos tons de bronze e cobre. Fornos duplos — oh, céus, pensou, um forno de convecção. Frigorífico *Sub-Zero*, notou, quase a tremer de prazer, como uma mulher prestes a fazer amor com um Adónis. Quase salivou ao ver um fogão *Vulcan*, e oh, Jesus, uma misturadora *Berkel*.

Sentiu literalmente as lágrimas queimarem-lhe os cantos dos olhos.

E, juntamente com a eficiência topo de gama, havia o charme. Bolbos de Primavera desabrochavam em pequenos frascos de vidro no peitoril da janela, interessantes rebentos e ervas espreitavam de um vaso de madeira rádica. Havia uma pequena lareira com uma fogueira acesa. E o ar era aromático com os perfumes do pão fresco e da canela.

— Então? — Joanie pousou a tigela que tinha na mão em cima da bancada. — Vai ficar aí embasbacada ou vai pôr um avental e começar a trabalhar?

— Primeiro quero ajoelhar-me.

A bonita boca de Joanie contorceu-se ligeiramente. Depois ela obviamente desistiu e fez um sorriso.

— Do caraças, não é?

— É fabuloso. O meu coração está a cantar. Eu pensei que íamos... — Ela interrompeu-se, pigarreou.

— Cozinhar num velho forno qualquer e trabalhar numa bancada minúscula? — disse Joanie com um riso de troça, enquanto se dirigia para uma máquina de café de aço inoxidável. — É aqui que eu vivo e onde eu vivo gosto de ter algum conforto e um pouco de estilo.

— Estou a ver. Não quer ser minha mãe?

Joanie riu outra vez.

— E gosto da minha privacidade. Sou a última pessoa neste lado da

cidade. Há uns bons quinhentos metros entre mim e a casa dos Mardson. Rick, Debbie e as filhas. A miúda mais nova, já a deve ter visto. Vai com o cão para o lago, sempre que pode.

— Sim. — Reece pensou na menina que vira a atirar a bola à água para o cão apanhar. — Já a vi algumas vezes.

— São bons miúdos. Do outro lado deles, com espaço pelo meio, é a casa do Dick. Aquele com quem a deixei praticar, quando chegou. Velho pateta — disse ela com alguma afeição. — Gosta de fingir que é um homem da montanha, quando na realidade é *gay* como as margaridas em Maio. Para o caso de não ter notado.

— Acho que notei.

— Depois, mesmo por trás, está a cabana que Boyd está a usar. Mais algumas plantadas aqui e ali, mas, na maior parte, são alugadas. Como vê, é um sítio bem sossegado.

— É um sítio lindo. Tropecei num alce. Quero dizer, vi um alce. Não chegámos a ter contacto.

— De vez em quando aparecem e só lhes falta vir bater à minha porta. Não me incomodam, nem quaisquer outros bichos que por aí vêm. A não ser quando começam a bulir com as minhas flores.

Estudando Reece, Joanie agarrou num pano da louça, limpou as mãos.

— Vou beber café e fumar um cigarro. A água está a ferver ali na chaleira. Pode fazer um chá. Vamos estar a trabalhar durante as próximas três horas e, quando começarmos, não gosto de conversa fiada. Primeiro vamos tirar isso da frente.

— Claro.

Joanie pegou num cigarro, acendeu-o. Encostando-se contra a banca-da, soltou uma baforada de fumo.

— Está a perguntar-se o que estou eu a fazer a viver num sítio destes.

— É lindo.

— Comprei-o há quase vinte anos. Ao longo dessas duas décadas, tenho acrescentado, mexido e remexido sempre que me apetece. — Fez uma pausa para beber o seu café, cruzou os tornozelos cobertos de meias cinzentas de malha. — Está agora como eu o imaginei.

Reece tirou a chaleira do fogão.

— Imaginou-o com muito bom gosto.

— E está a perguntar-se, se é assim, porque é que o meu negócio não é mais elegante. Eu digo-lhe porquê — disse ela antes de Reece poder comentar. — As pessoas vêm ao Angel Food porque querem estar confortáveis. Querem boa comida e querem-na depressa e a um bom preço. Eu tive isso em mente quando o abri, há quase vinte anos.

— Tem um bom negócio.

— Bem pode apostar esse seu rabo escanzelado que tenho. Vim para cá porque queria ter o meu e porque queria dar ao meu filho uma vida boa e sólida. Cometi um erro uma vez e casei com um homem que não prestava para mais nada senão para ser atraente. Era mesmo bom nisso, mas não era nada bom para mim e para o meu rapaz.

Agora com cautela, Reece pegou no chá que acabara de fazer.

— Saiu-se bem sem ele.

— Se tivesse ficado com ele, um de nós já estaria morto. — Joanie encolheu os ombros, deu mais uma passa. — Foi melhor para todos quando lhe dei um pontapé no rabo e me vim embora. Tinha algum dinheiro, um bom pé-de-meia. — Os lábios dela moveram-se em algo entre um sorriso e um trejeito de desdém. — Posso ter sido suficientemente estúpida para casar com ele, mas tive a inteligência de manter uma conta bancária à parte e não lhe dizer nada. Matei-me a trabalhar desde os dezasseis anos. A servir às mesas, a ajudar em cozinhas. Comecei a estudar à noite e fiz gestão hoteleira.

— Inteligente. Em tudo.

— Quando me livrei daquele peso em volta do meu pescoço, decidi que se era para me matar a trabalhar, mais valia matar-me a trabalhar para mim e para o meu rapaz. Mais ninguém. Por isso vim aqui parar. Arranjei emprego como cozinheira no que se chamava, na altura, The Chuckwagon.

— O seu restaurante? O Joanie's era The Chuckwagon?

— Hambúrgueres gordurosos e bife estorricado. Mas eu fiquei com ele passados quatro meses. O dono era um idiota e estava a perder couro e cabelo. Vendeu-me aquilo por uma ninharia, vendo que estava prestes a falir. E, quando eu acabei de o convencer, foi mesmo uma ninharia. — A satisfação com essa memória revelava-se no seu rosto. — Eu vivia por cima, eu e o William. Vivemos onde está agora durante o primeiro ano.

Reece tentou imaginar uma mulher com o filho pequeno a partilhar aquele espaço.

— Difícil — murmurou, com os olhos sobre Joanie. — Deve ter sido muito difícil erguer um negócio, criar um filho, fazer uma vida sozinha.

— O difícil não é difícil quando se tem força e um objectivo. Eu tinha as duas coisas. Comprei esta terra, mandei construir uma pequena casa. Dois quartos, casa de banho, cozinha com metade do tamanho desta. E era como um palácio, depois de estar enfiada com um miúdo de oito anos naquele apartamento. Tinha o que queria porque sou uma cabra teimosa, quando preciso. E sou isso a maior parte do tempo, no meu ponto de vista. Mas eu lembro-me, lembro-me muito bem de como foi pegar nas coisas e partir,

deixar o que conhecia, por muito mau que fosse, e tentar encontrar o meu lugar.

Joanie encolheu ligeiramente os ombros enquanto bebia mais café.

— Eu vejo o que recordo quando olho para si.

Talvez visse, pensou Reece. Talvez ela visse alguma coisa do que fazia com que uma mulher acordasse às três da manhã e se preocupasse, duvidasse. Rezasse.

— Como soube? Como é que sabia que era este o seu lugar?

— Não sabia. — Com movimentos rápidos, Joanie esmagou o seu cigarro, depois bebeu o último gole do café. — Era apenas outro lugar, e melhor do que aquele de onde vinha. Depois, acordei uma manhã e era o meu lugar. Foi nessa altura que deixei de olhar para trás de mim.

Reece pousou novamente a sua chávena.

— Está a perguntar-se porque é que uma pessoa com a minha formação está a trabalhar no seu grelhador. A perguntar-se porque é que eu fiz as malas e vim parar aqui.

— Já me tem passado pela cabeça, sim.

Esta era a mulher que lhe dera um emprego, pensou Reece. Que a ajudara com um lugar para viver. Que lhe estava a oferecer, à sua maneira prática, um ouvido.

— Eu não pretendo criar um mistério a este respeito, mas não consigo falar dos pormenores. Ainda são dolorosos. Mas não foi uma pessoa, como um marido, por exemplo, que me fez fazer as malas. Foi... um acontecimento. Eu tive uma experiência, e ela magoou-me, física, emocionalmente. Pode-se dizer que me magoou de todas as maneiras que existem.

Ela olhou o interior dos olhos de Joanie. Olhos fortes, de aço. Não eram olhos cheios de piedade. Era impossível explicar, até para ela própria, como isso tornava tudo mais fácil.

— E quando percebi que não ia conseguir curar-me, não verdadeiramente, se ficasse onde estava, parti. A minha avó já tinha posto a sua vida em espera para cuidar de mim. Já não aguentava mais. Meti-me no meu carro um dia e vim-me embora. Telefonei-lhe, à minha avó, e tentei convencê-la de que estava bem. Que estava melhor e que queria passar algum tempo sozinha.

— É conseguiu convencê-la?

— Nem por isso, mas ela não podia impedir-me. Durante os últimos meses, habituou-se à ideia. Começou a pensar nisto como a Aventura da Reece. É mais fácil para mim colorir a minha vida desta maneira quando se trata de emails ou chamadas telefónicas. E por vezes é verdade. É mesmo uma aventura.

Ela voltou-se para tirar um avental do gancho na lavandaria.

— Seja como for, estou melhor do que estava. Gosto de onde estou, por agora. Para mim, chega-me.

— Então deixemos as coisas assim. Por agora. Quero que me faça massa de tarte. Se eu vir que faz como deve ser, continuaremos daí.

## 5.

Com apenas um punhado de clientes, Linda-gail ficou com o serviço de balcão. Colocou uma fatia de tarte de maçã na frente de Lo, voltou a encher-lhe a chávena de café.

— Temos-te visto muito por aqui, nas últimas semanas.

— O café é bom, a tarte ainda melhor. — Ele espetou um grande pedaço com o garfo, depois sorriu. — A vista não é má.

Linda-gail olhou rapidamente por cima do ombro para onde Reece trabalhava ao grelhador.

— Ouvi dizer que levaste uma tampa, coitado.

— O campeonato ainda agora começou. — Provou a tarte. Ninguém fazia uma tarte como a sua mãe. — Já sabes mais da história dela?

— A história é dela, não é? Só a ela diz respeito.

Ele riu sobre a sua tarte.

— Vá lá, Linda-gail.

Ela tentou manter-se distante, mas, raio, ela e Lo adoravam trocar mexericos, desde que eram miúdos. No que a isso dizia respeito, não havia ninguém com quem mais gostasse de tagarelar do que com Lo.

— É muito metida consigo, não se esquiva ao trabalho, chega a horas e fica até ter tudo feito ou a Joanie a enxotar. — Com um encolher de ombros, Linda-gail encostou-se ao balcão. — Não recebe nenhum correio, pelo que me disseram. Mas mandou pôr um telefone lá em cima. E...

Ele inclinou-se mais, aproximando a cara da dela.

— Continua.

— Bem, a Brenda, do hotel, disse-me que, quando a Reece lá estava, ela empurrou a cómoda para a frente da porta que dá para o quarto do lado. Cá para mim, ela tem medo de alguma coisa, ou de alguém. Não usou o cartão de crédito nem uma vez, e nunca usou o telefone do hotel senão para a Internet, uma vez por dia. O quarto tem acesso de alta velocidade, mas isso custa dez dólares por dia, por isso a linha telefónica é mais barata.

— Parece-me que ela precisa de uma distração.

— Que eufemismo, Lo — disse Linda-gail, indignada. Depois recuou, aborrecida consigo mesmo por ter sido arrastada para um velho hábito. —

Eu digo-te do que é que ela não precisa. Não precisa de um tipo com tesão a farejar-lhe os calcanhares a ver se apanha alguma coisa. Do que ela precisa é de um amigo.

— Eu posso ser um amigo. Eu e tu somos amigos.

— É isso que somos?

Alguma coisa mudou nos olhos dele, na sua face. Lo passou a mão por cima do balcão em busca da dela.

— Linda-gail...

Mas ela olhou noutra direcção, afastou-se e pôs o seu sorriso de empregada.

— Olá, xerife.

— Linda-gail, Lo. — O xerife Richard Mardson subiu para um banco. Era um homem alto, com longos braços, que caminhava com um andar descontraído, e mantinha a paz através da razão e do compromisso quando conseguia, e de uma força de ferro quando não conseguia.

Gostava do café doce e fraco, e já estava a estender a mão para o açúcar quando Linda-gail lhe serviu uma chávena.

— Outra vez a discutir, vocês os dois?

— Só a conversar — disse-lhe Lo. — Sobre a nova cozinheira da minha mãe.

— Ela sabe mesmo o que faz. Linda-gail, não queres mandá-la fazer-me um bife de frango frito? — Deitou duas colheres de açúcar no seu café. Tinha uns límpidos olhos azuis a condizer com o cabelo louro que usava cortado à escovinha. O seu forte maxilar estava sempre bem barbeado, desde que a mulher de há catorze anos o massacrara para se livrar da barba que ele deixara crescer durante o Inverno.

— Andas atrás daquela rapariga magricela, Lo?

— Já fiz algumas tentativas nesse sentido.

Rick abanou a cabeça.

— Precisas de assentar com o amor de uma boa mulher.

— É o que eu faço. Sempre que posso. A nova cozinheira tem um ar de mistério. — Voltou-se no banco, instalando-se melhor para a conversa. — Algumas pessoas dizem que ela se calhar anda em fuga.

— Se anda, não é da polícia. Eu faço o meu trabalho — disse Rick quando Lo ergueu as sobrancelhas. — Não tem cadastro, não tem nenhum mandado pendente. E cozinha um bife dos diabos.

— Já deve saber que ela agora vive aqui em cima. A Linda-gail disse-me agora mesmo que a Brenda, do hotel, lhe contou que Reece manteve a cómoda encostada à porta do quarto ao lado durante a sua estadia. A mim parece-me que a mulher está assustada.

— Talvez tenha alguma razão para isso. — O seu calmo olhar azul



desviou-se para a cozinha. — O mais provável é que tenha fugido do marido, ou do namorado, que lhe costumava bater.

— Esse tipo de coisas é que eu não compreendo, nunca compreendi. Um homem que bate numa mulher não é homem.

Rick bebeu o seu café.

— Há todos os tipos de homens neste mundo.

Quando acabou o seu turno, Reece instalou-se no piso de cima com o seu diário. Tinha o aquecimento ligado nuns conservadores dezoito graus e usava uma camisola de malha e dois pares de meias. Calculava que a poupança por esse lado compensaria o facto de deixar as luzes acesas noite e dia.

Estava cansada, mas era uma sensação agradável. O apartamento, seguro, frugal e arrumado, era-lhe agradável. Mais seguro ainda quando ela prendia um dos dois bancos que Joanie lhe dera por baixo da maçaneta da porta, sempre que estava em casa.

*Outra vez pouco trabalho. Quase toda a gente que apareceu era da terra. Já é demasiado tarde para o esqui ou o snowboard, embora tenha ouvido dizer que alguns dos desfiladeiros da montanha só devem estar abertos daqui a umas semanas. É estranho pensar que há montes de neve lá em cima quando aqui em baixo é só lama e erva castanha.*

*As pessoas são tão estranhas. Pergunto-me se elas não percebem mesmo que eu sei quando estão a falar de mim, ou se acham que isso é apenas natural. Suponho que é natural, especialmente numa cidade tão pequena. Eu estou ao grelhador ou no fogão e sinto as palavras a caírem-me em cima da nuca.*

*Estão todos muito curiosos, mas não me perguntam nada directamente. Suponho que achariam isso pouco delicado, por isso andam às voltas.*

*Amanhã estou de folga. Todo o dia. Estive tão ocupada a limpar a casa e a preparar as coisas na minha última folga que mal reparei. Mas agora, quando vi o calendário, quase entrei em pânico. O que é que eu vou fazer, como é que vou passar um dia inteiro e uma noite sem um trabalho?*

*Depois decidi que gostaria de seguir um desfiladeiro a pé, como tinha planeado quando aqui cheguei. Vou seguir um dos percursos mais fáceis, até o mais longe que conseguir, ver o rio. Talvez as rochas ainda estejam a estalar, como o Lo disse. Quero ver a água branca, as moreias, os prados e pântanos. Talvez esteja alguém a andar de barco no rio. Vou preparar um pequeno lanche para poder levar o tempo que quiser.*

*É um longo caminho, de Back Bay até ao Snake.*

A cozinha estava fortemente iluminada e Reece cantarolava ao som de Sheryl Crow enquanto esfregava o fogão. A cozinha, pensou, estava oficialmente encerrada.

Era a sua última noite no Maneo's — o fim de uma era, para ela — por isso tencionava deixar o seu local de trabalho a brilhar.

Tinha toda a semana de folga, e depois — *depois* — começaria o seu Trabalho de Sonho como *chef* principal do Oasis. *Chef* principal, pensou ela, fazendo uns pequenos passos de dança enquanto trabalhava, para um dos restaurantes de Boston mais chiques, mais na moda. Ficaria à cabeça de uma equipa de quinze pessoas, conceberia os seus próprios pratos de assinatura e poria o seu trabalho entre o dos melhores do ramo.

As horas seriam terríveis, a pressão, insana.

Mal podia esperar.

Ajudara pessoalmente a treinar Marco e, entre ele e Tony Maneo, iam sair-se bem. Sabia que Tony e a mulher, Lisa, estavam felizes por ela. De facto, tinha razão para saber — uma vez que Donna, a sua assistente, não conseguia guardar um segredo — que, naquele momento, estava a ser preparada uma festa para comemorar a sua nova posição e para a despedida.

Imaginava que, por aquela altura, Tony já devia ter despedido os últimos clientes, excepto uma mão cheia de regulares que teriam sido convidados para a sua festa de despedida.

Teria saudades daquele lugar, saudades das pessoas, mas estava na altura de dar o próximo passo. Trabalhara para isso, estudara para isso, planeara-o, e agora estava prestes a acontecer.

Dando um passo atrás, olhou para o fogão, acenou com a cabeça num gesto de aprovação, depois levou os artigos de limpeza para a pequena despensa de serviço para os arrumar.

O estrondo que ouviu lá fora fê-la revirar os olhos. Mas os gritos que se seguiram fizeram-na dar meia volta. Quando o tiro explodiu, ela estacou. Mesmo quando levava a mão ao telemóvel no seu bolso, a porta basculante abriu-se de rompante. Houve um borrão de movimento, e um instante de medo. Viu a arma, viu apenas a arma. Tão preta, tão grande.

Depois ela voou para trás, para dentro da despensa, socada por uma dor quente, indizível, no seu peito.

O grito que nunca libertara soltou-se agora de Reece no momento em que ela se erguia de um pulo da cama, pressionando uma mão contra o peito. Conseguia senti-la, àquela dor, no sítio em que a bala a atingira. O fogo, o choque. Mas, quando olhou para a sua mão, não havia lá sangue; quando esfregou a pele, havia apenas a cicatriz.

— Está tudo bem. Eu estou bem. Foi só um sonho. Estava a sonhar,

pronto. — Mas toda ela tremia quando agarrou na lanterna e se levantou para verificar a porta, as janelas.

Não estava ali ninguém, nem uma alma se movia na rua em baixo, no lago. As cabanas e casas estavam às escuras. Ninguém vinha terminar o que começara dois anos antes. Não queriam saber se estava viva ou não, e, mesmo que quisessem, não sabiam onde estava.

Ela estava viva — apenas um acidente do destino, apenas a sorte do jogo, pensou enquanto passava os dedos sobre a cicatriz que a bala deixara.

Ela estava viva, e era quase a madrugada de um novo dia. E olha, olha ali, é... é um alce a descer ao lago para beber.

— Ora aí está uma coisa que não vês todos os dias — disse ela em voz alta. — Não há disto em Boston. Não há disto quando se passa todos os minutos a tentar andar para cima, andar em frente. Não se vê a luz suavizar a oriente e um alce de joelhos nodosos sair dos bosques para ir beber.

A névoa flutuava junto ao chão, notou ela, fina como lenços de papel, e o lago estava quieto como um espelho. E, ao fundo, a luz acendeu-se na cabana de Brody. Talvez ele também não conseguisse dormir. Talvez se levantasse cedo para escrever, para poder ficar deitado na sua rede a ler à tarde.

Ver a luz, saber que alguém estava acordado como ela, era estranhamente reconfortante.

Ela tivera o sonho — ou a maior parte dele — mas não ficara despedaçada. Isso era progresso, não era? E alguém acendera a luz do outro lado do lago. Talvez ele espreitasse pela janela, como ela estava a fazer, e visse o brilho da sua. Naquela maneira estranha, tinham partilhado a madrugada.

Ficou a ver a luz a oriente riscar o céu de cor-de-rosa e ouro, depois espalhar-se sobre o espelho do lago até a água brilhar como um calmo fogo.

Quando terminou de preparar a sua mochila de acordo com a lista recomendada para longas caminhadas, ela parecia pesar vinte quilos. O percurso era apenas de uns doze quilómetros, para subir e descer, mas ela pensava melhor ser prudente e usar a lista para caminhadas com mais de quinze.

Podia decidir ir mais longe, ou podia fazer um desvio. Ou... fosse como fosse, agora já arrumara tudo e não ia recomeçar do princípio. Lembrou a si mesma que podia parar sempre que quisesse, o número de vezes que quisesse, pousar a mochila e descansar. Estava um dia bonito, límpido — um dia livre — e ela ia aproveitá-lo ao máximo.

Ainda não tinha andado três metros quando ouviu uma saudação.

— Vai fazer umas explorações, esta manhã? — perguntou-lhe Mac. Vestia uma das suas camisas de flanela enfiadas nas calças de ganga e um barrete de lã enterrado na cabeça.

— Pensei fazer um pouco do percurso do Little Angel.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Vai sozinha?

— É um percurso fácil, de acordo com o guia. Está um dia bonito e eu quero ver o rio. Tenho um mapa — continuou. — Bússola, água, tudo o que preciso, de acordo com o guia — repetiu ela com um sorriso. — A sério, tenho mais do que poderia precisar.

— O trilho ainda deve estar cheio de lama. E aposto que esse seu guia lhe diz que é melhor fazer esses percursos em pares. Ou melhor ainda, em grupo.

Dizia, era verdade, mas ela não gostava de grupos. Sozinha era sempre melhor.

— Não vou muito longe. Já tenho feito caminhadas nas Smokies, nas Black Hills. Não se preocupe comigo, senhor Drubber.

— Hoje também estou de folga. Tenho o Leon ao balcão do armazém e a mercearia também está encaminhada. Eu podia ir consigo durante uma hora.

— Está tudo bem, e não é isso que vai querer fazer no seu tempo livre. A sério, não se preocupe. Eu não vou longe.

— Se não está de volta pelas seis horas, mando uma equipa de busca.

— Às seis, não só estou de volta como já tenho os pés de molho. Prometo.

Ajeitou a mochila, depois pôs-se a caminho para contornar o lago e tomar o trilho entre a floresta que seguia na direcção do desfiladeiro.

Manteve o passo lento e fácil e apreciou a luz entrecortada por entre o dossel de árvores. Com o ar fresco no seu rosto e o aroma dos pinheiros e da terra a despertar, os restos do sonho dissiparam-se.

Faria aquilo mais vezes, prometeu-se. Escolheria um percurso diferente e partiria em exploração em todas as suas folgas. Ou, pelo menos, folga sim, folga não. Qualquer dia levaria o carro até ao parque e faria o mesmo, antes que a enchente de Verão deixasse tudo apinhado. O saudável exercício estimularia o seu apetite e ela voltaria a ficar em forma.

E, para a sua saúde mental, aprenderia a identificar as flores selvagens que, segundo o guia, cobririam a floresta e as bermas dos trilhos, as planícies de salva e os prados no Verão. Seria um bom incentivo para ali ficar, assistir à floração.

Quando o trilho bifurcou, ela fez rolar os ombros para ajustar a sua mochila e virou para o caminho que indicava o desfiladeiro Little Angel. A inclinação era pouco acentuada mas constante, por entre o ar húmido protegido pelas coníferas com ninhos nos topos. Enormes pedregulhos jaziam entre os charcos de neve a derreter e os rios de lama onde o seu guia

clamava que uma abundância de flores silvestres vicejaria em mais algumas semanas.

Mas, por agora, Reece pensou que era quase como outro planeta, com tudo em tons desbotados de verde e castanho e em silêncio.

O trilho subia, suavemente ao princípio, pela moreia acima, percorrendo a encosta por entre uma fileira de abetos e caindo para o lado numa profunda, inesperada, ravina. As montanhas espetavam-se para o céu como lanças, os seus pináculos cobertos de neve a brilhar sob a forte luz do sol, e, à medida que o trilho se inclinava cada vez mais, ela lembrou-se de tentar usar o passo aconselhado pelo guia, travando brevemente o joelho a cada movimento. Passos pequenos, recordou ela.

Sem correr, sem pressas.

Depois dos dois primeiros quilómetros, parou para descansar, beber e absorver a paisagem.

Ainda via o cintilar do lago Angel a sudeste. Agora não havia ali qualquer névoa, queimada que fora pelo forte sol num céu limpo. O turno do pequeno-almoço devia estar agora no auge, pensou ela, com o restaurante cheio dos barulhos de loiça e conversas, a cozinha perfumada com o cheiro do bacon e do café. Mas ali tudo era silêncio e espantosamente aberto com o contundente cheiro a pinho.

E ela estava sozinha, completamente, sem qualquer som para além do vento ligeiro que nadava entre as árvores, esculpindo as ervas de um charco onde os patos tratavam das suas vidas. E aquilo, o distante e insistente bater de um pica-pau a tomar o seu próprio pequeno-almoço no bosque.

Continuou a andar, com a subida suficientemente íngreme para os seus quadricípites se queixarem. Antes de ser ferida, pensou Reece, descontente, poderia ter feito aquele percurso a correr.

Não que alguma vez tivesse feito caminhadas, mas era assim tão diferente de marcar a elíptica no ginásio para uma subida de oito quilómetros?

— Mundos — balbuciou ela entre dentes. — Mundos de diferença. Mas eu consigo fazer isto.

O trilho cortava por entre os salgueiros ainda adormecidos, ziguezagueava pelas escarpas. Ao longo da encosta banhada de sol onde ela parou novamente para recuperar o fôlego, viu um pequeno lago pantanoso de onde se ergueu uma garça-real com um peixe a debater-se no bico.

Embora praguejasse consigo si mesma por não ter conseguido pegar na máquina fotográfica a tempo, continuou o seu caminho, arquejante, ao longo do ziguezague, até ouvir o primeiro trovejar do rio. Quando o trilho lamacento bifurcou outra vez, ela olhou melancolicamente o pequeno letreiro que indicava o caminho para Big Angel. Este ia dar bem ao cimo do

desfiladeiro e exigia não só grande resistência como alguns conhecimentos básicos de alpinismo.

Ela não possuía nenhuma dessas coisas, e tinha de admitir que sentia os músculos das suas pernas em choque e os pés gravemente aborrecidos. Tinha de parar de novo, beber de novo, e debateu se devia simplesmente contentar-se com a vista dos pântanos e prados nesta sua primeira excursão. Podia sentar-se numa rocha no ponto onde estava, deixar-se encharcar de sol, talvez ter a sorte de observar alguma vida selvagem. Mas aquele trovejar chamava-a. Pusera-se a caminho para subir o Little Angel, e havia de o subir.

Doíam-lhe os ombros. Está bem, provavelmente exagerara bastante com os artigos na sua mochila. Mas lembrou a si mesma que já chegara a meio do caminho e que, mesmo ao seu passo lento, poderia chegar ao seu objectivo antes do meio-dia.

Cortou por entre o prado, depois subiu o declive lamacento. Quando chegou ao cimo e virou na curva seguinte, teve o primeiro vislumbre da longa e brilhante fita do rio.

O rio entalhava o desfiladeiro com um constante murmúrio de poder. Aqui e ali, amontoados de pedras e grandes rochedos empilhavam-se nas margens como se o rio os tivesse simplesmente deitado fora. Ainda assim, era quase plácido, naquele ponto, quase feérico, enrolando-se entre as íngremes e abruptas paredes no seu caminho para oeste.

Puxou da sua máquina fotográfica, sabendo à partida que uma fotografia não captaria tudo aquilo. Uma fotografia não podia dar-lhe os sons, a sensação do ar, as desconcertantes quedas e selvagens subidas da rocha.

Depois viu um par de caiaques azuis e, deliciada, enquadrou-as na imagem para dar ideia da escala. Observou os homens que remavam, andavam às voltas, ouviu o esbatido som das vozes que deviam estar erguidas à altura de gritos.

Alguém devia estar a ter uma lição, decidiu, depois pegou nos binóculos para ver mais de perto. Um homem e um rapaz — na pré-adolescência, decidiu. O rosto do rapaz era um estudo de concentração e excitação. Ela via-o rir, acenar, e a sua boca mover-se enquanto ele gritava qualquer coisa para o companheiro. Professor?

Continuaram a remar, movendo-se lado a lado, dirigindo-se para oeste.

Lá em cima, no trilho, Reece pendurou os binóculos em volta do pescoço e seguiu-os.

A altura era arrebatadora. À medida que o seu corpo se impulsionava em frente, ela sentia o ardor dos músculos, a vertigem da aventura, e nem uma ponta de preocupação ou ansiedade. O que ela se sentia, percebeu,

era puramente humana. Pequena e mortal e cheia de admiração. Só tinha de inclinar a cabeça para trás e todo o céu lhe pertencia. A ela, pensou, e àquelas montanhas que cintilavam de azul sob a luz do sol.

Mesmo com o frio no rosto, o suor do esforço humedecia-lhe as costas. Na próxima paragem, disse a si mesma, ia despir o casaco e beber meio litro de água.

Arrastou-se para cima, cada vez mais para cima, arquejante.

E estacou, deslizando um pouco para trás, quando viu Brody empoleirado numa larga proeminência rochosa.

Ele mal lhe dispensou um olhar.

— Devia ter adivinhado que era a senhora. Faz barulho suficiente para provocar uma avalanche. — Quando ela ergueu o olhar, preocupada, ele abanou a cabeça. — Talvez esteja a exagerar. De qualquer maneira, fazer barulho num trilho normalmente afugenta os predadores. Os de quatro patas, pelo menos.

Se ela esquecera a possibilidade do urso — e esquecera mesmo — de certeza que esquecera a possibilidade do humano.

— O que é que está a fazer aqui em cima?

— A meter-me na minha vida. — Ele bebeu um trago da sua garrafa de água. — E a senhora? Para além de vir a cantar o «*Ain't No Mountain High Enough*».

— Não vinha nada. — Oh, por favor, não vinha.

— Pronto, não vinha a cantar a música. Era mais a arfá-la.

— Estou a fazer o trilho. É a minha folga.

— Iupi. — Ele pegou no bloco-notas que tinha pousado no colo.

Agora que parara, precisava de um minuto para recuperar o fôlego antes de recomeçar a subida novamente. Podia cobrir o facto de que precisava de um minuto ou dois fazendo alguma conversa.

— Está a escrever? Cá em cima?

— Estou a fazer pesquisa. Vou matar uma pessoa aqui, mais tarde. Ficcionalmente — acrescentou com satisfação quando a cor que o esforço pusera no rosto dela se esvaiu. — É um bom local para isso, especialmente nesta altura do ano. Não há ninguém pelos trilhos no início da Primavera, ou quase ninguém. Ele vai atraí-la cá acima e empurrá-la.

Brody inclinou-se um pouco e espreitou para baixo. Ele já tirara o seu casaco, como ela ansiava por fazer.

— Uma queda longa e cruel. Um terrível acidente, uma terrível tragédia. Mesmo sem querer, ela estava curiosa.

— Porque é que ele faz isso?

Brody limitou-se a encolher os ombros largos dentro da camisa de ganga.

— Essencialmente porque pode.

— Havia pessoas a andar de caiaque no rio. Podiam ver.

— É por isso que lhe chamam ficção. Caiaques — murmurou ele, e escreveu qualquer coisa no seu bloco. — Talvez. Talvez fosse ainda melhor que houvesse caiaques. O que veriam eles? Um corpo a cair. Um grito a ecoar. O baque.

— Oh, bem, deixo isso consigo.

Uma vez que a resposta dele não passou de um grunhido ausente, Reece continuou a andar. Era um pouco irritante, na verdade, pensou. Ele tinha arranjado um bom lugar para descansar e ver a paisagem. Que teria sido o seu lugar se ele ali não estivesse. Mas ela encontraria um outro, encontraria o seu. Era só subir mais um pouco.

Ainda assim, manteve-se bem afastada da berma enquanto andava, e tentou apagar a imagem de um corpo a voar do fim do mundo para cair nas rochas e na água ao fundo.

Ela sabia que estava a atingir a barreira da sua resistência quando ouviu o trovejar novamente. Parando, levou as mãos às ancas e recuperou o fôlego. Antes de poder decidir se era aquele o seu local, ouviu o longo e poderoso grito de um falcão. Ao olhar para cima, viu-o varrer para oeste.

Ela queria seguir o falcão, como se fosse um sinal. Mais uma curva, pensou, só mais uma, e depois sentar-se-ia em esplêndida solidão, desempacotaria o seu almoço e gozaria de uma hora com o rio.

Foi recompensada por esse último esforço com uma vista da água branca. O rio batia e esbofeteava os punhos e dedos de rocha, vomitava contra as torres de pedras, depois derramava-se sobre si mesmo em curtas e espumosas cascatas. O seu rugido preenchia o desfiladeiro e abafava o riso de encantamento de Reece.

Ela conseguira, afinal.

Com alívio, soltou a mochila dos ombros antes de se deixar cair para se sentar numa rocha. Desembrulhou o almoço e ficou satisfeita consigo mesma por estar a comer sofregamente.

No topo do mundo, era assim que se sentia. Calma e estimulada ao mesmo tempo, e absolutamente feliz. Mordeu uma maçã tão estaladiça que chocou os seus sentidos, ao mesmo tempo que o falcão gritava novamente e planava no céu.

Era perfeito, pensou. Absolutamente perfeito.

Ela ergueu os binóculos para seguir o voo do falcão, depois baixou-os para localizar o poderoso curso do rio. Com esperança, começou a observar as rochas, os maciços de salgueiros e choupos, os pinheiros ao fundo, em busca de animais. Um urso podia vir pescar, ou então podia ver algum alce que aparecesse para beber.



Ela queria ver o castor, observar lontras a brincar. Queria simplesmente estar no preciso local onde estava, com os picos por cima, o sol a brilhar e a água num constante rugido em baixo.

Se não estivesse a pesquisar a agreste linha das margens, não os teria visto.

Estavam parados entre as árvores e as rochas. O homem — pelo menos pensava que era um homem — estava de costas para ela, com a mulher de frente para o rio, de mãos nas ancas.

Mesmo com os binóculos, a altitude e a distância tornavam impossível vê-los claramente, mas ela viu a cascata de cabelo negro sobre um casaco vermelho e por baixo de um barrete vermelho.

Reece perguntou-se o que estariam a fazer. A debater um local de acampamento, aventurou, ou um ponto onde entrar no rio. Mas, observando o espaço em volta, não viu sinais de uma canoa ou caiaque. A acampar, então, embora não conseguisse detectar nenhum equipamento.

Encolhendo os ombros, voltou a observá-los. Parecia-lhe indiscreto, mas tinha de admitir que havia nisso uma dose de excitação. Eles não podiam saber que ali estava, bem no alto, do outro lado do rio, a estudá-los como poderia estudar um par de crias de urso ou um grupo de veados.

— Estão a discutir — balbuciou. — É o que me parece.

Havia qualquer coisa de agressivo e zangado na posição da mulher, e, quando ela agitou o dedo na frente do homem, Reece soltou um ligeiro assobio.

— Ah, sim, estás mesmo lixada. Aposto que querias ficar num bom hotel com casa de banho e serviço de quartos e ele te arrastou aqui para cima para montares uma tenda.

O homem fez um gesto como o de um árbitro num jogo de basebol a declarar um batedor «safe», e desta vez a mulher esbofeteou-o. «Au!» Reece pestanejou, e ordenou a si mesma que baixasse os binóculos. Não era correcto estar a espia-los. Mas não conseguiu resistir ao pequeno drama privado e manteve os binóculos apontados.

A mulher empurrou o peito do homem com as duas mãos, depois esbofeteou-o novamente. Reece começou a baixar os binóculos, agora que a feia violência a começava a deixar um pouco nauseada.

Mas sua mão deteve-se e o seu coração deu um pulo quando viu o braço do homem dar balanço para trás. Não conseguiu perceber se foi um soco, uma bofetada ou um golpe com as costas da mão, mas a mulher estatelou-se no chão.

— Não, não, não façam isso — murmurou. — Não. Têm os dois de parar agora. Parem.

Mas, em vez disso, a mulher ergueu-se de um salto, carregou nova-

mente. Antes que o golpe que se preparava para desferir, fosse ele qual fosse, atingisse o seu alvo, foi outra vez atirada para trás, escorregou no terreno lamacento e caiu de novo com força.

O homem aproximou-se e ficou por cima dela, enquanto o coração de Reece ribombava contra as costelas. Ele pareceu estender a mão, como se lhe estivesse a oferecer ajuda para se levantar, e a mulher ergueu-se sobre os cotovelos. Tinha a boca a sangrar, talvez o nariz, mas os seus lábios trabalhavam depressa. A gritar com ele, pensou Reece. Pára de gritar, só vais piorar as coisas.

E as coisas pioraram, pioraram horrivelmente quando ele se sentou em cima da mulher, quando lhe puxou bruscamente a cabeça para cima pelos cabelos e a atirou contra o chão. Sem se aperceber de que se levantara de um pulo, que os seus pulmões lhe ardiam dos próprios gritos, Reece ficou a olhar pelos binóculos quando as mãos do homem se fecharam sobre a garganta da mulher.

Botas a bater contra o chão; o corpo arqueado. E, quando ficou parado, havia o rugido do rio e os ásperos soluços que se soltavam do peito de Reece.

Ela voltou-se, tropeçou, escorregou e caiu com força sobre os joelhos. Depois obrigou-se a levantar-se de novo e correu.

Tudo era um borrão, com as suas botas a escorregar no caminho quando ela começou a descer a escarpa a uma velocidade demente. O coração comprimia-lhe a garganta, tornou-se uma espinhosa bola de terror enquanto ela tropeçava e deslizava em volta dos pronunciados zigzagues. A face da mulher de casaco vermelho transformou-se noutra face, uma com olhos azuis de boneca.

Ginny. Não era Ginny. Não era Boston. Não era um sonho.

Ainda assim, tudo se misturava e fundia na sua mente até ela ouvir os gritos e as gargalhadas, os tiros. Até o seu peito começar a pulsar e o mundo começar a andar às voltas.

Chocou com força contra Brody, debateu-se selvaticamente contra os seus braços.

— Pare com isso. O que é que lhe deu? Está maluca? Quer-se suicidar? — Com a voz severa, ele encostou-a contra a face da rocha, agarrando-a quando os seus joelhos cederam. — Cale-se já! A histeria não serve de nada. O que é que foi? Um urso?

— Ele matou-a, ele matou-a. Eu vi, eu vi. — Porque ele estava ali, ela atirou-se contra ele, enterrou o rosto no seu ombro. — Eu vi tudo. Não era a Ginny. Não era um sonho. Ele matou-a, do outro lado do rio.

— Respire. — Ele recuou, agarrou-a pelos ombros. Baixou a cabeça até os olhos dela encontrarem os seus. — Eu disse, respire. Muito bem, outra vez. Mais uma vez.

— *Okay, okay*, já estou bem. — Ela inspirou, expirou. — Por favor, ajude-me. Por favor. Eles estavam do outro lado do rio, e eu vi-os, com isto. — Ergueu os binóculos com uma mão que simplesmente não conseguia ficar quieta. — Ele matou-a, e eu vi tudo.

— Mostre-me.

Ela fechou os olhos. Não estava sozinha, desta vez, pensou. Estava alguém ali, alguém podia ajudar.

— Pelo trilho acima. Não sei quanto corri para trás, mas é pelo trilho acima.

Ela não queria voltar para trás, não queria ver aquilo outra vez, mas ele agarrara-lhe o braço e estava a conduzi-la.

— Eu parei para comer — disse ela com mais calma. — Para ver a água, e as pequenas quedas. Havia um falcão.

— Sim, eu vi.

— Era lindo. Eu tinha os meus binóculos. Pensei que podia ver um urso ou um alce. Vi um alce esta manhã no lago. Pensei... — Ela sabia que estava a falar demais, tentou rebobinar. — Eu estava a observar as árvores, as rochas, e vi duas pessoas.

— E consegue descrevê-las?

— Eu... eu não consegui ver muito bem. — Ela cruzou os braços sobre o peito. Tinha tirado o casaco e abriu-o sobre a rocha onde tinha almoçado. Para absorver o sol.

Agora tinha tanto frio. Frio até aos ossos.

— Mas ela tinha cabelo comprido. Cabelo escuro, e tinha um casaco vermelho e barrete. Usava óculos escuros. Ele estava de costas para mim.

— O que é que tinha vestido?

— Mm. Um casaco escuro e um barrete cor de laranja. Como as roupas dos caçadores. Ele... eu acho que... Sim, eu acho que ele também tinha óculos escuros. Não lhe vi a cara. Ali, está ali a minha mochila. Deixei tudo onde estava e fugi. Ali, foi ali. — Ela apontou e acelerou o passo. — Eles estavam ali, na frente das árvores. Agora já lá não estão, mas estavam ali, lá em baixo. Eu vi-os. Eu tenho de me sentar.

Quando ela se deixou cair sobre a rocha, ele não disse nada, mas tirou os binóculos do pescoço de Reece. Apontou-os para baixo. Não viu ninguém, não viu sinal de ninguém.

— O que foi que viu, exactamente?

— Eles estavam a discutir. Eu percebi que ela estava zangada, pela posição. Mãos nas ancas. Agressiva. — Ela teve de engolir, concentrar-se, porque o seu estômago começava a agitar-se. E, a tremer, pegou no casaco e vestiu-o. Apertou-o fortemente contra o corpo. — Ela deu-lhe uma estalada, depois empurrou-o para trás e esbofeteou-o outra vez. Ele bateu-lhe,

atirou-a ao chão, mas ela levantou-se e foi atrás dele. Foi então que ele lhe bateu novamente. Eu vi sangue na cara dela. Oh, meu Deus, oh, meu Deus.

Brody não fez mais do que olhar rapidamente na direção de Reece.

— Não vai ficar histérica outra vez. Vai acabar de me contar o que viu.

— Ele baixou-se e agarrou-a pelos cabelos e bateu-lhe com a cabeça no chão, acho eu. Pareceu-me... que ele a estrangulou. — Relembrando a cena, Reece esfregou as costas da mão contra a boca, rezou para não vomitar. — Ele estrangulou-a, e os pés dela estavam a bater no chão, e depois já não estavam. Eu corri, gritei, acho eu, mas estava tanto barulho, com os rápidos, tanto barulho.

— É uma longa distância, mesmo com os binóculos. Tem a certeza disto tudo?

Ela levantou então o olhar para ele, com os olhos inchados e exaustos.

— Alguma vez viu uma pessoa ser morta?

— Não.

Ela levantou-se, pegou na mochila.

— Eu já. Ele levou-a para qualquer lado, transportou o corpo dela. Arrastou-a dali. Não sei. Mas matou-a e está a fugir. Temos de ir buscar ajuda.

— Dê-me a sua mochila.

— Eu posso levar a minha mochila.

Ele puxou-lha da mão, lançou-lhe um olhar de pena.

— Leve a minha, é mais leve. — Encolheu os ombros para soltar a dele, entregou-lha. — Podemos ficar aqui especados a discutir isto. Eu vou ganhar na mesma, mas estaremos a desperdiçar tempo.

Ela enfiou a mochila dele, e claro que Brody tinha razão. Era consideravelmente mais leve. Ela trouxera demasiadas coisas, mas só quisera ter certeza...

— Telemóvel! Sou uma idiota.

— É possível que sim — disse ele enquanto ela enfiava a mão no bolso. — Mas o telemóvel não lhe servirá de nada aqui. Não há rede.

Embora continuasse a andar, ela tentou na mesma.

— Talvez cheguemos a algum sítio onde haja. Vamos demorar tanto tempo a chegar! Poderia ir mais depressa sozinho. Devia ir na frente.

— Não.

— Mas...

— Quem é que viu ser morto antes?

— Não posso falar acerca disso. Quanto tempo vamos demorar a chegar?

— Até chegarmos. E não comece com essa treta do falta-muito.

Ela quase sorriu. Ele era tão brusco, tão rápido, que atirava com o

medo dela para longe. Ele tinha razão. Chegariam quando chegassem. E fariam o que precisassem de fazer nessa altura.

E da forma como os passos dele devoravam terreno, estariam de volta em metade do tempo que ela precisara para fazer o trilho pela primeira vez. Se conseguisse acompanhar o seu passo.

— Fale comigo, pode ser? Sobre outra coisa qualquer? Qualquer coisa. Sobre o seu livro.

— Não. Eu não falo sobre trabalhos em mãos.

— Temperamento artístico.

— Não, é aborrecido.

— Eu não ficaria aborrecida.

Ele lançou-lhe um olhar.

— Aborrecido para mim.

— Ah. — Ela queria palavras, dele, dela. Quaisquer palavras.

— Está bem. Porquê Angel's Fist?

— Provavelmente pela mesma razão porque aqui está. Queria mudar de ambiente.

— Porque foi despedido em Chicago.

— Eu não fui despedido.

— Não deu um murro no seu chefe e foi despedido do *Tribune*? Foi o que ouvi dizer.

— Eu dei um murro no que poderia ser chamado, numa descrição livre, um colega por roubar as minhas notas numa história, e uma vez que o editor, que por acaso é tio do idiota, aceitou a palavra dele em detrimento da minha, eu despedi-me.

— Para escrever livros. É divertido?

— Acho que sim.

— Aposto que matou o idiota no primeiro que escreveu.

Ele olhou-a de relance novamente, e havia uma ponta de divertimento nos seus olhos. Olhos de um interessante tom de verde.

— Tem razão. Espanquei-o com uma pá até à morte. Muito satisfatório.

— Eu costumava ler *thrillers* e policiais. Mas não consigo desde... há algum tempo. — Ela ignorava os protestos dos músculos das suas pernas enquanto continuavam a descida.

Agora, devia, supostamente, estar a caminhar de maneira diferente. Mantendo o corpo para a frente, pisando sobre os dedos dos pés e não nos calcanhares. Como Brody fazia.

— Talvez eu experimente um dos seus.

Ele encolheu os ombros desinteressadamente, mais uma vez.

— Há coisas piores.

## 6.

Caminharam em silêncio por algum tempo, atravessaram o prado, contornaram o pântano. Fora ali que vira os patos, recordou ela, e a garça-real. E o pobre peixe condenado. Sentia o corpo dormente, a mente enevoada.

— Brody?

— Ainda aqui estou.

— Vai comigo à polícia?

Ele parou para beber, depois ofereceu-lhe a garrafa de água. Os seus olhos estavam descontraindo e calmos sobre os dela. Olhos verdes. Escuros, como as folhas no final do Verão.

— Telefonamos da minha casa. É mais perto do que fazer o caminho todo em volta do lago até à cidade.

— Obrigada.

Aliviada, agradecida, Reece continuou a pôr um pé na frente do outro na direcção de Angel's Fist.

Para se manter concentrada, reviu várias receitas na sua cabeça, visualizando-se a medir, a preparar.

— Parece bastante bom — comentou Brody, arrancando-a dos seus devaneios.

— O quê?

— Seja o que for que está aí a fazer. — Bateu com um dedo na sua têmpora. — Camarão grelhado?

Não valia a pena, decidiu ela, não valia mesmo a pena ficar embaraçada. Já passara há muito esse ponto.

— Camarão em salmoura grelhado. Não sabia que estava a falar alto.

— Ela manteve o olhar fixo na sua frente. — É um problema que eu tenho.

— Eu não vejo problema nenhum, para além de agora eu ter ficado com fome e de o camarão não ser coisa que abunde por aqui.

— Eu só preciso de pensar noutra coisa qualquer. Seja o que for. Eu só preciso... oh, bolas, oh, raios. — O seu peito apertou-se e a respiração acelerou. O ataque de ansiedade atirou-lhe simplesmente com uma mão que lhe apertou a garganta. Quando a sua cabeça começou a andar à volta, ela dobrou-se pela cintura, ofegante. — Não consigo respirar. Não consigo.

— Consegue, sim. Está a respirar. Mas, se continua a respirar dessa maneira, vai hiperventilar e desmaiar em cima de mim. E nem pense que vou carregar consigo até casa, por isso acabou. — O seu tom era curto e neutro, e fê-la endireitar-se. Os seus olhares cruzaram-se. — Acabou.

— Está bem. — Ele tinha círculos dourados em volta das pupilas, em volta das orlas exteriores das pupilas. Devia ser isso que tornava os seus olhos tão intensos.

— Acabe de cozinhar o camarão.  
— O quê?  
— Acabe de cozinhar o camarão.  
— Ah, hmm. Adicionar metade do óleo de alho à tigela de camarão grelhado, mexer. Transferir para um prato, guarnecer com gomos de limão e folhas de louro, e servir com *ciabatta* quente e o resto do óleo de alho.  
— Se eu conseguir arranjar algum camarão, pode pagar-me por isto e fazer-me um prato dessa coisa.  
— Claro.  
— O que raio é *ciabatta*?  
Ela não poderia explicar porque é que isso a fez rir, mas a sua cabeça desanuviou-se enquanto conversavam.  
— Um pão italiano. É bom. Vai gostar.  
— Provavelmente. Está a planear melhorar o Joaniês?  
— Não. Não é meu.  
— Já teve um? Um restaurante? Pela maneira como se mexe na cozinha, é óbvio que não é a primeira vez que trabalha num — acrescentou quando ela não disse nada.  
— Trabalhei num. Nunca tive o meu. Nunca quis ter.  
— Porquê? Não é esse o sonho americano? Ter o seu?  
— Cozinhar é uma arte. Ser dona de um restaurante adiciona o factor negócio. Eu só queria... — Quase disse criar, mas decidiu que soaria demasiado pomposo. — Cozinhar.  
— Queria?  
— Quero. Talvez. Não sei o que quero. — Mas sabia, e, à medida que caminhavam pela fresca floresta, ela decidiu dizê-lo simplesmente. — Eu quero ser normal outra vez, deixar de ter medo. Quero ser quem era há dois anos, e nunca vou conseguir. Por isso estou a tentar descobrir quem serei durante o resto da minha vida.  
— O resto é tempo a mais. Talvez devesse perceber quem será durante as próximas duas semanas.  
Ela olhou-o de relance, depois novamente em frente.  
— Posso ter de começar com as próximas duas horas.  
Ele apenas encolheu os ombros enquanto procurava o seu telemóvel. A mulher era um monte de mistério embrulhado em nervos. Podia ser interessante despir algumas das camadas e chegar ao centro de tudo. Ele não pensava que ela fosse tão frágil como acreditava ser. Muitas pessoas não teriam conseguido fazer aquela longa caminhada de volta sem se irem abaixo, depois de verem o que ela vira.  
— Aqui já deve haver rede — disse ele, e discou uns números. — É Brody. Preciso de falar com o xerife. Não. Agora.

Ela não teria discutido com ele, pensou Reece. Havia, no seu tom, uma autoridade de aço, simplesmente porque ele não continha nenhuma urgência nem desespero. Perguntou-se se alguma vez recuperaria apenas uma porção desse tipo de controlo e confiança.

— Rick, estou com Reece Gilmore, a uns quinhentos metros da minha casa no trilho do Little Angel. Preciso que te encontres connosco na minha cabana. Sim, há problemas. Ela testemunhou um homicídio. Foi isso mesmo que eu disse. Ela pode contar-te tudo. Estamos quase a chegar.

Desligou o telefone e enfiou-o novamente no bolso.

— Vou dar-lhe alguns conselhos. Eu odeio conselhos... dá-los ou recebê-los.

— Mas.

— Mas. Vai precisar de ficar calma. Se quer ficar histérica outra vez, chorar, gritar, desmaiar, espere até ele acabar de receber o seu depoimento. Ainda melhor, espere até estar fora da minha cabana, porque eu não quero ter de a aturar. Conte tudo, seja clara e despache-se.

— Se eu me começar a descontrolar, pode fazer-me parar? — Ela sentiu a careta dele antes mesmo de levantar o olhar para a ver. — Quero dizer, interrompa-me, ou bata-me com um candeeiro. Não se preocupe, eu pago. Qualquer coisa que me dê um minuto para me recompor?

— Talvez.

— Estou a sentir o cheiro do lago. Já se vê por entre as árvores. Sinto-me melhor quando vejo água. Talvez devesse viver numa ilha, só que acho que isso podia ser água a mais. Preciso de tagarelar durante um minuto. Mas não tem de me ouvir.

— Eu tenho ouvidos — lembrou-a ele, depois mudou de direcção para tomar o caminho mais fácil para a sua cabana.

Aproximou-se dela pelas traseiras, onde estava enfiada no meio das árvores e arbustos. Ela imaginou que ele poderia ver o anel de montanhas de qualquer janela.

— É muito bonito. Tem uma casa muito bonita. — Mas a sua boca ficou seca quando ele abriu a porta das traseiras. Não estava trancada. Qualquer pessoa podia entrar por uma porta destrancada.

Quando ela não o seguiu, ele voltou-se.

— Quer ficar aí fora a falar com o Rick? O xerife?

— Não. — Reunindo coragem, passou pela porta atrás dele.

Entrou na cozinha. Era pequena, notou ela, mas bem distribuída. Ele limpava como um homem. Uma generalização terrível, pensou, mas a maior parte dos homens que conhecia fora do seu ramo limpava na cozinha apenas as superfícies. Lavar a louça, talvez, limpar as bancadas e está feito.

Havia algumas maçãs e uma banana demasiado madura numa tigela



branca na bancada de pedra cinzenta, uma máquina de café, uma torradeira que parecia mais velha do que ela e um bloco-notas.

Brody dirigiu-se imediatamente à máquina do café, encheu o depósito, mediu o café antes de tirar o casaco. Reece continuou parada junto à porta enquanto ele acabava a bebida e ia buscar três canecas brancas ao armário.

— Humm, tem chá?

Ele lançou-lhe um olhar secamente divertido sobre o ombro.

— Oh, claro. Deixe-me só ir buscar o meu abafador de chá.

— Vou assumir que isso é um não. Não bebo café, deixa-me nervosa. Mais nervosa — emendou quando ele ergueu uma sobranceira na sua direcção. — Água. Água está óptimo. Também deixa a porta da frente des-trancada?

— Não vale a pena trancar nada aqui. Se alguém quisesse entrar, só tinha de dar um pontapé na porta ou partir uma janela. — Quando a viu empalidecer, ele inclinou a cabeça. — O que foi? Quer que vá verificar no armário, espreitar para debaixo da cama?

Ela limitou-se a virar-lhe as costas para tirar a mochila dele dos ombros.

— Aposto que nunca teve medo um só dia da sua vida.

Consegui irritá-la, pensou ele, e preferiu a ponta de insulto e fúria no seu tom aos tremores e nervos.

— Michael Myers.

Confusa, ela voltou-se.

— Quem? O Shrek?

— Jesus, Magrinha, esse é o Mike Myers. Michael Myers. O tipo assustador com uma máscara. *Halloween*? Vi o vídeo quando tinha uns dez anos. Assustou-me para caraças. Michael Myers viveu no meu guarda-fato durante anos depois disso.

Os ombros dela relaxaram um pouco quando ela despiu o casaco.

— Como é que se livrou dele? Ele não estava sempre a voltar, nos filmes?

— Meti uma rapariga no meu quarto quando tinha dezasseis. Jennifer Ridgeway. Uma bonita ruiva com muita... energia. Depois de umas horas no escuro com ela, nunca mais pensei no Michael Myers.

— Sexo como exorcismo?

— Comigo funcionou. — Ele dirigiu-se ao frigorífico, tirou uma garrafa de água. — Se quiser experimentar, diga-me.

— Não me esqueço. — O puro reflexo fê-la agarrar a garrafa que ele lhe atirara ligeiramente. Mas depois quase a deixou cair, e os seus ombros transformaram-se em pedra novamente com o ríspido bater na porta da frente.

— Deve ser o xerife. O Michael Myers não bate à porta. Quer fazer isto aqui?

Ela olhou a minúscula mesa da cozinha.

— Aqui está bem.

— Espere um minuto.

Quando ele foi abrir, ela desenroscou a tampa da garrafa e bebeu a água bem gelada. Ouviu os murmúrios baixos, o pesado bater das botas masculinas. Calma, lembrou a si mesma. Calma, concisa e clara.

Rick entrou, fez-lhe um aceno de cabeça com os olhos calmos e ilegíveis.

— Reece, ouvi dizer que deu com qualquer coisa.

— Sim.

— Vamos sentar-nos aqui, para me poder contar tudo.

Ela sentou-se e começou, esforçando-se por transmitir os pormenores sem atulhar a história principal, sem falhar nada que fosse relevante. Em silêncio, Brody serviu o café e pousou uma caneca na frente de Rick.

Enquanto falava, ela passava com uma mão na garrafa para cima e para baixo, para cima e para baixo, ao mesmo tempo que o xerife tomava notas e a observava. E Brody encostou-se contra a bancada cinzenta, bebendo café, sem dizer nada.

— Muito bem, diga-me. Acha que conseguiria identificar algum deles?

— Ela, talvez. Talvez. Mas não o vi a ele. A cara, quero eu dizer. Estava de costas para mim e tinha um chapéu. Acho que estavam os dois de óculos de sol. Ela estava, ao princípio. Ela tinha cabelo castanho, ou preto. Mas castanho, acho eu. Cabelo castanho comprido. Ondulado. E tinha um casaco vermelho e chapéu. Barrete.

Rick virou-se para olhar para Brody.

— O que é que tu viste?

— Reece. — Brody voltou para a cafeteira, encheu a sua caneca. — Ela estava uns quinhentos metros acima de mim no trilho quando parou. Não podia ter visto o sítio onde isto aconteceu do sítio onde estava sentado, mesmo que estivesse a olhar nessa direcção.

Mardson esticou o lábio inferior.

— Vocês não estavam juntos.

— Não. Como Reece disse, ela passou por onde eu estava a trabalhar, trocámos umas palavras, e depois continuou a andar. Comecei a subir cerca de uma hora depois e dei com ela a descer a correr. Ela disse-me o que aconteceu e eu voltei a subir para onde ela tinha estado.

— Viste alguma coisa, nessa altura?

— Não. Se queres saber onde foi, eu vou buscar um mapa e mostro-te.

— Agradeço, Brody. Reece — continuou Rick quando Brody saiu —, viu algum barco, um carro, uma carrinha? Alguma coisa do género?

— Não. Acho que procurei um barco, mais ou menos, mas não vi nenhum. Pensei que deviam estar a acampar, mas não vi nenhum equipamento, nem uma tenda. Só os vi a eles. Só o vi a estrangulá-la.

— Diga-me tudo o que puder acerca dele. Tudo o que lhe vier à mente — pediu. — Nunca se sabe o que vai sair, o que vai recordar.

— Eu não estava a prestar atenção, sabe. Ele era branco... tenho a certeza. Vi-lhe as mãos, mas estava de luvas. Pretas ou castanhas. Mas o perfil... tenho a certeza de que era branco. Suponho que também podia ser hispânico, ou nativo americano. Era tão longe, mesmo com os binóculos, e ao princípio eu estava só a passar tempo. Depois ela bateu-lhe. Esbofeteou-o duas vezes. Da segunda vez, ele empurrou-a, bateu-lhe. Ela caiu. Aconteceu tudo tão depressa. Ele tinha um casaco preto. Um casaco escuro e um daqueles chapéus de caça cor-de-laranja, ou vermelho-alaranjado.

— Muito bem, é um bom começo. E o cabelo dele?

— Acho que não reparei. — Ela queria tremer. Fora assim da outra vez. As perguntas a que simplesmente não conseguia responder. — O chapéu devia cobri-lo, acho eu, e o casaco. Não me parece que fosse comprido. Eu gritei, acho que berrei. Mas eles não podiam ouvir. Eu tinha a minha máquina, mesmo na minha mochila, mas nunca me lembrei dela. Só fiquei ali especada e depois fugi.

— Sim, acho que podia ter saltado para o rio, tentado atravessá-lo a nado, depois arrastado o homem para as autoridades com o poder da sua vontade. — O comentário de Brody era despreocupado, quando ele voltou com um mapa da área. Brody abriu o mapa sobre a mesa, apontou com o dedo. — Aqui.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Muito bem. — Rick anuiu, levantou-se. — Vou agora mesmo para lá, ver o que há para ver. Não se preocupe, Reece, vamos cuidar deste assunto. Depois volto a falar consigo. Entretanto, quero que tente recordar mais coisas. Qualquer coisa de que se lembre, seja o que for, mesmo que não lhe pareça importante, eu vou querer saber. Percebeu?

— Sim. Sim, está bem. Obrigada.

Depois de se despedir de Brody com um aceno na cabeça, Rick pegou no seu chapéu e saiu.

— Bem. — Reece deixou sair um longo suspiro. — Acha que ele consegue... Ele é competente?

— Não vi nada que me fizesse supor o contrário. Por aqui só há maioritariamente uns bêbados e desordeiros, umas disputas domésticas, miúdos

a roubar pequenas coisas em lojas, umas brigas. Mas ele resolve essas coisas. E há os caminhantes perdidos ou feridos, alpinistas, cenas de trânsito e coisas do género quando os turistas chegam. Ele parece dar conta do recado. É... dedicado, é esse o termo.

— Mas assassínio. Assassínio é diferente.

— Talvez, mas ele é o responsável. E uma vez que aconteceu fora dos limites da cidade, ele vai ter de chamar as autoridades do condado ou do estado. A senhora viu o que viu, avisou a polícia, fez o seu depoimento. Não pode fazer mais nada.

— Não, mais nada. — Como antes, pensou ela, mais nada a fazer. — Acho que me vou embora. Obrigada por... tudo isto — disse ela, levantando-se da mesa.

— Também não tenho nada para fazer. Eu levo-a a casa.

— Não se incomode. Eu posso ir a pé.

— Não seja estúpida. — Ele pegou-lhe na mochila, saiu da cozinha e dirigiu-se para a porta principal.

Porque se sentia estúpida, Reece pegou no seu casaco e seguiu-o. Ele saiu, não lhe dando o tempo que ela teria gostado para estudar e medir a casa. Ela teve uma rápida impressão de simplicidade, de casual desordem e do que lhe pareceu ser o habitat do homem solteiro.

Nada de flores, bugigangas, almofadas ou toques suavizantes na sala quando ela passou. Um sofá, uma única cadeira, uma mesa e o que viu ser uma acolhedora lareira de pedra dominando a parede mais afastada.

Restou-lhe uma impressão de tons de terra, linhas direitas e ausência de futilidade antes de sair pela porta.

— Já lhe dei muito trabalho hoje — começou ela.

— Bem pode crer que deu. Entre.

Ela parou e a gratidão lutou contra o insulto, a indignação e a exaustão. A gratidão perdeu.

— O senhor é um filho da mãe mal-educado, insensível e ofensivo.

Ele recostou-se no seu carro.

— E com isso, quer dizer...?

— Uma mulher foi hoje assassinada. Morreu estrangulada. Percebe? Ela estava viva, agora está morta, e ninguém a pôde ajudar. Eu não a pude ajudar. Tive de ficar ali parada a ver tudo. Sem fazer nada, como da outra vez. Eu vi-o matá-la e só lhe pude dizer a si. Em vez de ficar indignado, e perturbado, e solidário, só se mostrou brusco e presunçoso e desdenhoso. Por isso, vá para o inferno. Preferia fazer mais dez quilómetros pelo trilho acima do que andar três nesse seu estúpido carro machista. Dê-me o raio da minha mochila.

Ele ficou exactamente onde estava, mas já não parecia aborrecido.

— Até que enfim. Já me perguntava se tinha alguma coisa parecida com um feitiço normal, aí dentro. Sente-se melhor?

Sentia-se mesmo, e odiou o facto. Ficou furiosa por a despreocupação dele a ter feito ferver até ela expelir uma grande dose de ansiedade e medo.

— Pode ir para o inferno na mesma.

— Estou a contar com lugar reservado. Mas, entretanto, entre. Teve um dia de merda. — Ele abriu-lhe a porta. — E, só para sua informação: os homens não podem ser presunçosos. Somos psicologicamente incapazes de mostrar presunção. Da próxima vez use *indiferente*. Resulta melhor.

— Que homem irritante e confuso. — Mas ela subiu para o carro.

— Isso também resulta.

Ele bateu com a porta, depois deu rapidamente a volta para o lugar do condutor. Depois de atirar a mochila dela para o banco traseiro, sentou-se ao volante.

— Tem amigos em Chicago? — perguntou ela. — Ou só pessoas que o acham irritante, confuso e indiferente?

— Um pouco das duas coisas, suponho.

— Os repórteres não deviam, supostamente, ser afáveis, para conseguirem que as pessoas lhes contem coisas?

— Não lhe sei dizer, mas também já não sou repórter.

— E os escritores de ficção podem ser carrancudos e solitários e excêntricos.

— Talvez. Pelo menos, esses nomes combinam comigo.

— Perfeitamente — replicou ela, e ele riu-se.

O som surpreendeu-a o suficiente para ela se virar para ver. Ele ainda estava a sorrir quando contornaram o lago.

— Muito bem, Magrinha. Já sabia que tinha espinha dorsal. É bom saber que tem dentes, também.

Mas quando ele encostou na frente do Angel Food e ela olhou para as suas próprias janelas, sentiu a sua espinha dobrar-se e os seus dentes quere-rem começar a bater. Ainda assim, saiu, e teria pegado na sua mochila se ele não a tivesse retirado primeiro do seu lado.

Por isso ela deixou-se ficar no passeio, oscilando entre orgulho e pânico.

— Algum problema?

— Não. Sim. Raios. Ouça, já veio até aqui. Podia só subir comigo, por um minuto?

— Para ter a certeza de que o Michael Myers não está à sua espera?

— Parecido. Sinta-se à vontade para retirar o cumprimento... se é o que isso era... sobre eu ter espinha dorsal.

Ele limitou-se a atirar a mochila sobre o ombro e a dar a volta ao edi-

fício atrás dela. Assim que a viu enterrar a chave na fechadura e destrancar a porta, ele abriu-a pessoalmente e entrou na frente.

Ela diminuiu o seu quociente de insensibilidade. Ele não troçara, não dissera nada, limitara-se a entrar primeiro.

— O que raio é que você faz aqui dentro?

— O quê? Desculpe?

— Não tem televisão — apontou —, não tem aparelhagem de som.

— Eu acabei de me mudar, não foi? Não passo muito tempo aqui.

Ele meteu o nariz em tudo, e ela não o impediu. Não havia grande coisa para ver.

A cama feita com cuidado, o sofá, os bancos de bar. Só que tinha cheiro, qualquer coisa de feminino, notou ele. No entanto, ele não via qualquer sinal do tipo de construção que esperava de uma mulher. Não havia coisas bonitas e inúteis por ali, não havia recordações de casa ou das suas viagens.

— Bom portátil. — Ele bateu com um dedo no computador.

— Disse que tinha fome.

Ele levantou o olhar do computador e apercebeu-se de como a sala quase vazia a fazia parecer tão só.

— Disse?

— Há pouco. Se tem fome, eu podia fazer-lhe uma refeição. Reembolso. Podíamos chamar-lhe reembolso por hoje, e ficávamos quites.

Ela falava com ligeireza, mas ele era bom a ler as pessoas, e aquela pessoa não estava pronta para ficar sozinha. De qualquer maneira, estava com fome, e tinha conhecimento em primeira mão de que ela sabia cozinhar.

— Que espécie de refeição?

— Ah. — Reece passou uma mão pelo cabelo, olhou rapidamente para a cozinha. Ele quase a podia ver fazer o inventário mental das suas provisões. — Podia fazer um frango com arroz rapidamente. Vinte minutos?

— Está bem. Tem cerveja?

— Não. Desculpe. Tenho vinho. — Ela voltou-se para a cozinha. — Um branco agradável. Está gelado.

— Serve. Tem frio?

— Frio?

— Se não tem, tire o casaco.

Ela foi primeiro buscar o vinho e um saca-rolhas. Depois tirou um pacote de dois peitos de frango sem pele do minúsculo congelador. Teria de descongelá-los, pelo menos um pouco, no igualmente minúsculo microondas, mas não havia nada a fazer.

Enquanto levava o seu casaco e o que ele atirara para cima de um banco para a cama-estúdio, Brody abriu o vinho.

— Só tenho copos de água normais. — Ela voltou a entrar na cozinha

para abrir um armário. — Na verdade, o vinho era principalmente para cozinhar.

— Está a servir-me um vinho para cozinhar. Bem, *sláinte*.

— É um bom vinho — disse ela um pouco ofendida. — Eu não ia cozinhar com um vinho que não pudesse beber. É um bom *Pinot Grigio*. Por isso, *salute* é mais apropriado.

Ele serviu um pouco no copo que lhe deu, depois passou a mão por cima da cabeça dela para tirar um outro e serviu-o também. Provou, acenou com a cabeça.

— Muito bem, vamos acrescentar que percebe de vinhos no seu currículo. Onde é que estudou?

Ela voltou-se e começou a trabalhar.

— Em vários sítios.

— Sendo um deles Paris.

Ela pegou em alho e em cebolinho.

— Porque é que me está a perguntar, se o doutor Wallace já lhe contou?

— Na verdade, foi o Mac, que soube pelo Wallace. Ainda não percebeu este ritmo de cidade pequena.

— Estou a ver que não. — Ela tirara uma panela para ferver água para o arroz.

Brody pegou no seu vinho, instalou-se num banco e observou-a.

Competência, pensou. Controlo com um rasgo de poesia. Os nervos que pareciam sempre vibrar à sua volta não soavam nem se mostravam quando ela estava no seu elemento.

O que ela precisava era de comer mais das coisas que cozinhava até aumentar uns sólidos cinco quilos, no mínimo. Quilos que ele imaginava que ela perdera depois do que quer que a pusera a fugir de Boston.

Mais uma vez, ele perguntou-se quem é que ela vira ser assassinado. E porquê. E como.

Ela fez qualquer coisa, rápida e facilmente, com umas bolachas de água e sal, queijo-creme e azeitonas, e uma pitada do que julgou poder ser paprika. Depois arranjou-as num pires na frente dele.

— Entrada. — Ela ofereceu-lhe a sugestão de um sorriso antes de começar a fatiar o frango e a picar alho.

Ele já tinha despachado metade das bolachas — bastante agradáveis — por altura em que ela pôs o arroz ao lume. O ar era pungente com o alho.

Enquanto ele ficava ali sentado, ela tratava de três frigideiras — o frango, o arroz e outra onde ela salteava fatias de pimentos e cogumelos, pequenas árvores de brócolos.

— Como é que sabe como cozinhar isso tudo e ter as coisas prontas ao mesmo tempo?

Ela olhou de relance para trás, e o seu rosto estava relaxado, um pouco rosado do calor.

— Como é que sabe quando terminar um capítulo e começar o seguinte?

— Bem observado. Fica com bom aspecto quando cozinha.

— Cozinheiro melhor do que o meu aspecto. — Ela agitou os vegetais, abanou a caçarola que continha o frango.

Como que para o provar, ela desligou o lume, depois começou a empregar a refeição. Pousou um prato na frente dele, fazendo-o erguer uma sobranceira.

— Vinte minutos. E cheira bem melhor do que a lata de sopa que eu tencionara abrir hoje.

— Fez por merecer. — Ela preparou o próprio prato com porções consideravelmente menores do que as dele antes de dar a volta ao balcão para se sentar ao seu lado. E, pela primeira vez, pegou no vinho.

Ergueu-o ligeiramente num brinde, provou.

— Então? Que tal está?

Ele comeu a primeira garfada, recostou-se na cadeira, como que a ponderar.

— A senhora tem uma cara — começou ele. — Fascinante, à sua maneira, e isso tem muito a ver com esses seus grandes olhos escuros. Sugam completamente um homem e afogam-no, se ele não tiver cuidado. Mas — continuou quando ela pareceu afastar-se dele, apenas um pouco —, talvez cozinhe melhor do que o seu aspecto.

A maneira como o sorriso dela brilhou de gratidão fê-lo mudar de ideias, mas continuou a comer e a apreciar a refeição e a companhia dela mais do que esperara.

— Então, sabe o que se está a passar lá em baixo neste preciso momento? — perguntou-lhe ele.

— No Joaniês?

— Exactamente. As pessoas vêem o meu carro aí na frente, não me vêem lá dentro. Alguém diz alguma coisa, outra pessoa diz: «Eu vi-o subir com a Reece, ou com a cozinheira nova da Joanie. Já lá está há algum tempo.»

— Oh. — Ela expirou fundo. — Oh, bem, não interessa. — Depois ela sentou-se um pouco mais direita. — Interessa? Interessa-lhe o que eles dizem?

— Estou-me completamente nas tintas. E não se importa com o que as pessoas pensam ou dizem a seu respeito?



— Por vezes, sim, demasiado. Outras vezes não me importo nada. Não me importo, por exemplo, que tenha perdido quando apostou com Mac Drubber que eu iria para a cama com Lo.

Os olhos dele iluminaram-se de divertimento enquanto ele continuou a comer.

— Sobrestimei o Lo, subestimei-a a si.

— Parece que sim. E se as pessoas pensarem que estamos a ter alguma coisa durante uns tempos, talvez Lo pare de tentar convencer-me a sair com ele.

— Anda a chateá-la?

— Não, não é isso. E tem estado melhor desde que esclareci as coisas. Mas isto não vai fazer mal nenhum. Por isso, parece que lhe devo mais uma.

— Parece que sim. Ganho mais um jantar com isso?

— Eu... bem, pode ser. — Ela franziu as sobrancelhas, confusa. — Se quiser.

— Quando é a sua próxima noite de folga?

— Aah... — Céus, como é que ela se deixara apanhar tão bem? — Na próxima terça-feira. Tenho o primeiro turno, saio às três.

— Ótimo. Estou cá às sete. Está bem assim?

— Sete. Claro. Claro. Bem, há alguma coisa que não coma, não goste, a que tenha uma alergia?

— Se me vai preparar órgãos internos, não espere que os coma.

— Nada de timo, percebido.

E agora, perguntou-se ela. Ela não conseguia pensar em nenhuma conversa de circunstância, em gambitos sociais. Em tempos fora boa nisso, pensou. Gostara de sair, gostara de se sentar com um homem na frente de uma boa refeição para conversar, rir. Mas o seu cérebro simplesmente já não entrava por essa estrada.

— Ele chegará quando chegar.

Reece encontrou os olhos de Brody.

— Se sou assim tão transparente, vou ter de instalar umas persianas.

— É natural que isso não lhe saia da cabeça. Só o deixou sair um pouco quando estava a cozinhar.

— Por esta altura, já a deve ter encontrado. Quem quer que o tenha feito não a podia ter levado para longe, e se ele a enterrou...

— Seria mais fácil atar-lhe rochas aos pés e atirá-la ao rio.

— Oh, meu Deus! Muito obrigada por essa imagem, de certeza que me vai dançar na cabeça mais tarde.

— Claro, o corpo provavelmente não fica no fundo, com aquela corrente. Vai acabar por vir à superfície algures rio abaixo. Algum tipo que for à pesca vai dar com ela, ou algum caminhante, remador, turista do

Omaha, o que queira. Alguém vai ter uma enorme surpresa quando a encontrar.

— Pode parar com isso? — Mas ela franziu o sobrolho. — Mesmo que ele tenha feito uma coisa dessas, haverá algum sinal, alguma prova do que aconteceu. Sangue. Ele bateu-lhe com a cabeça com muita força. Ou os sítios onde a erva ficou pisada, ou... pegadas. Não é?

— Provavelmente, ele não sabia que uma pessoa o tinha visto, por isso porque é que havia de esconder o seu rasto? Parece-me que ele deverá estar mais preocupado em se livrar do corpo e fugir.

— Sim. Por isso o xerife vai encontrar alguma coisa.

Ela saltou ao ouvir o som de passos lá fora.

— Provavelmente já deve ser ele — disse Brody descontraidamente, e desceu do banco para ir abrir a porta.

## 7.

— Brody. — Rick removeu o chapéu ao entrar. — Reece. — O seu olhar plañou sobre o balcão da cozinha. — Peço desculpa por interromper o vosso jantar.

— Já terminámos. Não é importante. — Embora tivesse os joelhos a tremer, Reece saiu do banco para se aproximar. — Encontrou-a?

— Importa-se que nos sentemos?

Como poderia ela ter esquecido o ritual de quando os polícias apareciam? Pedir-lhes que entrem, que se sentem, oferecer-lhes café. Ela tivera café guardado em casa, nesses dias, para os amigos. Para a polícia.

— Desculpe. — Reece fez um gesto para o sofá. — Por favor. Posso oferecer-lhe alguma coisa para beber?

— Estou bem, obrigado. — Depois de se instalar no sofá, Rick pousou o chapéu no colo e esperou que Reece se sentasse. Como fizera anteriormente na sua própria cabana, Brody deixou-se ficar encostado ao balcão.

Ela soube mesmo antes de ele falar, leu-o no seu rosto. Já aprendera a ler a expressão cuidadosamente neutra que os polícias usavam.

— Não encontrei nada.

E, no entanto, ela abanou a cabeça.

— Mas...

— Vamos devagar — interrompeu Rick. — Porque é que não me conta outra vez o que viu?

— Oh, Deus. — Reece esfregou as mãos com força sobre o rosto, pressionou os dedos contra os olhos, depois pousou as mãos no colo. Sim, claro. Repetir tudo outra vez. Outra parte do ritual. — Está bem.

Ela recitou tudo o que recordava.

— Ele deve ter atirado o corpo para o rio, ou então enterrou-o, ou...

— Vamos ver isso. Têm a certeza da localização? — Olhou de relance para Brody ao perguntar.

— Eu mostrei-lhe o sítio no mapa onde Reece me disse que viu aquilo acontecer. Mesmo ao lado dos pequenos rápidos.

— Do outro lado do rio — disse Rick a Reece, com o tom tão neutro como a sua face. — Àquela distância, pode ter-se enganado. Consideravelmente.

— Não. As árvores, as rochas, a água branca. Não me enganei.

— Não havia qualquer sinal de luta naquela área. Não encontrei nada quando lá fui.

— Ele deve ter apagado a sua pista.

— Talvez. — Mas ela ouviu a dúvida no seu tom, uma ligeira falha na neutralidade. — Vou lá voltar de manhã, quando tivermos alguma luz. Brody? Talvez queiras lá ir comigo, para garantir que estou na área certa. Entretanto, vou fazer algumas chamadas, ver se alguma turista ou residente anda desaparecida.

— Há algumas cabanas espalhadas em volta daquela área. — Brody pegou no vinho que deixara em cima do balcão.

— Passei por algumas das mais próximas. Algumas são minhas, a Joanie também tem um par delas. São para alugar e, nesta altura do ano, não têm grande taxa de ocupação. Não vi ninguém, nem sinal de que estivessem a ser usadas. Também estou a verificar isso. Nós vamos tirar isto a limpo, Reece. Não quero que se preocupe. Brody? Queres vir lá comigo de manhã?

— Claro, posso fazer isso.

— Eu posso ir agora lá abaixo e pedir à Joanie que me dê a manhã de folga, para ir convosco — começou Reece.

— O Brody tinha razão. Acho que um de vós é suficiente. E eu agradecia que não falasse disto a mais ninguém. Vamos verificar tudo antes que as coisas se espalhem. — Rick levantou-se, acenou para Brody. — Posso passar pela tua casa para te ir buscar por volta das sete e meia?

— Lá estarei.

— Tentem aproveitar o resto do vosso serão. Reece, esqueça isto por algum tempo. Não há mais nada que possa fazer.

— Não. Não, não há nada que possa fazer. — Reece permaneceu sentada enquanto Rick enfiava o chapéu na cabeça e saía.

— Ele não acredita em mim.

— Não o ouvi dizer isso.

— Ouviu, ouviu sim. — Uma fúria impotente começava a vir à su-

perfície. — Ouvimos os dois, por baixo de tudo. Brody pousou o seu vinho novamente, aproximou-se dela.

— Porque é que não havia de acreditar?

— Porque ele não encontrou nada. Porque mais ninguém viu o que aconteceu. Porque eu só estou na cidade há umas semanas. Porque, porque.

— Eu tenho essa mesma informação toda e acredito em si.

Ela sentiu os olhos a arder. A vontade de se levantar, pressionar o rosto contra o seu peito e deixar simplesmente as lágrimas correrem era avassaladora. Em vez disso, deixou-se ficar sentada, apertando as mãos com força no colo. — Obrigada.

— Agora vou andando para casa. Talvez queira seguir o conselho do xerife e tirar isto da sua cabeça por agora. Tome um comprimido, vá-se deitar.

— Como é que sabe que tenho comprimidos para tomar?

Os lábios dele curvaram-se num sorriso, apenas um pouco.

— Tome um *Ambien* e deixe-se apagar. Eu digo-lhe o que se passou, de uma maneira ou de outra, amanhã.

— Está bem. Obrigada. — Ela levantou-se para se dirigir à porta e abri-la pessoalmente. — Boa noite.

Satisfeito por tê-la deixado aborrecida em vez de deprimida, ele saiu lentamente sem mais nenhuma palavra.

Ela trancou a porta, verificou-as, verificou as janelas. O hábito fê-la ir imediatamente para a cozinha para lavar os pratos e as panelas, mas depois deu meia volta e ligou o seu portátil.

Ja escrever aquilo tudo, tudo, no seu diário.

Enquanto Reece se sentava na frente do teclado, Rick entrava no gabinete do xerife e ligava as luzes. Pendurou o seu chapéu, o casaco, depois dirigiu-se à pequena copa para preparar uma pequena cafeteira de café.

Enquanto este fervia, ligou para casa. Como esperava, a sua filha mais velha atendeu ao primeiro toque.

— Olá, papá! Posso usar rímel no baile de Primavera? Só um bocadinho, *toda a gente* usa. Por favor?

Ele pressionou os dedos contra os olhos. Ainda não tinha treze anos e já lhe vinha com o rímel e os bailes da escola.

— O que foi que a tua mãe disse?

— Ela disse que ia pensar no assunto. Papá...

— Então eu também vou pensar. Chama a mamã, querida.

— Não podes vir para casa? Podíamos *discutir* o assunto.

Deus o ajudasse.

— Tenho de trabalhar até mais tarde, esta noite, mas discutiremos o assunto amanhã. Chama agora a mãe.

— Mãe! O pai está ao telefone. Ele tem de trabalhar até mais tarde e vamos falar sobre eu usar rímel como qualquer pessoa *normal* amanhã.

— Obrigada pelo boletim. — Soando mais divertida do que perturbada (como é que ela conseguia, perguntou-se Rick), Debbie Mardson surgiu a rir no receptor. — Eu pensava que já vinhas a caminho de casa.

— Vou ficar aqui preso no escritório mais um bocado. Não sei dizer quanto tempo. Por que raio é que aquela rapariga quer usar rímel? Ela tem os teus olhos, as maiores pestanas do Wyoming. — Ele podia vê-las na sua mente, aquela longa curva, os olhos azuis por baixo.

— Pela mesma razão que eu: pestanas finas. E é uma básica ferramenta feminina.

— Vais deixá-la?

— Estou a considerar a hipótese.

Ele esfregou a nuca. Era um homem deploravelmente esmagado em número pelas mulheres.

— Primeiro foi o batom.

— *Gloss* — corrigiu Debbie. — Era *gloss*.

— Seja o que for. Agora é o rímel. Daqui a pouco está a querer uma tatuagem. É o fim do mundo.

— Acho que vamos conseguir adiar a tatuagem por uns tempos. Queres ligar antes de sair? Eu posso aquecer-te o jantar.

— Posso chegar tarde. Comprei uma sanduíche de rolo de carne no Joanie's. Não te preocupes com isso. Dá um beijinho às meninas por mim.

— Está bem. Vê lá, não te canses demasiado, para poderes voltar para casa e beijar-me.

— Não me vou esquecer. Deb? Amo-te.

— E eu a ti. Adeus.

Ele ficou sentado por um minuto na sala em silêncio, a beber o seu café, a comer a sanduíche, a pensar na mulher e nas três filhas. Ele não queria que a sua bebé usasse maquilhagem. Mas ela ia conseguir convencê-lo, já o sabia. A sua mais velha tinha a tenacidade da mãe.

Com um suspiro, enfiou o guardanapo de papel no saco da comida, atirou-o para o lixo. E, servindo-se de uma segunda chávena de café, percorreu na sua cabeça o depoimento de Reece, abrindo caminho — mais uma vez — pelos pormenores, os espaços de tempo. Abanando a cabeça, juntou natas ao café, levou-o de volta para a sua secretária.

Depois ligou o seu computador. Estava na altura de descobrir mais sobre Reece Gilmore para além de que ela não tinha cadastro e que vinha de Boston.

Passou várias horas a pesquisar, a ler, a fazer chamadas e a tomar no-

tas. Quando terminou, tinha um ficheiro, e, após algum debate interno, guardou-o na última gaveta da sua secretária.

Era já muito tarde quando saiu do gabinete, perguntando-se se a sua mulher ainda estaria acordada.

E, quando passou pelo Angel Food, notou que a luz ainda estava acesa no apartamento por cima.

Às sete e meia da manhã, enquanto Reece tentava concentrar-se em panquecas de soro de leite coalhado e ovos mal passados, Brody armava-se com uma garrafa-termo de café e subia para o carro de Rick.

— Bom dia. Obrigado por vires comigo, Brody.

— Tudo bem. Vou pensar nisto como trabalho de pesquisa.

O sorriso de Rick ia e vinha.

— Pode-se dizer que temos um mistério entre mãos. Podes voltar a dizer-me quanto tempo levaste desde a altura em que a Reece diz que viu isto acontecer até que lá chegaste com ela?

— Não sei quanto tempo é que ela levou a descer até onde eu estava. Ela vinha a correr e eu já estava a subir o trilho. Não mais do que dez minutos, talvez. Cinco minutos, diria eu, antes de voltarmos para trás, talvez mais uns dez, quinze, para chegar ao sítio onde ela tinha estado.

— E qual era o estado de espírito dela, quando a viste?

A irritação veio ao de cima.

— Como seria de esperar numa mulher que acaba de ver outra ser morta por estrangulamento.

— Vamos lá, Brody, não fiques a pensar que eu não compreendo a situação. Só que eu tenho de olhar para isto de maneira diferente. Quero saber se ela era coerente, se estava lúcida.

— Passados os primeiros minutos, sim. Tens de ter em consideração que ela estava a quilómetros de qualquer ajuda, de qualquer maneira de pedir ajuda, para além de mim, que era a sua primeira vez naquele trilho. Que estava sozinha, chocada, assustada e impotente enquanto via aquilo acontecer.

— Pelos binóculos, do outro lado do Snake. — Rick ergueu uma mão. — Pode ter acontecido exactamente como ela contou, mas eu tenho de pesar as circunstâncias e a falta de provas. Podes dizer-me que tens a certeza, sem qualquer dúvida, de que ela não se enganou? Talvez tenha visto duas pessoas a discutir, talvez tenha visto mesmo o homem bater na mulher.

Ele pensara muito no assunto na noite anterior. Percorrera pessoalmente todos os pormenores, ponto por ponto. E lembrou a cara dela — húmida e pálida, os olhos enormes, vidrados e fundos.

Uma mulher não evidenciava um tal objecto terror quando testemunhava uma discussão entre estranhos.

— Eu acredito que ela viu exactamente o que disse ter visto. O que ela me disse no trilho e o que ela te contou a ti três vezes no seu depoimento. Ela não trocou nenhum dos pormenores, nem uma vez.

Rick encheu de ar as bochechas.

— Nisso tem razão. Vocês estão envolvidos?

— Em quê?

Rick soltou um ronco de divertimento.

— É impossível não gostar de ti, Brody. És um filho da mãe muito esperto. Vocês os dois estão envolvidos um com o outro?

— Que diferença é que isso faz?

— Qualquer informação faz sempre diferença numa investigação.

— Então porque é que não me perguntas se ando a dormir com ela?

— Bem, eu estava a tentar ser delicado e subtil — disse Rick com o mais leve sorriso afectado. — Mas, tudo bem. Andas a dormir com ela?

— Não.

— Então, tudo bem — repetiu ele.

— E se tivesse dito que sim?

— Então teria de ter essa informação em conta, como um bom agente da autoridade. Os teus assuntos são os teus assuntos, Brody. A não ser, claro, que esses assuntos se espalhem pela cidade com a rapidez com que um gato salta por cima de um rato. Não há nada tão interessante como o sexo, quer para quem o pratica como para quem fala sobre o que os outros praticam.

— Eu preferia praticar do que falar sobre o assunto.

— É o que eu esperaria de ti. — O sorriso veio e desapareceu novamente. — E de mim, para dizer a verdade.

Andaram mais um pouco em silêncio até Rick sair da estrada.

— Este é o ponto mais fácil para chegar ao lugar no rio que me mostraste no mapa.

Brody pendurou uma pequena mochila ao ombro. Mesmo para uma tão pequena caminhada, não era sensato pôr-se a caminho sem algumas coisas essenciais. Andaram por entre campos de salva e floresta, onde a terra macia mostrava pegadas do que Brody reconheceu como sendo de veado, urso e, segundo assumiu, as botas de Rick do dia anterior.

— Não há pegadas humanas na direcção do rio — fez notar Rick. — As minhas de ontem. Claro que podiam ter vindo de outro ângulo, mas eu dei uma boa vista de olhos aqui à volta. Quem tem um corpo nas mãos, quer é ver-se livre dele. Atirá-lo para o rio pode ser o primeiro instinto, a primeira reacção do pânico.

Ele mantinha o passo lento, o olhar revistando o chão e as árvores.

— Ou então enterrá-lo. Haveria sinais disso, Brody. Não vale a pena arrastar um cadáver para longe, e dá muito mais trabalho cavar uma sepultura do que possas imaginar.

Ele pousou as mãos nas ancas, uma delas indolentemente colocada sobre a coronha da sua arma de serviço.

— Isso deixaria sinais, e os animais por aqui iam encontrá-lo bem depressa. Podes ver agora por ti, não há sinais de que alguém tenha entrado ou saído desta área ontem. Vou perguntar-te novamente, há possibilidades de me teres dado a localização errada?

— Não.

Por entre o pinheiro-costeiro, a murta, o sabugueiro, caminharam para noroeste em direcção do rio. O solo estava húmido do degelo, notou Brody. E devia ostentar as pegadas humanas como ostentava as dos veados e alces. Embora visse sinais de que os animais tinham passado por ali, não viu nenhuma pegada humana. Contornaram um matagal e, enquanto Brody parava para olhar, agachando-se no chão em busca de qualquer pista, Rick aguardou.

— Suponho que fizeste isto ontem.

— Fiz — concordou Rick. — Há umas belas bagas por aqui, na estação delas — disse ele num tom casual. — Há as bagas de murta, as de sabugueiro. — Fez uma pausa, depois olhou na direcção de onde vinha já o odor do rio. — Brody, se um homem tentasse esconder ali um corpo, haveria marcas disso. E, por esta altura, suponho eu, os animais já deviam ter captado o cheiro e vindo explorar.

— Pois. — Brody voltou a erguer-se. — Pois, tens razão. Até um espertalhão da cidade como eu sabe isso.

Apesar das circunstâncias, Rick teve de sorrir.

— Mexes-te bastante bem no campo, para um espertalhão da cidade.

— Quanto tempo vou ter de viver por aqui antes de perder o rótulo de espertalhão?

— Pode ser que se desgaste com o uso quando estiveres morto há uns dez, quinze anos.

— Foi o que eu imaginei — disse Brody enquanto começavam a andar novamente. — Também não nasceste aqui — lembrou ele. — Menino do exército.

— Sim, mas a minha mãe instalou-se em Cheyenne antes de eu fazer doze anos, por isso levo-te uns bons anos de avanço. Já sou perito na zona. Estou a ouvir os rápidos.

O rugido baixo passava por entre as faias, álamos e salgueiros ondulantes. A luz do sol tornou-se mais forte e Brody viu-a finalmente reflectida



na água. Do outro lado estava o desfiladeiro, e o local no alto, do outro lado, onde ele estivera com Reece.

— Era ali que ela estava sentada quando viu o que aconteceu. — Escudando os olhos com a palma da mão, Brody apontou para as rochas.

Estava mais fresco ali, pensou Brody, mais fresco junto da água, com o vento a suspirar por entre as árvores. Mas a luz era suficientemente forte para ele ter de tirar os óculos escuros da sua mochila.

— Tenho de dizer, Brody, é longe para caraças. — Rick pegou nos seus binóculos e seguiu a direcção que Brody indicara. — Uma distância do caraças — repetiu. — E com algum encadeamento, também, àquela hora do dia. O reflexo do rio.

— Rick, nós temos tido uma relação amigável, durante este ano que passou.

— Sim.

— Por isso vou perguntar-te directamente. Porque é que não acreditas nela?

— Uma coisa de cada vez. Ela está lá em cima, vê isto acontecer aqui, corre pelo trilho abaixo, onde depara contigo. Entretanto, o que é que o homem está a fazer com a mulher morta? Atira-a para o rio, ela vai aparecer à superfície. E já teria sido vista, muito provavelmente. Não há muito por aqui que pudesse levar um corpo ao fundo, e, pelas tuas contas, só haveria meia hora para o fazer. Se era esse o plano, teria levado tempo. Mais, na minha opinião, do que o tempo que vocês os dois levaram a regressar ao local de onde tinham vista para aqui.

— Ele pode tê-la arrastado para trás daquelas rochas, ou para o meio das árvores. Nós não a teríamos visto do outro lado do rio. Talvez ele tenha ido buscar uma pá, ou uma corda. Sei lá.

Rick conteve um suspiro.

— E viste algum sinal de que alguém tenha andado de um lado para o outro aqui, a arrastar um corpo, a enterrá-lo?

— Não, não vi. Ainda não.

— Agora, nós os dois vamos dar uma volta por aqui, como eu fiz ontem. Não há um único sinal de uma sepultura acabada de cavar. Fica a hipótese de ele a ter arrastado ou carregado daqui para fora, para um carro, para uma cabana. É um longo caminho para se carregar um peso morto, um longo caminho para não deixar um único sinal que algum de nós possa ver.

Voltou-se para Brody.

— Estás a dizer-me que tens a certeza que foi aqui que ela viu aquilo, e eu estou a dizer-te que não vejo nada que indique que alguém aqui passou há um dia, e muito menos de que alguém atirou com uma mulher ao chão e a estrangulou.

A lógica disto era indisputável. E ainda assim.

— Ele cobriu a sua pista.

— Talvez. Talvez. Mas quando raio é que ele fez isso? Ele carregou com ela, arrastou-a para fora de vista, voltou, cobriu a sua pista aqui. E tudo isso sem saber que alguém o tinha visto matar uma pessoa.

— Ou assumindo que ele não tinha visto Reece aqui em cima.

Rick tirou os seus óculos escuros e com eles olhou para o outro lado do rio.

— Então, muito bem, vamos mudar as coisas e supor que sim. Mesmo assim, ele conseguiu limpar tudo nos trinta minutos que me dizes que terão passado. Dá-lhe quarenta e mesmo assim duvido.

— Achas que ela está a mentir? Que inventou tudo? Qual é o objetivo?

— Eu não acho que ela esteja a mentir. — Rick puxou o seu chapéu para trás, esfregou a testa num gesto perturbado. — Há aqui mais coisas, Brody. Quando vos vi juntos ontem, primeiro na tua casa, depois na dela, pensei que houvesse alguma coisa entre vocês. Que talvez soubesses mais acerca dela.

— Mais do quê?

— Vamos então dar aquela volta e eu conto-te. Espero que guardes o que te vou dizer para ti. Creio que és uma das poucas pessoas em Fist que consegue fazer isso.

Enquanto caminhavam, Brody manteve os olhos no chão ou ia estudando a erva. Ele queria, mais do que percebera, encontrar qualquer coisa que provasse que Rick estava errado.

O que significava, percebeu, que estava a esforçar-se por provar que uma mulher estava morta em vez de outra mulher estar enganada.

Mas lembrou-se da cara dela, de como ela lutara por impedir-se de se dissolver na longa caminhada de volta. E como lhe parecera solitária, parada no seu apartamento quase vazio.

— Estive a fazer umas pesquisas acerca dela. — Quando Brody parou e estreitou os olhos, Rick abanou a cabeça. — Eu considero que faz parte do meu trabalho. Se vem uma pessoa nova instalar-se aqui, eu quero saber se está limpa. Fiz o mesmo contigo.

— E eu passei na audição?

— Não me ouviste dizer nada em contrário, pois não? — Fez uma pausa, ergueu o queixo para a sua esquerda. — As traseiras de uma das cabanas da Joanie. É uma das mais próximas, e levámos uns dez minutos a cá chegar. A um bom ritmo e sem carregar nenhum peso morto. Não podíamos ter trazido nenhuma espécie de veículo mais perto do que isto. E, se isso fosse possível, haveria as marcas dos pneus.

— Entraste lá dentro? Da cabana?

— O facto de ter um distintivo não significa que eu possa entrar na propriedade de uma pessoa. Mas eu olhei em volta, espirei pelas janelas. As portas estão trancadas. Fui às outras duas mais próximas, o que inclui a minha. E aí entrei. Não havia lá nada.

Mesmo assim, continuaram, atingiram a cabana, contornaram-na.

— Reece está limpa, se isso te interessa — continuou Rick enquanto Brody espreitava pelas janelas da cabana. — Mas estive envolvida numa coisa há uns anos.

Brody deu um passo atrás, falou cuidadosamente.

— Envolvida em quê?

— Um massacre no restaurante onde trabalhava em Boston. Ela foi a única sobrevivente. Foi baleada duas vezes.

— Jesus Cristo.

— Pois. Foi deixada numa espécie de armário, uma despensa. Um agente de Boston que trabalhou no caso contou-me os pormenores. Ela estava na cozinha. Os outros todos estavam na sala, já tarde. Ela ouviu gritos, tiros, lembra-se, ou pensa lembrar-se, do seu telemóvel. Um dos homens entra, dá-lhe dois tiros. Ela não se lembra de muito mais, ou pelo menos não se lembrava. Não olhou bem para ele. Caiu de costas na despensa e ficou ali até os polícias a encontrarem umas horas depois. O polícia com quem falei disse que ela quase morreu. Ficou em coma depois da cirurgia quase uma semana, e depois a memória dela ficou irregular. E o seu estado mental não era muito melhor do que o estado físico.

Nada, nada do que ele imaginara se aproximava daquilo.

— É o normal, não achas?

— O que eu estou a dizer é que ela teve um esgotamento. Passou uns meses num hospital psiquiátrico. Nunca foi capaz de dar aos polícias detalhes suficientes ou uma descrição. Nunca apanharam quem matou todas aquelas pessoas. Depois ela desapareceu do mapa. O investigador principal do caso entrava de vez em quando em contacto com ela no primeiro ano. Na última vez que tentou, tinha-se mudado, não deixara direcção. Ela tem família, uma avó, mas ela só lhe sabia dizer que Reece se tinha ido embora e que não estava a planear regressar.

Rick parou, olhou longa e lentamente em volta, depois mudou de direcção e refez o caminho de volta. Uma ave canora começou a chamar na sua rápida e aguda canção.

— Eu próprio me lembro de algumas coisas do caso. O massacre apareceu nos noticiários nacionais. Lembro-me de ter pensado, graças a Deus que vivemos aqui, não na cidade.

— Pois, não há armas por aqui.

O queixo de Rick contraiu-se.

— As pessoas por aqui valorizam o seu direito constitucional de usar armas. E respeitam-no. Espertalhão da cidade.

— Esqueceste-te da parte do esquerdalho liberal.

— Eu estava a ser educado.

— Claro — disse Brody brandamente. — Seu lunático de direita.

Rick soltou uma gargalhada.

— Não sei como é que fiquei amigo de um elitista urbano. — Inclinou a cabeça. — Estou surpreendido por não teres ouvido falar desta história, Brody. Sendo um repórter da cidade.

Brody calculou o tempo. Se acontecera imediatamente depois de se demitir do jornal, ele devia estar a cozinhar a sua amargura entre o sol e a espuma de Aruba. Não lera os jornais durante umas oito semanas e boicotara a CNN. Só por princípio.

— Eu fiz o que podemos chamar uma greve às notícias durante uns meses, depois de deixar o *Trib*.

— Bem, suponho que a comunicação social já devia ter esgotado o assunto depois desse tempo. Há sempre outra coisa qualquer com que bombardear o público.

— Constitucionalmente, a Primeira Emenda vem antes da Segunda.

— E é uma vergonha do caraças. Mas voltemos ao assunto. Eu tenho de perguntar. O que foi que aconteceu a Reece? É uma coisa dos diabos para qualquer um ultrapassar, e pode ser que ela ainda não tenha ultrapassado de todo.

— E então, ela, o quê, alucinou um assassínio? Vai-te lixar, Rick.

— Pode ter adormecido, apagado só por uns minutos, e tido um pesadelo. O polícia que trabalhou no caso disse-me que ela era propensa a pesadelos. É uma longa subida, naquele trilho, para uma noviça, e ela devia estar cansada quando chegou ao sítio onde parou. Podia estar com torturas, ainda por cima. Joanie diz que a rapariga mal come, a não ser que ela lhe ponha um prato nas mãos. É muito nervosa, também. Arrastou a cómoda para a frente da porta do quarto ao lado no hotel, manteve-a assim todo o tempo que lá esteve. Nunca desfez as malas.

— Demasiado cautelosa não é maluca.

— Ouve, Brody, eu nunca disse maluca. Mas acho provável que ainda esteja emocionalmente perturbada. — Ergueu as mãos no ar imediatamente. — Retiro a palavra *perturbada* e digo antes *frágil*. É assim que eu estou a ver as coisas porque, quando pegamos em tudo, é a única coisa que há para ver. Não que eu não vá continuar a investigar isto, mas não posso chamar a autoridade estadual nesta altura. Vou perguntar nas Pessoas Desaparecidas, ver se encontro alguém que corresponda à descrição

que ela me conseguiu dar da mulher que viu. Não posso fazer mais do que isso.

— É isso que lhe vais dizer? Que não podes fazer mais nada?

Rick tirou o seu chapéu, passou os dedos pelo cabelo.

— Estás a ver o mesmo que eu estou a ver aqui? Que é nada? Se ainda tens tempo, eu gostaria que viesses comigo enquanto verifico as outras cabanas na vizinhança.

— Eu tenho tempo. Mas porquê eu e não um dos teus ajudantes?

— Porque tu estavas aqui com ela. — De rosto firme, Rick voltou a pôr o chapéu na cabeça. — Vamos chamar-te testemunha secundária.

— Estás a cobrir a tua retaguarda, Rick?

— Se quiseres chamar-lhe assim — disse Rick sem rancor. — Escuta, eu acredito que ela pensa ter visto alguma coisa. Mas não há provas que o sustentem. O que eu penso é que ela adormeceu, teve um pesadelo, e tu tens pelo menos de encarar a possibilidade de que tenha sido isso que aconteceu. Eu não quero tornar-me mais uma das preocupações dela, sejam quais forem, e tenho de trabalhar com factos. O facto é que não há sinal de crime aqui. Não há sinal de alguém tenha sequer aqui estado, já agora, e muito menos nas últimas vinte e quatro horas. Vamos dar uma outra volta no caminho para trás e verificar as cabanas nesta secção. Se encontrarmos alguma coisa, raios, nem que seja a puta de uma bola de algodão, eu chamo a estadual e levo com isto avante. Se não, a única coisa que podemos fazer é ir ligando às Pessoas Desaparecidas de vez em quando.

— Não acreditas nela, simplesmente.

— Neste ponto, Brody? — Rick olhou para o outro lado do rio, ao cimo das rochas. — Não, podes crer que não.

Quando a hora do pequeno-almoço terminou, Reece mergulhou directamente na preparação da sopa do dia. Cozeu feijão, cortou sobras de presunto, cortou cebolas. Joanie não tinha ervas frescas, por isso tinha de se arranjar com as secas.

Era melhor com manjerição e alecrim frescos. E pimenta preta acabada de moer seria um avanço sobre o raio da pimenta cinzenta numa lata na prateleira. E, pelo amor de Deus, como é que podia cozinhar com alho em pó? Como desejava ter sal marinho. E não havia por ali nenhum sítio que vendesse tomates naquela altura do ano que tivessem algum *sabor*?

— Está mesmo cheia de queixas. — Joanie aproximou-se da panela, cheirou. — A mim, parece-me bem.

Estava a falar alto, percebeu Reece.

— Desculpe. Está bem; vai ficar bem. Estou só de mau humor.

— Deu para ver, toda a manhã. E para ouvir. Isto não é um estabelecimento de luxo. Se quer chique, devia ter virado o carro para Jackson Hole.

— Está tudo bem. Desculpe.

— Não lhe pedi as primeiras desculpas e as segundas estão a aborrecer-me. Não tem espinha dorsal, aí dentro?

— Tinha. Ainda está na oficina, em reparação.

Fosse o que fosse que causara o mau humor, o olhar de Reece e a forma brusca como estivera a trabalhar toda a manhã eram preocupantes.

— Disse-lhe que inventasse o que quisesse para a sopa de hoje, não disse? — Joanie manteve a voz seca. — Se quer alguma coisa que não temos aqui, faça uma lista. Depois eu penso se encomendo ou não. Talvez. Se não tem iniciativa suficiente para pedir, não ande depois por aí a murmurar e a dizer mal.

— Está bem.

— Sal marinho. — Com um ronco de desdém, Joanie afastou-se para se servir de uma chávena de café. Daquele ângulo, conseguia estudar Reece sem dar nas vistas. A rapariga estava bastante pálida, notou ela, com olheiras vincadas. — Não me parece que o dia de folga lhe tenha feito muito bem.

— Não, não fez mesmo.

— Mac disse que foi subir o trilho do Little Angel.

— Sim.

— Viu-a regressar com Brody.

— Nós... nós encontrámo-nos no trilho.

Joanie bebeu um longo gole de café.

— Pela maneira como as suas mãos estão a tremer, vai acabar por fatiar a mão em vez dessas cenouras.

Reece pousou a faca, voltou-se.

— Joanie, eu vi... — Interrompeu-se quando Brody entrou na loja. — Posso fazer agora a minha pausa?

Alguma coisa se passa, pensou Joanie, ao ver a forma como Brody parava à espera. Alguma coisa se passa.

— Vá lá.

Reece não correu para o outro lado do balcão, mas esteve perto, e manteve os olhos presos no rosto de Brody. O seu coração martelava-lhe com força nas costelas. E a sua mão estendeu-se para a dele enquanto estava ainda a dois passos de distância.

— Encontrou...

— Vamos lá para fora.

Ela limitou-se a anuir, o que era indiferente, uma vez que ele já estava a puxá-la para a porta.

— Encontrou-a? — repetiu Reece. — Diga-me. Sabemos quem é ela?  
Ele continuou a andar, a mão firmemente presa no seu braço, até terem dado a volta ao edifício para chegarem à base dos degraus que davam para o apartamento de Reece.

— Não encontramos nada.

— Mas... Ele deve tê-la atirado ao rio. — Ela tinha-o visualizado vezes sem conta durante a noite. — Oh, meu Deus, ele atirou o corpo para o rio.

— Eu não disse que não encontramos ninguém, Reece. Eu disse nada.

— Ele deve ter... — Ela interrompeu-se, conteve a respiração. Depois falou com muito cuidado. — Não compreendo.

— Fomos ao lugar onde disse tê-los visto. Cobrimos o terreno desde aí até à estrada e depois outra vez por diferentes direcções. Fomos a cinco cabanas mais próximas na área. Estão vazias, e não há sinais de que tenham tido ocupação recente.

O temor doentio começou no centro da sua barriga.

— Eles não tinham de estar numa cabana.

— Não. Mas tinham de chegar ao sítio onde os viu por algum lado. Não havia nenhuma pegadas, não havia quaisquer marcas.

— Foram ao sítio errado.

— Não. Não fomos.

Ela estava agora de braços cruzados no peito, mas não era a cortante brisa de Primavera que a deixava gelada.

— Isso não é possível. Eles estavam lá. Eles discutiram, lutaram, ele matou-a. Eu *vi*.

— Não disse o contrário. Estou a dizer-lhe que não há nada ali que o apoie.

— Ele vai safar-se. Ele vai simplesmente continuar com a sua vida. — Reece sentou-se pesadamente nos degraus. — Porque eu sou a única pessoa que viu, e não vi o suficiente, e não consegui fazer nada.

— O mundo costuma girar sempre à sua volta?

Ela olhou então para cima, dividida entre choque e infelicidade.

— E como raio é que se sentiria? Estou a ver, limitava-se a encolher os ombros e a ir-se embora. Bem, fiz o que podia, é melhor ir beber uma cerveja e estender-me na rede.

— Ainda é um bocadinho cedo para uma cerveja. O xerife vai ver se foi alguém dado como desaparecido. Vai ao rancho de turismo, aos *B* e *B's*, vai passar por alguns dos parques de campismo. Tem alguma ideia melhor de como tratar do assunto?

— Esse não é o meu trabalho.

— Nem o meu.

Ela ergueu-se de um pulo.

— Porque é que ele não voltou para falar comigo? Porque acha que eu não vi nada — disse ela antes que ele pudesse responder. — Ele acha que eu inventei tudo.

— Se quer saber o que ele pensa, pergunte-lhe. Eu vou dizer-lhe o que sei.

— Eu quero ir lá, ver por mim mesma.

— É consigo.

— Não sei como lá chegar. E talvez você seja a única pessoa a quem eu quero pedir o raio de um favor, mas, sabe? Também é a única pessoa que eu tenho a absoluta certeza de que não matou aquela mulher. A não ser que, entre todos os seus outros talentos, consiga fazer crescer umas asas e voar. Eu saio às três. Pode vir buscar-me aqui.

— Posso?

— Pode, sim. E vai fazê-lo. Porque está tão intrigado com isto como eu. — Ela enfiou a mão no bolso, puxou uma gasta e amarrotada nota de dez dólares. — Aqui tem. Deve dar para o combustível.

E foi-se embora em passos largos, deixando-o a olhar para a nota de dez com um misto de divertimento e irritação.